



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO

THIAGO FERNANDO DE QUEIROZ

**O REAPRENDER DA VIDA DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL:
saberes e práticas em Tecnologias Assistivas**

MOSSORÓ/RN

AGOSTO/2023

THIAGO FERNANDO DE QUEIROZ

**O REAPRENDER DA VIDA DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL:
saberes e práticas em Tecnologias Assistivas**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado Rio Grande do Norte (UERN), Linha de Pesquisa Formação humana e desenvolvimento profissional docente, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

MOSSORÓ/RN
AGOSTO/2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Q3r Queiroz, Thiago Fernando de
O REAPRENDER DA VIDA DE UMA PESSOA COM
DEFICIÊNCIA VISUAL: saberes e práticas em Tecnologias
Assistivas. / Thiago Fernando de Queiroz. - Mossoró/RN,
2023.

168p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Reaprender da Vida. 2. (Auto) Biografia. 3. Saberes
e Práticas. 4. Tecnologias Assistivas. 5. Deficiência Visual.
I. Aguiar, Ana Lúcia Oliveira. II. Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte. III. Título.

THIAGO FERNANDO DE QUEIROZ

**O REAPRENDER DA VIDA DE UMA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL:
saberes e práticas em Tecnologias Assistivas**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC) da Universidade do Estado Rio Grande do Norte (UERN), Linha de Pesquisa Formação humana e desenvolvimento profissional docente, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: 25 / 08 / 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar – PhD em Educação
Orientadora – POSEDUC/FE/UERN

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros
Examinador Externo Titular - POSENSINO/UFERSA

Prof.^a Dr.^a Normandia de Farias Mesquita Medeiros
Examinador Interno Titular - POSEDUC/FE/UERN

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que passaram por minha vida e que de algum modo colaboraram com a minha formação ético-moral.

Dedico também este trabalho a minha mãe Francisca Fernandes e meu pai Daniel Queiroz, meus avós paternos e maternos, tios, primos, amigos, colegas, instituições que lutam pelos direitos da pessoa com deficiência, professores e a minha amada Orientadora Prof.^a Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de viver, pela minha família, pela cidade onde nasci, pela cidade onde cresci, pelas pessoas que conheci, pelos lugares onde viajei, pelas escolas onde estudei, pelas universidades onde me formei, pelos professores que tive, pelos amigos e colegas que constitui durante o meu processo do viver; e, por todas as experiências positivas e negativas que passei, pois, elas de algum modo, me ajudaram a ser quem sou.

Aos meus pais que me criaram e me ensinaram valores que guardarei em toda minha vida. Meu pai, Daniel Praxedes de Queiroz, é um desbravador e determinado em conquistar seus objetivos, com fins a auxiliar a sua família e a quem conhece. Sua marca de patriarca fica quando ele sai de sua terra, o Sítio Pinhão, e vai morar em Santos/SP. Minha mãe, Francisca Martir Lassalette Fernandes, que em tudo o que fez, deu o seu melhor, em minha educação, em seus trabalhos, nas amizades e como serva do nosso Deus vivo. Amo demais meus pais e sempre buscarei honrá-los, devo muito a eles.

Ao meu avô e avó paternos, Zacarias Francelino de Queiroz e Maria Augusta de Queiroz. Eles foram guerreiros, não tive como conhecer minha avó Maria Augusta, pois ela faleceu quando meu pai era criança, mas, tenho orgulho por saber que ela era uma pessoa muito amável e companheira. Meu avô Zacarias Francelino foi um grande guerreiro e um exemplo de patriarca, agricultor e trabalhador, tive a oportunidade de conversar com ele por diversas vezes, todavia, não está mais em nosso meio; porém, agradeço demais por tudo o que ele me ensinou.

Meu avô e minha avó maternos, José Fernandes de Queiroz, um homem valente, destemido, só tinha terra nas unhas, mas, com muita fé em Deus, conseguiu constituir e possuir terras para plantar. Pela história de meu avô materno é que luto, ele foi inspiração para mim, e devo muito a ele, saudades vovô! A minha vó Rita Fernandes, que sempre garantiu a todas as pessoas uma boa recepção em sua casa, te amo vovó!

Ao meu padrinho de batismo e tio paterno Francisco de Assis dos Santos, ele sempre foi e é um exemplo de um ser intelectual, amante da leitura, da política, da informação social e da comunicação. O “Padrinho Chico” como costume chamar, tem uma enorme influência em minha vida e na construção de meu caráter político e social. Obrigado por tudo Padrinho!

Aos meus tios paternos, Tia Raimunda, Tio Chico Preto, Tio Chico Branco, Tio César, Tia Adesilva, Tia Nelsimar, Tio Sinval, Tia Ilaneide, Tia Ivanete, Tio Iranaldo, Tio Iranildo e Tio Ivanildo.

Aos meus tios maternos, Tio Marcondes, Tio Galego, Tio Rossival, Tio Herodites e o saudoso Tio Diogão.

Aos meus eternos vizinhos do Bairro Dique do Pompeba, em São Vicente/SP, Cida, Seu Dito, Cecília, Soró, Cléia, Seu Zé, Dona Cleuza, Dona Alzira, Marisa, Seu Ivo, Gidalva, Lucimar, Dilson, Fabinho, Nalva, Erick, Héctor, Tereza, Paulo Henrique, Adão, Deter, Gilson, Letícia, Almira, Juninho, Bibi, Julhinho, Alvanir, Dona Nô, Dona Nice, Newmackson, Dal, Wagner, Seu Nilson, Dejanira, meus primos Gilson Oliveira, Leoneide Oliveira e Adão Fernandes, entre outros que não lembro os nomes, entretanto, me ajudaram em minha educação.

As minhas primas que considero como mães, Prima Francisca das Chagas e Maria Lucicleide, sempre serei grato por tudo o que vocês fizeram por mim.

As escolas onde estudei, Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Jacob Andrade Câmara no Bairro Cidade Náutica e Escola Estadual Professor Ênio Vilas Boas no Bairro Jardim Pompeba, na cidade de São Vicente/SP.

Todas as instituições de ensino na cidade de Mossoró/RN onde estudei, SENAC, CONVEST, DARWIN, CADV, UERN, UFERSA e UNP.

Aos meus amigos e amigas, colegas e conhecidos que me apoiaram e me ajudaram a chegar até aqui, em especial, minha amiga Lúcia de Fátima Rebouças de Souza.

A minha madrastra Marizete Leal, por cuidar tão bem de meu pai, nossa família lhe agradece muito.

A minha futura esposa, Rute Lopes Fernandes, que chegou em minha vida quando eu menos esperava. Louvo e agradeço a Deus porque ela é tudo o que pedia em minhas orações desde criança. Além disso, agradeço por sua família ter me abraçado, sua filha Michele Fernandes do Nascimento, sua irmã Raquel Lopes Fernandes e seu filho Ricardo Pereira da Silva Júnior, e sua mãe Elenice Lopes Vieira.

Quero expressar minha gratidão profunda e sincera à incrível Rute Lopes Fernandes por seu excepcional trabalho na correção da minha dissertação. Seu zelo, seu olhar meticuloso, o cuidado minucioso e a imensa paixão que ela dedicou ao processo de finalização são verdadeiramente inestimáveis.

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão aos ilustres membros titulares da minha banca de defesa da dissertação, o Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros e a Prof.^a Dr.^a Normandia de Farias Mesquita Medeiros. Da mesma forma, estendo meus sinceros agradecimentos aos membros suplentes, a Prof.^a Dr.^a Lia Matos Brito de Albuquerque e a Prof.^a Dr.^a Giovana Carla Cardoso Amorim.

Além disso, desejo expressar minha imensa gratidão à Secretária do POSEDUC, Adiza Cristiane Avelino Bezerra, cujo trabalho desempenhou um papel fundamental em todo o

processo de minha formação durante o período do Mestrado. Seus esforços incansáveis foram essenciais para o sucesso deste percurso acadêmico e merecem reconhecimento especial.

Por fim, quero agradecer a minha eterna orientadora, a Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar – PhD em Educação, que desempenhou um papel fundamental na minha formação. Através dos seus ensinamentos e do exemplo que representou como ser humano íntegro e honesto, aprendi a verdadeira importância da inclusão. Além disso, compreendi o valor de trabalhar em parcerias. Sou e serei eternamente grato a essa notável mulher, que originou da Ilha de Fernando de Noronha e compartilhou o seu encanto com todos aqueles que tiveram o privilégio de conhecê-la. Como ela costuma dizer: “O bom da viagem, é a viagem!” Isso significa que o melhor da viagem está na própria jornada e no amor que a cerca.

Torne as suas dificuldades em oportunidades!
Faça isso para demonstrar a você mesmo que
você é capaz, não importa as palavras negativas
que soltem para você, continue em suas
caminhadas e não desanime e nem mesmo
desista, vai à luta. As pessoas não acreditam em
seus sonhos porque eles são seus, então, não se
prenda aos pensamentos e falas daquelas
pessoas que não sonham como e com você!!!

(Thiago Fernando de Queiroz, 2023).

RESUMO

O enfoque das experiências dos sujeitos em suas ações autônomas e em seus estudos acadêmicos por meio das tecnologias assistivas são voltadas a permitir a pessoa com deficiência a igualdade de condições e oportunidades no exercer das atividades em sua vida cotidiano. Esta pesquisa tem como objetivo compreender o reaprender da vida por meio dos saberes e práticas em tecnologias assistivas de uma pessoa com deficiência visual. Com esse entendimento, transitaremos pelos conceitos de memória, saberes/práticas, tecnologia assistiva, experiência e inclusão, no rastro do que nos ensina sobre memória individual e coletiva em Haulbwachs (1990); o conceito de saberes da experiência apontado por Josso (2010) e por Bondía (2002); saberes e práticas de inclusão em Mantoan (2004); o esperar (1992) e autonomia em Freire (1996). A metodologia da pesquisa (auto) biográfica visa obter dos sujeitos da pesquisa os conhecimentos das experiências de vida, ao qual, em determinados aspectos, se observa nuances científicas, pois, analisa as peculiaridades da vivência de cada ser, onde se obtém dados pertinentes e relevantes para a ciência social. Apresentou os impactos sociais dos saberes e práticas das tecnologias assistivas na vida de uma pessoa com deficiência visual. Os processos e sentimento que os narradores desse estudo construíram no caminho para traçar seu objetivo de vida, mostra a pertinência da autobiografia e o como o processo das vivências e memórias do sujeito são singulares e torna o sujeito protagonista de sua história.

Palavras-Chave: Reaprender da Vida; (Auto) Biografia; Saberes e Práticas; Tecnologias Assistivas; Deficiência Visual.

ABSTRACT

The focus on the subjects' experiences in their autonomous actions and in their academic studies through assistive technologies is aimed at allowing people with disabilities equal conditions and opportunities in carrying out activities in their daily lives. This research aims to understand the relearning of life through the knowledge and practices in assistive technologies of a person with visual impairment. With this understanding, we will move through the concepts of memory, knowledge/practices, assistive technology, experience and inclusion, following what Haulbwachs (1990) teaches us about individual and collective memory; the concept of knowledge from experience highlighted by Josso (2010) and Bondía (2002); inclusion knowledge and practices in Mantoan (2004); hope (1992) and autonomy in Freire (1996). The methodology of (auto) biographical research aims to obtain from the research subjects knowledge of life experiences, which, in certain aspects, scientific nuances are observed, as it analyzes the peculiarities of the experience of each being, where pertinent data and relevant to social science. It presented the social impacts of the knowledge and practices of assistive technologies in the life of a person with visual impairment. The processes and feelings that the narrators of this study constructed on the way to outlining their life goals show the relevance of autobiography and how the process of the subject's experiences and memories are unique and makes the subject the protagonist of their story.

Keywords: Relearning of Life; (Autobiography; Knowledge and Practices; Assistive Technologies; Visual impairment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Laudo Oftalmológico	30
Foto 2 – Professor Antônio Fernandes e a Turma do Curso Técnico em Logística	61
Foto 3 – Roda de Conversas sobre a Lei Brasileira de Inclusão no Colégio Diocesano	65
Foto 4 – Eu, meu pai e minha mãe	73
Foto 5 – Minicurso sobre Tecnologias Assistivas	102
Foto 6 – Formação aos Professores da Educação Especial de Mossoró	109
Foto 7 – Entrega da Placa no Referendo Microfone Braille	110
Foto 8 – Título de Cidadão Baraunense entregue pela Vereadora Graça	112
Foto 9 – Pessoas com deficiência visual no Restaurante	113
Foto 10 – Foto de Marlos Luiz Bezerra Fernandes	119
Foto 11 – Foto da Colação de Grau de João Paulo Barbosa	134
Foto 12 – Foto de Alexandre Robério Ribeiro dos Santos.....	138

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADVM - Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró.

AEE - Atendimento Educacional Especializado.

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

BPC - Benefício de Prestação Continuada.

CAP - Centro de Apoio Pedagógico e Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior.

CADV - Centro de Apoio ao Deficiente Visual.

CIDPCD - Convenção Internacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência.

CMDPD – Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência.

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico.

CNS - Conselho Nacional de Saúde.

CONSEPE - Câmara de Ensino do Conselho, Ensino, Pesquisa e Extensão.

CREDEV - Centro de Reabilitação e Educação dos Deficientes Visuais.

DAIN - Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas.

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio.

ERNAB - Encontro de Narrativas (Auto) Biográficas.

FAD - Faculdade de Direito.

FE - Faculdade de Educação.

LBI – Estatuto da Pessoa com deficiência - Lei Brasileira de Inclusão.

LDB - Lei e Bases da Educação.

MEC - Ministério da Educação.

NAPPB - Núcleo de Apoio Pedagógico e Produção Braille.

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil.

PAI – Plano de Atendimento Individualizado.

PEI – Plano de Ensino Individualizado.

PNE - Plano Nacional de Educação.

POSEDUC - Programa de Pós-Graduação em Educação.

PSV - Processo Seletivo Vocacional.

SEADIS - Seminário de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão Social.

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio.

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.

TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecimento.

UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

UNP - Universidade Potiguar.

SUMÁRIO

EU FICO IMAGINANDO, JUNTANDO O ONTEM, O AGORA E O DEPOIS	16
CAPÍTULO 1. SABERES E MEMÓRIAS EM HISTÓRIAS DE MIM	22
1.1 O aprender a aprender a ser e a conviver como uma pessoa com deficiência visual	23
1.2 As vivências e dificuldades na aprendizagem	41
1.3 O conhecer e encontros com as tecnologias assistivas	51
1.4 O porquê dos porquês do sonho de um diálogo com a autobiografia	63
CAPÍTULO 2. OS LUGARES QUE ME PERMITIRAM CONHECER O AROMA DA LIBERTAÇÃO	72
2.1 Você é assim um sonho para mim: O Êxodo a uma nova terra	73
2.2 E quando eu não te vejo, penso em você até o amanhecer a ADVM	81
2.3 Você deságua em mim e eu oceano: a UERN	96
2.4 O que eu fiz com o que você me fez lá: O CADV.....	106
CAPÍTULO 3. APRENDENDO A SER COM AS VIVÊNCIAS DE QUEM VIVE AS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS	117
3.1 Marca de Três Décadas de Encontros com a Inclusão	118
3.2 A Busca da Construção do Direito	127
3.3 Um Baixa Visão com visão da transformação	137
3.4 O aprender de quem vive as tecnologias assistivas	147
A ESPERANÇA ELA RENASCE EM MEU CORAÇÃO E A CERTEZA DE QUE PERTO ESTÁS	163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167

EU FICO IMAGINANDO, JUNTANDO O ONTEM, O AGORA E O DEPOIS

Esta dissertação surge para demonstrar o protagonismo social de uma pessoa com deficiência visual que nasceu com uma baixa visão leve, perpassou pela baixa visão moderada, baixa visão severa e atualmente está com a cegueira legal, e utiliza em seu cotidiano as tecnologias assistivas para atuar em sociedade. Com vistas a obter a igualdade de condições em seus estudos, no trabalho e em seus projetos pessoais.

O enfoque das experiências dos sujeitos da pesquisa estará em suas ações autônomas e em estudos acadêmicos por meio das tecnologias assistivas. Sendo os diversos tipos de recursos digitais ou não, metodologias, práticas e ações voltadas a permitir que as pessoas com deficiência tenham a igualdade de condições e as oportunidades no exercer das atividades em sua vida cotidiana.

Não foi fácil aprender a conviver e a ser uma pessoa com deficiência visual, visto o meu contexto e histórico-familiar, dos lugares, da época em que nasci e dos paradigmas sociais do passado e do presente. Muitas dores, choros, preconceitos, julgamentos e culpas internas advindas de minhas capacidades e potencialidades, porém, todas essas vivências permitiram um novo construir de saberes; uma quebra de paradigmas internos, e, essa dor fez com que a luta não somente fosse por mim, mas, de mim para o outro, com o outro e onde as barreiras se apresentam.

A dissertação intitulada **O reaprender da vida de uma pessoa com deficiência visual: saberes e práticas em Tecnologias Assistivas**, objetiva compreender o reaprender da vida por meio dos saberes e práticas em tecnologias assistivas de uma pessoa com deficiência visual. Pela metodologia da narrativa (Auto) biográfica, com fundamento em Josso (2020)¹, demonstraremos² em relatos dos sujeitos da pesquisa o que fomentou o seu conhecer, os saberes, práticas e metodologias desenvolvidas ao usar as tecnologias assistivas. Bem como a importância dos lugares e o contato com as pessoas que lhe propiciaram o aprender a valorizar a vida pelos princípios basilares da empatia e alteridade.

¹ Em um determinado aspecto, Josso (2020, p. 44) explica que na pesquisa autobiográfica, é " necessário argumentar e demonstrar que nossas práticas e o "valor agregado" do conhecimento produzido tinham um lugar original e eficiente entre as biografias e autobiografias no campo literário, histórico ou jornalístico". Ela enfatiza isso para expor que no relato de uma pesquisa autobiográfica, existe um lugar, uma história, uma realidade vivenciada por um ser. Sem essas vivências do lugar e das memórias existentes, não tem como fundamentar um fato sócio histórico.

² O texto se encontra escrito em 1ª pessoa do singular quando se trata das experiências do autor e na 1ª pessoa do plural quando acompanhado da professora orientadora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar e os sujeitos da pesquisa.

Para enfatizar os aspectos da pesquisa qualitativa abordados nesta dissertação, a pesquisa de Bogdan e Biklen (1994) destaca que esse modelo de pesquisa na educação não visa apenas comprovar fatos, mas demonstrar que as experiências individuais podem ser fundamentais para o desenvolvimento de abordagens educacionais inovadoras, influenciando a formação de profissionais da educação e seu papel ativo no campo educacional.

O Capítulo 1 terá como título **Saberes e Memórias em Histórias de Mim**, título esse sugerido pela Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar no ano de 2015 como tema para a construção do meu primeiro artigo autobiográfico, escrito para o evento “II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade_ uma questão de efetivação de Direitos”, coordenado pela Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, diretora da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas DAIN/UERN realizado na UERN em 2015. Esse capítulo abordará as vivências do autor, dos saberes e memórias ao se descobrir pessoa com deficiência visual e o seu chegar na cidade de Mossoró, principalmente nos desafios e nas superações em busca de seu protagonismo.

Para explicar sobre a conceituação de pessoa com deficiência será utilizado como base a Lei Brasileira de Inclusão – Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei n. ° 13.146/2015). Pelo fato de minha deficiência ser não aparente, em algumas situações, o preconceito acaba sendo maior. Uma boa parte da população não conhece a baixa visão, quando a pessoa apresenta alguma dificuldade, logo dizem ser o problema dos óculos, ou a pessoa está enganando. Na dissertação de Eliane Cota Flório (2019, p. 116 - 117) retrata a minha realidade quando diz que "Alguns julgam pessoa com deficientes não perceptíveis como se estivessem mentindo todo o tempo. São seguidas pelos olhares desconfiados”, e isso acaba por ser uma realidade.

Para abordar a importância de ressignificar que as experiências vivenciadas ao longo de sua vida, será utilizado com base no autor Bondía (2002). E para elencar a busca pela autonomia desejada desde o início de minha vida até o seguir de minha fase adulta, a base bibliográfica será em Paulo Freire (1996) de seu livro a Pedagogia do Oprimido, bem como as bases do livro a Pedagogia da Esperança (1976).

No tópico **O aprender a aprender a ser e a conviver como uma pessoa com deficiência visual**, apontará o início de minhas experiências como uma pessoa com deficiência visual. E de forma prática, começo a adotar metodologias que me auxiliavam e me auxiliam até os dias atuais a viver em sociedade, mesmo a existirem diversas barreiras em minhas andanças em busca de meus objetivos. Um dos aspectos que será traçado é a concepção do capacitismo e do autocapacitismo, fatos esses impeditivos para a autonomia de uma pessoa com deficiência visual.

Quando me compreendi sendo um ser com deficiência visual, as situações do cotidiano começaram a ter novo sentido e olhar. A pessoa com deficiência não é um coitado em meio a sociedade, ao contrário, ela é vítima das barreiras impostas pela sociedade por não ter a acessibilidade atitudinal. Agora, mesmo sendo pessoa com deficiência, não podemos nos deixar ser vítimas da sociedade, a pessoa com deficiência não pode se fazer de vítima; visto a realidade de que se está em um mundo de busca de oportunidades, e, se a pessoa se rebaixar e ficar somente a focar nas dificuldades, não irá almejar novas possibilidades.

No tópico **As vivências e dificuldades na aprendizagem**, serão narradas as dificuldades e situações vivenciadas no reaprender a estudar como pessoa com deficiência visual. No curso profissionalizante em Recursos Humanos do Senac em 2013, no curso Técnico em Logística e no curso de massagista no Senac, bem como os dois cursinhos preparatórios do ENEM em 2014. Foi no curso profissionalizante em Auxiliar de Recursos Humanos onde descobri os reaprendizados que a vida me proporcionaria, visto os professores e alunos me motivarem tanto ao ponto de entender ser o estudo um caminho propício para poder sonhar em uma vida de oportunidades e do tão sonhado protagonismo social. Foi ainda nas vivências e experiências do decorrer desse curso a minha percepção que teria muitas dificuldades na cidade de Mossoró, porém, diante de tudo, eu deveria continuar a caminhar e a lutar.

No tópico **O conhecer e encontros com as tecnologias assistivas**, será abordado como tive o encontro com as tecnologias assistivas no SENAC e na Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró, bem como a minha luta para ingressar em 2015 em uma universidade particular na cidade de Mossoró. Serão apresentadas também de forma descritiva as metodologias utilizadas para se obter a autonomia no processo de aprendizagem, pois, como prezo pela autonomia, tive que criar meios que tornassem meu aprendizado prático e célere. Parte dos referidos conhecimentos adveio do contato com outras pessoas com deficiência visual, e, parte de forma prática pelo viés da necessidade da vida humana.

No tópico **O porquê dos porquês do sonho de um diálogo com a autobiografia**, narrará as experiências vivenciadas do encontro com a autobiografia. A importância das rodas de conversas sobre a Lei Brasileira de Inclusão promovida pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e o pontapé inicial para essa metodologia significativa e transformadora, as quais, me permitiram entender o como as coisas ruins ocorridas em minha vida serviriam como base para lidar com as situações adversas do porvir.

O Capítulo 2 terá como título **Os lugares que me permitiram conhecer o aroma da libertação**, e, enfatizará a importância dos lugares da nova terra que me permitiu conhecer a minha libertação por meio das tecnologias assistivas, haja vista a minha vida ser uma incógnita antes desses lugares. Até então, o sonho de vencer na vida era uma utopia, apenas sonhos impossíveis, ainda mais ingressar em uma universidade, porém, Mossoró conseguiu me propiciar essas oportunidades.

Para debruçar o entender da importância desses lugares na minha construção formativa, com base em Maurice Halbwachs (1990), será apresentada a compreensão da importância da memória coletiva. Por sermos seres construídos e reconstruídos pelas memórias coletivas da cultura, da linguagem e dos lugares de promoção da pertença, dos saberes e práticas de um reaprender a viver. Sobre as peculiaridades do processo educacional no reaprender a estudar sendo uma pessoa com deficiência, em certos casos não perceptível, será utilizado a base do texto de Maria Tereza Mantoan (2004) quando aborda o direito de aprender e estar nos ambientes escolares, mesmo em ser diferente para as demais pessoas.

O tópico **Você é assim um sonho para mim: O Êxodo a uma nova terra**, irá demonstrar a importância de todas as minhas experiências que vivenciei de Santos/SP até o meu êxodo a Mossoró no estado do Rio Grande do Norte. Bem como trará fragmentos importantes da história de minha família, pois, parte das minhas inspirações em meu lutar advém da garra e luta de meus familiares. Meus pais, para obterem sucesso na vida, precisaram sair do Rio Grande do Norte e irem para o estado de São Paulo, eu, porém, fiz o inverso. Em fragmentos, será relatada a história de meus avôs, as experiências com eles, as percas, e a influência deles no esperar e nas conquistas de meus sonhos.

No tópico **E quando eu não te vejo, penso em você até o amanhecer a ADVIM**, narrará como conheci a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró e a importância dela para se chegar ao sonho de meu protagonismo social. Na ADVIM, tive a oportunidade de conhecer e trocar experiências sobre os diversos recursos de tecnologias assistivas, bem como iniciei o meu processo de ser um militante na busca pelos direitos das pessoas com deficiência.

No tópico **Você deságua em mim e eu oceano: a UERN**, serão abordadas as minhas experiências vivenciadas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte– UERN e os aprendizados que ela me ofertou no meu agregar de saberes e práticas em tecnologias assistivas. Será apresentado também a importância da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas – DAIN /UERN na promoção do apoio multiprofissional e informativo para a garantia do direito a educação no ensino superior para as pessoas com deficiência. Em principal, será narrado a importância das Rodas de Conversas sobre a Lei Brasileira de Inclusão promovidas

pela DAIN com a organização da Professora Dr.^a Ana Lúcia Aguiar, Professor Vicente Celeste, bem como as instituições parceiras.

O tópico **O que eu fiz com o que você me fez lá: O CADV**, apresentará a minha vivência como aluno e Diretor do Centro de Apoio ao Deficiente Visual de Mossoró – CADV na busca por meus saberes e práticas em tecnologias assistivas. Toda vez que eu desenvolvia alguma pesquisa com tecnologias assistivas, procurava os professores do CADV, e, depois de oito anos, tornei-me diretor do CADV, onde surpreendi-me muito quando foi chamado para esse cargo. Houve enormes desafios como Diretor do CADV, em principal foi ter assumido o cargo em um período de pandemia do COVID-19, para os trabalhos acontecerem de forma viável e os professores promovessem o apoio pedagógico aos alunos, realizamos diversas formações pedagógicas.

O Capítulo 3 tem como título **Aprendendo a ser com as vivências de quem vive as tecnologias assistivas**, e abordará as narrativas de três pessoas com deficiência visual que utilizaram das tecnologias assistivas em seus estudos e em sua vida. Com vistas a promover a autonomia em suas andanças como sujeitos atuantes na sociedade. As principais características entre esses três sujeitos da pesquisa é o fato de já terem estudado na UERN e serem pessoas com deficiência visual com realidades distintas.

As falas dessas pessoas não visam comprovar o sucesso do uso das tecnologias assistivas, e sim, demonstrar que uma pessoa com deficiência visual, mesmo existindo diversas barreiras como pedras no meio do caminho, por meio das tecnologias assistivas, elas conseguem ter seu protagonismo social em seus trabalhos, estudos e nas atividades do cotidiano. Maria Teresa Eglér Mantoan (2004) apresenta em seus estudos essa questão de ascensão social que a pessoa com deficiência pode obter ao buscar superar as barreiras existentes na sociedade. Para enfatizar o entendimento sobre as tecnologias assistivas e o seu uso na educação e na vida, será utilizado como base os conceitos estabelecidos na Lei Brasileira de Inclusão _ Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei n. ° 13.146/2015) e na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Decreto n. ° 6.949/2009).

No tópico a **Marca de Três Décadas de Encontros com a Inclusão**, narrará a história de Marlos Luiz Bezerra Fernandes, natural da cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, graduado em Direito e servidor do Ministério Público do estado do Rio Grande do Norte. Mediante a um acidente de automóvel, perdeu a visão total ainda na década de 1980, e diante dessa situação, teve que reaprender a viver como uma pessoa com deficiência visual. Na época que Marlos Fernandes perdeu a visão não se falava tanto em inclusão, o preconceito a pessoa com deficiência era mais evidente que atualmente.

O tópico **A Busca da Construção do Direito**, discorrerá a história de luta e protagonismo social de João Paulo Barbosa, da cidade de Aracati, no estado do Ceará. Ele é uma pessoa que nasceu com deficiência visual, cegueira total e contrariou os seus familiares e conhecidos ao se formar em Direito pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte no ano de 2019 na cidade de Mossoró.

O tópico a **Um Baixa Visão com visão da transformação**, discorrerá a peregrinação de Alexandre Robério Ribeiro dos Santos, pessoa com baixa visão severa. Ele saiu de sua cidade de Lauro de Freitas, no estado da Bahia, para ingressar no curso de Música na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte na cidade de Mossoró. Alexandre Robério tem um domínio e conhecimento em tecnologias assistivas voltadas as pessoas com baixa visão, e isso é uma das marcas que o leva a buscar sua autonomia.

O tópico **O aprender de quem vive as tecnologias assistivas**, vem abordar sobre os saberes e as práticas das tecnologias assistivas para as pessoas com deficiência visual. Apresentadas por meio das experiências dos entrevistados, com vistas a demonstrar as diversas metodologias utilizadas para a obtenção da autonomia em estudos e no cotidiano. Será possível ainda obter a compreensão na análise das narrativas a evolução das metodologias utilizadas por meio das tecnologias assistivas e seus avanços nesses últimos trinta anos. Ao narrar essas realidades, essa pesquisa pode colaborar para que outros docentes ao lerem esta dissertação entendam os caminhos percorridos por esses sujeitos, bem como conheçam os recursos utilizados por cada entrevistado.

Para as considerações finais, será utilizado como título **A esperança, ela renasce em meu coração e a certeza de que perto estás**. Visto que esse título foi escolhido por seu um fragmento de uma das músicas que eu cantava quando as dificuldades estavam enormes, em minhas andadas ao caminho dos cursos, nas dificuldades vivenciadas no ensino superior até chegar aonde estou hoje. Minha trajetória de vida pode ser equipada a história mitológica da ave fênix, pois, por muitas vezes foi necessário recomeçar, rescrever meus caminhos, renovar minhas forças em meio as lutas, batalhas e o reaprender a viver a cada instante. E isso só foi possível pelo reaprender a viver por meio dos saberes e práticas em tecnologias assistivas.

Pelos saberes e informações existentes no arcabouço dessa pesquisa, poderá se ter a compreensão do como as pessoas com deficiência visual podem chegar ao êxito social no processo educacional e em suas vidas por meio dos saberes e práticas em tecnologias assistivas. Ao lerem essa dissertação, poderão compreender por meio das narrativas dos sujeitos da pesquisa, o como eles alcançaram suas ascensões sociais mesmo em uma sociedade que ainda impõe muitas barreiras e tem como paradigmas, o capacitismo social e familiar.

Capítulo 1. SABERES E MEMÓRIAS EM HISTÓRIAS DE MIM³

As lutas, os desafios e os choros se tornaram a ponte necessária para o caminhar do sonho de poder educar não somente com os conteúdos, mas sim, com a própria história de vida. (Thiago Fernando de Queiroz, 2022).

Não é comum que alguém acorde de manhã e simplesmente saiba como é viver com deficiência visual, lidando naturalmente com as interações sociais e os desafios da vida contemporânea. Seria extremamente vantajoso ter acesso rápido a recursos que possibilitassem a autonomia para pessoas com deficiência visual. No entanto, o processo de adquirir o conhecimento e as habilidades em tecnologias assistivas pode ser desafiador e requer esforço para alcançar o objetivo de viver com igualdade de oportunidades.

Quando a oportunidade de adquirir conhecimento e prática em tecnologias assistivas é oferecida desde a infância ou a qualquer momento da vida como um novo modelo, mesmo que seja um processo doloroso, é possível redescobrir a vida e enxergar a luz desse processo de aprendizado contínuo.

É nesse contexto de adquirir conhecimento e experiência que vou narrar como foi possível construir as habilidades e práticas necessárias para que uma pessoa com deficiência visual pudesse superar a invisibilidade social e se tornar protagonista de sua própria história. Essa jornada foi surpreendente, considerando que nasci em uma comunidade altamente vulnerável, enfrentei problemas de saúde na infância e adolescência, vivenciei a perda gradual da visão e, posteriormente, embarquei no desafiador processo de aprender a viver com o auxílio de tecnologias assistivas.

As histórias de si, podem ser denominadas em uma metodologia de história oral, Alberti (2005, p. 29), explica bem isso “sendo um método de pesquisa, a história oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Seu emprego só se justifica no contexto de uma investigação científica, o que pressupõe sua articulação com um projeto de pesquisa previamente definido”.

³ O nome dos sujeitos da pesquisa, que estão no corpo do texto de toda esta dissertação, corresponde ao nome de nascimento, por manifestação expressa dos referidos sujeitos. As narrativas construídas na interação entre os sujeitos e o pesquisador em formação atentaram para assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes com assentimento livre e esclarecido e anuência do participante da pesquisa. Todos os cuidados foram observados acompanhando a Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016.

Este capítulo se concentrará em minha mudança de Serrinha dos Pintos para Mossoró, onde comecei a conhecer as práticas de tecnologias assistivas. Em alguns momentos, vou compartilhar fragmentos da minha vida na Baixada Santista, que foi a minha primeira experiência de vida. No entanto, foi em Mossoró, no Rio Grande do Norte, que realmente aprendi a viver como uma pessoa com deficiência visual. Os caminhos que percorri me levaram até o momento presente, servindo como alicerce para a realização de meus sonhos, como passar em concursos e me tornar um professor, pesquisador e pós-doutor.

O sonho de me tornar um professor e pós-doutor não foi algo que nutri na infância; ele nasceu quando percebi o poder transformador da educação e seu potencial para mudar vidas. Foi esse desejo de impactar e transformar vidas que me impulsionou a enfrentar as lutas, desafios e momentos difíceis, tornando-os a ponte necessária para alcançar o sonho de educar não apenas com conhecimento, mas também compartilhando minha própria história de vida.

Ao longo destas experiências, enfatizarei a importância da família no processo de construção do conhecimento. A história dos meus pais e parentes foi uma fonte inesgotável de força nos momentos em que o desejo de desistir era forte, especialmente nos momentos de grande sofrimento. Através das minhas vivências pessoais e da história da minha família, compreendi que, embora a vida possa ser repleta de adversidades, a perseverança, a humildade e a disposição para ajudar os outros são o caminho certo para a vitória e o sucesso.

Neste capítulo, vou basear minha narrativa nos conceitos e pensamentos de diversos autores. Eliane Cota Flório (2009) será referência para explorar as deficiências não aparentes. Erving Goffman (1988) fornecerá insights sobre os estigmas que a sociedade ainda associa às pessoas com deficiência. O texto de Paulo Freire (1992) sobre a esperança e o poder da educação será usado para destacar a importância da educação na resistência e na luta. Mantoan (2004) será consultado para abordar a educação inclusiva e o processo de ressignificação. Halbwachs (1990) será referência para explorar memórias e lembranças ao longo deste relato.

1.1 O aprender a aprender a ser e a conviver como uma pessoa com deficiência visual⁴

Não foi tão fácil compreender como se deu o processo de descoberta de ser uma pessoa com deficiência visual. Fatos preponderaram e antecederam o meu aprender a ser e a conviver, visto existir em sociedade um forte preconceito com a pessoa com deficiência, sobretudo quando ela é não aparente, ou também denominada de não perceptível. A dissertação de Eliane

⁴ O texto se encontra escrito em 1ª pessoa do singular quando se trata das experiências do autor e na 1ª pessoa do plural quando acompanhada da professora orientadora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar e sujeitos da pesquisa

Cota Flório (2019, p. 116 -117), aborda o como em parte essas pessoas são vistas ao dizer que "Alguns julgam pessoa com deficientes não perceptíveis como se estivessem mentindo todo o tempo. São seguidas pelos olhares desconfiados". Sobre aspecto da visibilidade do estigma, Erving Goffman (1988, p. 44) aborda assim:

A visibilidade de um estigma deve ser diferenciada de sua "possibilidade de ser conhecido". (quando um estigma de um indivíduo é muito visível, o simples fato de que ele entre em contato com outros levará o seu estigma a ser conhecido. Mas se outras pessoas conhecem ou não o estigma de um indivíduo depende de um outro fator além de sua visibilidade corrente, ou seja, de que elas conheçam, ou não, previamente o indivíduo estigmatizado - e esse conhecimento pode estar baseado em mexericos sobre ele ou num contato anterior com ele durante o qual o estigma mostrou-se visível.

Essa é uma constatação, esses sujeitos são estigmatizados como pessoas incapazes de ter uma autonomia em sua vida e frágeis em sua plenitude de ser. Porém, na verdade, nós pessoas com deficiência, a depender do grau da deficiência, podemos sim ter autonomia nos processos inerentes da vida, não somos frágeis, somos sim muito fortes, pois, temos que ouvir ou observar a atitude de pessoas nos vendo como pessoas inferiores, e, superar isso não é fácil.

O preconceito em relação às pessoas com deficiência, também denominado de "capacitismo", é uma visão estereotipada de que elas são incapazes de contribuir e participar na sociedade com igualdade em relação às demais. Acredito que o capacitismo muitas vezes se origina no ambiente familiar, onde as crenças e atitudes negativas em relação à deficiência são transmitidas à sociedade. Isso faz com que a pessoa com deficiência internalize essa visão de si mesma como alguém incapaz de vencer na vida, tornando-se vítima do "autocapacitismo".

Por muito tempo, eu também relutei em aceitar minha condição de pessoa com deficiência. Eu não queria ser rotulado como incapaz, mesmo quando percebia a perda progressiva da minha visão e o aumento das dificuldades. Eu via isso como uma sentença de derrota, embora tivesse muitos sonhos. Essa mentalidade persistiu por um longo período. Foi somente com o passar do tempo e o conhecimento de histórias inspiradoras de pessoas com deficiência visual que comecei a compreender que ser uma pessoa com deficiência não era o fim, mas o início de novas possibilidades, embora soubesse que teria que superar muitas barreiras.

Na minha infância, enfrentei dificuldades para aceitar o uso de óculos com alto grau de correção. As lentes eram pesadas e desconfortáveis, deixando marcas físicas e emocionais. O *bullying* que sofria dos colegas na escola e na vizinhança me entristecia profundamente,

deixando marcas profundas. Com o tempo, essas cicatrizes se tornaram fontes de força, e as palavras preconceituosas já não me afetam e acabam por não doer mais.

No entanto, desenvolver a inteligência emocional foi fundamental para lidar com os desafios e barreiras. Em 2009, minha vida tomou um novo rumo quando me mudei para Serrinha dos Pintos devido à doença de meu avô. Lá, criei laços e até formei uma banda de Pop Rock com amigos locais, a "Ideal SP4". Por necessidade, comecei a trabalhar como pintor de casas, o que me levou a buscar ajuda médica para minha visão, graças à insistência de um amigo. Isso me levou a descobrir minha baixa visão e o direito a benefícios assistenciais. Aceitar minha deficiência visual foi difícil, mas, com o tempo, aprendi a encarar as adaptações necessárias com coragem.

Por necessidade, no mês de setembro de 2009, comecei a trabalhar como pintor de casas a convite de um dos membros da banda, Jamilson Gomes de Oliveira, conhecido como "Jajá". Durante uma conversa rotineira enquanto estávamos trabalhando em uma casa, Jajá mencionou que seria importante eu procurar a médica da cidade devido à minha visão limitada, pois poderia ser elegível para receber um benefício. Mesmo expressando minha preferência por trabalhar em vez de depender de um benefício, ele insistiu, sugerindo que eu consultasse a Doutora Micheline, afirmando que não tinha nada a perder.

Em dezembro de 2009, após tomar um banho, fui à casa da minha namorada na época e compartilhei com ela o que Jajá havia dito. Ela me encorajou a buscar atendimento médico. Com informações de vizinhos de que a Doutora Micheline faria consultas no dia seguinte, marquei uma consulta com ela. Durante a consulta, a Doutora Micheline suspeitou que eu tinha uma visão prejudicada e sugeriu que eu poderia ser elegível para um benefício assistencial, o que senti como um golpe. Cheguei a questionar se meu problema visual era tão sério, e ela me assegurou que eu deveria procurar uma consulta oftalmológica no Hospital Onofre Lopes, em Natal, para uma avaliação mais aprofundada.

No hospital, submeti-me a uma série de exames oftalmológicos que confirmaram minha limitação visual. Eu resisti à ideia de ser uma pessoa com deficiência visual, lembrando todas as dificuldades que enfrentei na adaptação à minha visão desde a infância até a vida adulta. Isso incluiu os desafios em diversos empregos, como no Restaurante Lanches Independência LTDA e no Ville Hotel Atlântico LTDA em Santos, além do trabalho de venda de doces em ônibus e lotações na cidade de São Vicente. Muitas vezes, minha dificuldade em enxergar era evidente para minha família, mas eu teimava em negar minha deficiência, atribuindo-a à falta de descanso devido à minha rotina de trabalho exaustiva. Essa autonegação

familiar e superproteção eram usadas para ocultar as verdadeiras razões por trás da minha condição.

No dia 1 de fevereiro de 2006, comecei a trabalhar no Restaurante Lanches Independência LTDA como Caixa. Minha principal responsabilidade era lidar com os pagamentos das contas e inserir os pedidos no sistema usando um microcomputador chamado “Memocash”. Para registrar os pedidos no Memocash, eu dependia das comandas dos garçons, o que por vezes se mostrou desafiador devido ao tamanho diminuto dos números anotados. Erros na transcrição dos números resultavam em pedidos incorretos na cozinha, e isso ocorreu em várias ocasiões, causando frustração.

Durante a semana, a colaboração dos garçons tornava mais fácil esclarecer dúvidas sobre as comandas. No entanto, em feriados e fins de semana, quando o movimento era intenso, enfrentávamos momentos em que mais de vinte pedidos chegavam de uma só vez. Um erro poderia causar sérios problemas, e a sensação de impotência e tristeza era avassaladora. Certo dia, enquanto eu estava ocupado no caixa, duas mulheres que almoçaram no restaurante notaram minha dificuldade e uma delas compartilhou sua experiência de ter namorado alguém com baixa visão, o que me fez questionar se uma pessoa como eu, com visão limitada e considerando-me feio, poderia realmente encontrar amor e relacionar-se.

Ao perceber minhas dificuldades, o Sr. Aristides, o proprietário do Restaurante Lanches Independência, pediu ao seu filho que me levasse a uma das melhores clínicas oftalmológicas de São Paulo para investigar se havia alguma solução para minha condição visual. Em algum momento entre setembro e novembro de 2006, minha mãe e eu nos dirigimos a São Paulo para uma consulta oftalmológica. Ela me acompanhou em todas as consultas e exames. Após uma série de avaliações, o filho do dono do restaurante saiu da sala do médico por um instante. Quando finalmente recebi os resultados dos exames, o médico explicou que minha visão não era perfeita, mas que eu poderia levar uma vida normal. Contudo, o comportamento do filho do proprietário do restaurante parecia expressar descontentamento com o resultado. Apesar disso, retornamos para casa, aguardando as possíveis mudanças que essa notícia poderia trazer.

Após aquela consulta, minha vida no restaurante ficou diferente quando cometia erros em pedidos. O Sr. Aristides, o dono do estabelecimento, permanecia em silêncio, enquanto meu pai, que também trabalhava no restaurante, me repreendia, alegando que eu não estava descansando à noite devido ao meu envolvimento nas atividades da igreja. Essas observações despertavam um turbilhão de emoções em mim. Eu me sentia triste por errar os pedidos, às vezes culpado e, em outros momentos, revoltado por minha visão limitada. Em algumas

ocasiões, eu tinha vontade de gritar: "Não é minha culpa!" Entretanto, parecia que eu estava a vivenciar as mesmas dores de Estevão, o mártir bíblico, onde a cada momento eu levava pedradas, ao ponto de ir a desfalecer lentamente, até que fui demitido em 1º de fevereiro de 2007.

Fiquei desempregado até outubro de 2007, quando meu pai soube de uma oportunidade de emprego no Hotel Atlântico. Ele se lembrou de um amigo que trabalhava no restaurante do hotel e pediu a seu colega que me desse uma chance. Quando meu pai me contou sobre essa oportunidade, perguntou quando eu poderia começar, e minha resposta foi imediata: "Hoje mesmo!"

No dia seguinte, compareci ao hotel para um período de experiência. Fiquei surpreso quando me disseram que eu trabalharia em um computador, pois temi que minha visão limitada fosse um obstáculo. No entanto, ao começar a usar o computador, percebi que, mesmo que fosse devagar, eu conseguia realizar o trabalho. Fui honesto com o gerente do restaurante e compartilhei minhas preocupações com minha visão, mas também assegurei que daria o meu melhor.

Trabalhar no Hotel era algo que eu adorava. Eu me sentia feliz e me divertia no ambiente de trabalho, e parecia que a equipe do restaurante gostava de ter-me por perto, especialmente os cozinheiros. O gerente do restaurante, ao reconhecer que eu poderia enfrentar desafios com o trabalho no computador, ofereceu-se para falar com o dono do hotel, o Sr. Pepe. Ele sugeriu que, se o Sr. Dono do Hotel permitisse que eu trabalhasse na área da Copa⁵ e contratasse alguém para o caixa, eu poderia permanecer na equipe. Embora eu estivesse apreensivo com a possibilidade de ser demitido, o ambiente positivo no local de trabalho foi levado em consideração, e o Sr. Dono do Hotel concordou com a mudança. Assim, em 1º de novembro de 2007, minha carteira de trabalho foi assinada.

Recebi muitos elogios dos colaboradores do Hotel e ganhei a admiração dos hóspedes a ponto de eles pedirem que eu fosse o único a servi-los, devido às amizades que construí com o Sr. Dono do Hotel e outros colaboradores do Hotel, isso causou inveja no gerente do restaurante, que começou a me hostilizar, e acrescentou mais responsabilidades. Inicialmente, minha jornada de trabalho era das 11h às 19h, mas com o tempo, passei a entrar às 10h e sair às 20h. Por fim, fui escalado das 9h até 00:30h do dia seguinte. Embora fosse exaustivo, eu adorava trabalhar no Hotel. No entanto, a situação mudou drasticamente quando passei a ser

^{5 5} Função onde o colaborador lava copos e preparava drinks.

humilhado diariamente, e meu horário de almoço e jantar foi retirado. Em 14 de janeiro de 2008, tomei a difícil decisão de pedir demissão.

Por eu tomar essa atitude, pai ficou muito triste, e em um determinado dia, ainda no mês de janeiro de 2008, adentrou ao meu quarto e disse querer conversar comigo. Ele indignado com minha atitude de ter saído do Hotel e de ter sido despedido do Lanches Independência, em suas falas disse que a culpa era minha por não ter compromisso com o trabalho, que eu chegava sempre atrasado no serviço e que isso não era uma atitude de homem. Enquanto pai falava, eu chorava, pois, ele não sabia que o motivo de eu me atrasar era o fato de não enxergar a numeração do ônibus. Quando eu chegava atrasado, era no máximo cinco a dez minutos, porém, mesmo assim, essa foi uma das alegações para me despedirem.

Meu pai em seus relatos, compartilhou suas lutas, da sua vida no Rio Grande do Norte, e de como foi sua vida em Santos. As dificuldades quando se casou, da compra de sua primeira casa, da dor da separação de minha mãe, seus desafios com o novo casamento, e, por uns quarenta minutos, relatou a sua história. Mesmo em frente as dores na alma e a tristeza de ter ciência de estar a vivenciar tudo isso era pelo fato da visão, fiquei todo o tempo calado, ao ponto que meu pai indagou se eu não iria falar nada. Eu apenas disse que o justo não se justifica e o errado deve ficar calado.

Ao sair do quarto, meu pai me abraçou calorosamente, o que me fez chorar ainda mais intensamente. Eu não queria estar passando por aquela situação e não queria ser considerado um fracassado. Meus pais, tios e avós haviam superado suas adversidades, e eu também almejava ser um vencedor. Com essa determinação em mente, dobrei meus joelhos, orei e implorei a Deus por sabedoria e por uma mudança na trajetória da minha vida. Eu não queria ser um derrotado, eu aspirava a ser um vencedor.

Desempregado e sem recursos, orei a Deus para que Ele abrisse portas para mim. Naquela mesma semana, assisti ao programa "O Aprendiz", no qual Roberto Justus deu uma tarefa aos aprendizes: cada um receberia cinco reais e deveria multiplicar o dinheiro. Uma mulher comprou alguns doces e começou a vendê-los nos ônibus, faturando mais de cem reais. Foi nesse momento que tive a ideia de fazer o mesmo, começar a vender doces nos ônibus. Comecei com apenas dez reais e, inicialmente, senti timidez ao abordar os clientes, mas com o tempo, passava a faturar mais de oitenta reais por dia, de segunda a sexta-feira.

Com o passar do tempo, à medida que eu continuava a vender doces nos ônibus e lotações, meu pai começou a suspeitar que eu estivesse envolvido com tráfico de drogas, visto que, em muitas semanas, eu terminava com mais de quinhentos reais. Para se ter uma noção, o salário-mínimo na época era de R\$ 415,00. Houve meses em que faturei, em média, três mil

reais, o equivalente a sete salários-mínimos. Um primo da família, Clóvis Amorim, chegou a me investigar, devido à preocupação manifestada por meu pai. Após analisar minha dedicação na venda dos doces, ele chegou a comentar com meu pai, de forma indignada: "Seu filho é um homem trabalhador e dedicado".

Durante minhas vendas de doces nos ônibus e lotações, havia ocasiões em que eu errava no troco e alguns clientes reclamavam. Confesso que me sentia envergonhado, mas tentava amenizar a situação com humor. Acredito que meu sucesso nas vendas se devia não apenas ao produto, mas também ao fato de que eu interagia com os clientes, fazendo piadas e brincadeiras. Enquanto outras pessoas que vendiam doces inventavam histórias falsas para enganar, eu sempre preferi trabalhar com a verdade, ciente do imenso poder que ela possui.

Assim, seguindo a orientação da Dra. Micheline, fui à Secretaria de Saúde do Município de Serrinha dos Pintos e solicitei o agendamento de uma consulta no Hospital Onofre Lopes. Após dois meses de espera, a consulta foi marcada para o dia 10 de março de 2010. Nessa viagem a Natal, minha namorada me acompanhou, e chegamos à pousada por volta da meia-noite. A pessoa que nos atendeu na pousada perguntou como gostaríamos de ser registrados, se como solteiros ou casados. Minha namorada, agindo rapidamente antes mesmo que eu pudesse responder, disse que éramos casados. Naquele momento, fiquei pensando se ela estava sinalizando um desejo de casamento. Contudo, não levei essa atitude muito a sério naquele momento.

Na manhã bem cedo, minha namorada e eu chegamos ao Hospital Onofre Lopes por volta das 6:40 horas. Assim que adentramos o hospital, fui surpreendido pela grandiosidade de cada andar e setor. Às 7:15h, finalmente alcançamos o setor de oftalmologia. Quando a médica perguntou o motivo da minha visita, expliquei que estava buscando um laudo médico, pois a médica de Serrinha dos Pintos suspeitava que eu poderia ser elegível para um benefício. Percebi uma mudança no tom da médica oftalmologista quando mencionei isso. Fui submetido a mais de dez exames, e a cada vez que relatava dificuldades em enxergar objetos e letras, sentia que a médica duvidava das minhas palavras.

Ao finalizar o último exame, que consistia na análise do fundo do olho, a médica demonstrou surpresa e decidiu consultar a chefe da oftalmologia. Cerca de trinta minutos depois, a médica que me atendia e a Chefe da Oftalmologia vieram até mim enquanto eu estava com minha namorada em uma sala de espera. Pude ouvi-las discutindo meu caso e, em um dado momento, a Chefe da Oftalmologia afirmou: "O rapaz não está inventando." Confesso que essa declaração me deixou indignado, mas optei por não dizer nada.

Minha namorada me abraçou e compartilhou meu pesar. Nesse momento de angústia, a médica, que inicialmente duvidara de mim, elaborou um laudo médico detalhado. Esse episódio foi extremamente emocionante, com uma enxurrada de sentimentos e pensamentos que inundaram minha mente, tornando difícil o processo de assimilação.

Ao sair do hospital com minha namorada, percebi que meus olhos estavam extremamente sensíveis à luz devido ao exame prolongado, tornando-me ainda mais apreensivo. Minha namorada prometeu me ajudar e me tranquilizar, mas as vozes de Jajá e da Doutora Micheline, juntamente com as dificuldades enfrentadas na Baixada Santista e a deterioração da minha visão, começaram a fazer sentido. À medida que essas realidades se apresentavam, minhas dores aumentavam de forma avassaladora.

Não desejava ser rotulado como alguém com deficiência, nem me sentir como um fracassado, tampouco queria admitir minha derrota. Entretanto, minha namorada me auxiliava a caminhar pela rua, comecei a me sentir entorpecido, como se meus sentimentos se esvaíssem. Tudo que compartilhei com as médicas e os desafios enfrentados também afetaram profundamente minha namorada, e o restante da caminhada até a pousada transcorreu em silêncio.

De volta a Serrinha dos Pintos, busquei a Doutora Micheline e entreguei o laudo para sua avaliação. Sem hesitar, ela me encaminhou imediatamente à sala da Assistente Social, instruindo-a a preencher a documentação para solicitar assistência. Mesmo relutante, questionei a Doutora Micheline sobre a gravidade da minha condição. Ela respondeu com firmeza: "Se não fosse sério, eu não teria encaminhado você à Assistente Social".

Na sala da Assistente Social, recordo-me de uma série de perguntas sobre minha vida e as dificuldades que enfrentava. Após preencher os formulários necessários, ela me orientou a ligar para o número "135" e agendar uma perícia no INSS. Perguntei se no Hospital de Serrinha dos Pintos havia um local adequado para fazer a ligação, e ela confirmou. Juntos, nos dirigimos à sala apropriada, onde a Assistente Social me deu todas as instruções necessárias, resultando na marcação de uma perícia no INSS para março de 2010.

Até então eu não havia contado para os meus avós sobre o resultado dos exames em Natal e a marcação da perícia no INSS. Quando os informei, lembro em conversas com familiares e vizinhos, vovô bem sério falou: quando chegar ao INSS, finja que está batendo nos objetos, se possível bata de propósito nas coisas para verem que você não enxerga. Eu apenas disse: Não farei isso, se eu tiver direito, terei. Prefiro trabalhar o dia todo no sol com a verdade a ganhar um salário com a mentira.

Em minhas memórias, ainda consigo recordar os conselhos de meu avô e dos comentários dos vizinhos, todos me pressionando a não ser ingênuo e a agir como todos os outros. No entanto, não questioneei sua lógica, pois acreditava que não adiantaria. Internamente, eu mantinha minha convicção de que, se eu tivesse direito, queria conquistá-lo de forma íntegra. Meu avô desejava o melhor para mim, ciente da complexidade da minha condição visual e do fato de muitas pessoas com direito legítimo enfrentarem a negação de benefícios. Devido às muitas injustiças sociais que ele testemunhara, não queria que eu experimentasse a dor da injustiça. Naquela época, eu não entendia totalmente, mas hoje compreendo.

No dia da visita ao INSS, localizado na cidade de Alexandria/RN, não recorro a data exata, mas foi por volta da última semana de março. Levantei-me bem cedo, por volta das 3:30h. Ouvei minha mãe discutindo o horário da nossa partida com meu avô, pois a viagem de moto levaria cerca de uma hora e meia. Às 4:40h, minha mãe e eu partimos em uma moto, enquanto meu avô seguia em outra. A jornada foi exaustiva, e chegamos por volta das 6:30h. Ao descer da moto, meu avô me lembrou dos conselhos anteriores. Confesso que fiquei um pouco aborrecido, mas optei por guardar meus sentimentos. Ao entrar no INSS quando abriram as portas, mantive meu comportamento habitual. No entanto, em determinado momento, meu avô me chamou e disse: "Desse jeito, você não passará na perícia."

Fiquei em silêncio, embora sentisse vontade de responder a ele. Em vez disso, tentei me colocar no lugar dele e percebi que ele queria me ver com uma qualidade de vida melhor, dadas suas próprias experiências de vida, onde contar a verdade frequentemente resultava em negação por parte do Estado, por meio de seus agentes públicos.

Recebemos uma ficha e fui convocado para me encontrar com uma Assistente Social. Ela fez uma série de perguntas sobre minha vida e sobre o motivo de eu estar no Rio Grande do Norte, considerando que eu havia nascido e passado a maior parte da minha vida na Baixada Santista. Então, comecei a compartilhar com ela a história de como cheguei ao Rio Grande do Norte e o que me levou a estar ali naquele momento, mergulhando em minhas memórias para explicar.

Em momento algum passou pela minha mente o desejo de viver no Estado do Rio Grande do Norte. No entanto, em um dia específico, 25 de junho de 2009, enquanto me preparava para tomar banho, o telefone tocou e Diego Leal, filho da minha madrastra Marizete, atendeu. Ele bateu na porta do banheiro e me chamou, dizendo que era meu pai do outro lado da linha. Quando atendi, meu pai me pediu para fazer as malas, pois eu partiria para Natal no dia seguinte. A razão por trás dessa súbita viagem era grave: meu avô estava enfrentando um câncer no pulmão e na próstata, e o médico havia dado a ele apenas uma semana de vida.

Meu pai não é de fazer brincadeiras, mas a situação parecia tão inusitada que eu pensei que ele estivesse brincando. Eu disse: "Pai, pare com essa brincadeira. Tenho fornecedores para pagar hoje e estou atrasado. Vou cuidar disso, pois já está quase nove horas." Desliguei o telefone, mas antes de terminar meu banho, Diego bateu na porta novamente, informando que meu pai estava nervoso por eu ter desligado o telefone e estava esperando que eu retornasse a ligação. Após secar-me, atendi novamente. Meu pai garantiu que não estava brincando e, pelo contrário, a situação era séria. Ele havia comprado as passagens e me pediu para me preparar para a viagem no dia seguinte.

Naquele momento, fiquei sem palavras, um sentimento inexplicável tomou conta de mim, e eu estava completamente atônito com a situação. Era algo tão estranho que, por um momento, eu não sabia se era uma intervenção divina ou apenas uma força maior do universo. No entanto, uma certeza se formou em minha mente: se eu viajasse para o Rio Grande do Norte, não haveria volta. Eu morava um andar acima da casa de minha madrastra, então subi, peguei a mala, mas não conseguia decidir que roupas levar. Decidi descer as escadas, saí de casa e procurei uma loja que vendesse cartões telefônicos para ligar para minha prima Chiquinha e minha tia Cleide.

Após comprar o cartão telefônico, encontrei um orelhão e liguei primeiro para minha prima Chiquinha. Quando pedi sua benção, ela começou a falar: "Filho, eu sei por que você está me ligando. Você vai viajar para longe, não sei para onde, mas Deus me confirmou isso esta manhã. Enquanto orava, recebi a mensagem de Deus para você: 'Saia de sua terra e de sua parentela e vá para a terra que eu te mostrarei. A partir daí, mudarei sua história. Seja forte e corajoso, e nunca deixe a palavra do Senhor sair de sua boca, pois Ele prosperará seus caminhos e o fará bem-sucedido'."

Quando minha prima proferiu essas palavras, comecei a chorar, e ela também. Ela continuou: "Filho, eu não queria que você partisse, mas é importante que você cumpra os desígnios de Deus." Eu perguntei: "Prima, a senhora já estava sabendo disso, não é?" Ela respondeu: "Eu não sabia de nada, filho!"

Então, compartilhei com minha prima o que estava acontecendo, e suas palavras me deram forças para enfrentar os desafios que estavam por vir. Após a conversa, agradei, pedi sua bênção e liguei para minha tia Cleide. Assim que ela atendeu, expressou sua compreensão, dizendo: "Filho, sei que não está sendo fácil para você. Se você me ligou, é porque deve estar passando pelo mesmo sentimento que estou experimentando." Eu respondi: "Tia, não vou mais voltar para morar aqui, certo?" Ela respondeu com sabedoria: "Filho, a decisão está em suas mãos. Se escolher ir, esteja preparado. Se ficar, saiba que suas mudanças de vida, aquelas que

Deus deseja, podem ser adiadas por essa escolha. Não posso tomar essa decisão por você, pois está em suas mãos."

Coloquei o fone do orelhão no gancho, chorei bastante e olhei para o céu, que estava nublado com chuva fina caindo, o sol escondido. Era como se desejasse estar escondido da complexidade dos meus sentimentos. Quando cheguei ao meu quarto, comecei a arrumar minha mala enquanto lágrimas continuavam a cair. Minha mente estava cheia de dúvidas sobre a decisão que estava prestes a tomar. Somente por volta das 4 horas da manhã, consegui finalmente decidir, dizendo para mim mesmo: "Vou, mas espero um dia voltar." Às seis da manhã, meu pai subiu até o meu quarto, batendo à porta com lágrimas nos olhos e a voz embargada. Ele disse: "Eu te amo, filho", e me abraçou por cerca de dez minutos.

Naquele momento, uma mistura de emoções preenchia o ar. Parecia que meu pai também tinha a sensação de que, se eu partisse, a volta não seria garantida. Após o abraço, meu pai, ainda chorando, disse que precisava ir trabalhar e que Deus me abençoaria durante minha jornada. Lembro-me claramente dele saindo do meu quarto e descendo as escadas. Ainda muito emocionado, comecei a escrever uma carta para ele. A cada poucas palavras, eu parava de escrever, pois as lágrimas me impediam de continuar. Levei quase meia hora para escrever a carta, e quando terminei, a deixei em cima da pia da cozinha da casa onde eu morava.

Dessa forma, meu tio Marcondes e eu chegamos ao Rio Grande do Norte em 26 de junho de 2009, na cidade de Natal, e fomos direto para o hospital onde meu avô estava internado. No caminho, ligamos para minha mãe, e ela nos informou que não precisaríamos ir ao hospital, pois meu avô estava na pousada onde as pessoas de Serrinha dos Pintos ficavam quando estavam em tratamento. Meu tio e eu achamos isso estranho, mas pedimos ao motorista do carro que nos levasse até a pousada.

Ao chegarmos lá, minha mãe estava emocionada e disse: "Aconteceu um milagre!" Eu a observei sem entender, enquanto meu tio Marcondes ficou atônito. Ele perguntou, com seriedade: "O que aconteceu, Marta?" Minha mãe respondeu: "O pulmão do nosso pai não tem câncer; era apenas uma mancha e relacionada à próstata, o médico disse que o tratamento está tendo sucesso, e, em nome de Jesus, nosso pai viverá muitos anos." Foi assim que minha jornada para o estado do Rio Grande do Norte começou.

Em relatar essas experiências para a Assistente Social do INSS, percebi que ela se emocionou um pouco e até mesmo derramou algumas lágrimas. Diante disso, decidi interromper minha narrativa, preocupado em não querer causar desconforto. No entanto, ela me surpreendeu ao perguntar se eu seguia a fé evangélica, e eu respondi que sim, em virtude das minhas crenças. Senti a necessidade de pedir desculpas à Assistente Social por qualquer

impacto emocional que meus relatos possam ter causado, pois minha intenção não era fazer com que ela se sentisse assim. Ela gentilmente respondeu que não havia problema algum. No desfecho da conversa, a Assistente Social indagou sobre meus sonhos, e eu compartilhei que, quando criança, alimentava o sonho de escrever músicas e cantar em um palco. Ela então expressou interesse em ouvir mais sobre isso e me encorajou a contar minha história.

A narrativa remonta ao período em que meu avô necessitou de tratamento em Natal, entre julho e setembro de 2009. Durante essa época, meu primo Francisco Antonimar Fernandes, carinhosamente conhecido como Marzinho, com apenas dez anos, assumiu a responsabilidade dos afazeres no sítio de nosso avô. Demonstrando notável aptidão e conhecimento na gestão das atividades rurais, Marzinho assumiu o comando, deixando-me em Serrinha dos Pintos. Nessa circunstância, tive a valiosa oportunidade de aprender sobre o trabalho no campo. Enquanto estava na cidade, fui convidado a participar de um curso oferecido pelo Projeto PROJOVEM, promovido pela Prefeitura de Serrinha dos Pintos. Além de prosseguir com meus estudos, o programa também me proporcionou apoio financeiro.

À medida que o curso estava chegando ao fim, um dia eu estava sozinho na sala de aula no edifício da Prefeitura, quando uma mulher entrou. Eu estava ocupado rabiscando algumas ideias em meu caderno. Ela perguntou se eu era compositor, e, sem saber quem ela era, respondi que escrevia músicas. A mulher então fez uma proposta inesperada: pediu que eu compusesse uma música relacionada ao PROJOVEM. Aceitei o desafio, e ela informou que a Governadora Wilma Maia estaria na cidade para entregar os diplomas aos graduados do curso e que eu teria a oportunidade de cantar a música para ela. Com tranquilidade, concordei com a proposta, e a mulher deixou a sala.

Em menos de dois minutos, o servidor Sandrinho, da Prefeitura, adentrou à sala com um misto de otimismo e preocupação em sua expressão. Ele indagou se eu iria compor uma música para um evento. Fui pego de surpresa pela pergunta e imediatamente questionei o motivo. Sandrinho explicou que uma assessora da Governadora Wilma Maia afirmou que eu seria o compositor da música para o evento. A situação me deixou perplexo, pois nunca havia escrito uma música antes e, acima de tudo, sou uma pessoa que não costuma mentir. Como poderia ter afirmado algo assim a uma mulher que mal conhecia? Parecia que, naquele momento, eu estava em transe, quase hipnotizado. Em pleno juízo, jamais teria feito tal afirmação.

Ao compartilhar esse episódio com Sandrinho, ele demonstrou grande preocupação. Então, perguntei quanto tempo eu teria para criar a música. Ele respondeu de maneira séria que o evento ocorreria na sexta-feira, 25 de setembro. Isso me deixou perplexo, pois tinha menos

de 48 horas para compor uma música e apresentá-la no evento. Ciente de que Jajá era habilidoso no violão, deixei a prefeitura e segui diretamente para a casa dele.

Ao chegar à residência de Jajá, compartilhei o ocorrido com ele e sua mãe. Ambos riram da forma como eu me expressava e, humildemente, pedi ajuda, pois nunca havia escrito uma música antes. Jajá confessou que também nunca havia composto uma música, mas, devido ao horário do almoço se aproximando e a existência de compromissos, sugeriu que eu fosse para casa e retornasse entre 15:30h e 16h. Assim, o fiz.

Por volta das 13:40h, cheguei novamente à casa de Jajá. Ele exclamou: "Você é maluco! Como vamos compor uma música em tão pouco tempo e apresentá-la na sexta-feira?" Eu confessei não saber, mas senti que deveríamos tentar. Começamos a criar melodias, experimentando de diversas maneiras. Após cerca de vinte minutos, uma ideia brilhante surgiu em minha mente: por que não fazer uma paródia? As pessoas já conhecem o ritmo, então poderíamos simplesmente adaptar a letra. Começamos a discutir qual música poderíamos usar, e eu me lembrei de uma versão da canção "Catedral" interpretada por Leandro, da dupla Leandro e Leonardo. Jajá pegou as notas, e em menos de dez minutos, tínhamos a música pronta. Eis como ela ficou:

O Projovem é um projeto bom, quer nos qualificar, uma profissão iremos alcançar, pra num futuro ter uma vida melhor, estudar e se profissionalizar. Não é fácil vencer nesta vida, temos que batalhar, se esforçar e acreditar pra num futuro ter uma vida melhor, estudar e se profissionalizar. Onde eu posso ser um profissional e acreditar em mim, e uma vida regalada eu vou almejar isso sim, eu sei que vou conseguir, vou conseguir neste lugar, em Serrinha. (Letra da Música de Thiago Fernando de Queiroz e Jamilson Gomes de Oliveira, Serrinha dos Pintos, 2009).

Após a conclusão da composição da música, realizamos alguns ensaios, e minha jornada de volta para casa foi repleta de alívio. No dia 25 de setembro, às 17h, Jajá e eu nos preparamos para apresentar a música no evento dedicado à Governadora. A população da cidade se reuniu diante da Prefeitura, e estavam presentes o Prefeito, os Secretários e toda a equipe administrativa. Todos ansiavam pela chegada da Governadora. Entretanto, após esperarmos por cerca de uma hora, um representante da Governadora nos informou que ela não poderia comparecer ao evento, mas ele estava naquele momento para representá-la. Foi então que o Prefeito nos apresentou, e começamos a cantar a música.

Foi um momento inesquecível. Ao término da nossa apresentação, os aplausos ecoaram de forma estrondosa, e eu, emocionado, agradei com a voz embargada. Ao sair da Prefeitura, sentíamos-nos como verdadeiros artistas, sendo abordados por pessoas que desejavam nos cumprimentar e tirar fotos conosco. Chegando em casa, estava repleto de entusiasmo. Naquele

final de semana, consegui compor minhas primeiras duas músicas: "Uma Paixão Que Senti" e "Ele é Tudo Pra Mim". A segunda foi escrita em colaboração com meus primos, Felipe Queiroz e Elson Queiroz. Para concluir meu relato, a Assistente Social me pediu para cantar uma parte da música, e assim o fiz.

Numa estrada eu procurei um caminho que pudesse me levar a felicidade, procurei em Jesus Cristo a resposta e a saída, Ele é tudo pra mim, a minha felicidade. Ele é tudo pra mim, Ele é tudo pra mim, Senhor Deus meu, Ele é tudo pra mim, Ele é tudo pra mim, a vida, a luz e a salvação, Deus meu. Ele e a luz no fim do túnel, Ele é o ar que nos faz respirar, Ele é o meu parceiro nas horas de decisões, Ele é tudo pra mim, a minha felicidade. Ele é tudo pra mim, Ele é tudo pra mim, Senhor Deus meu, Ele é tudo pra mim, Ele é tudo pra mim, a vida, a luz e a salvação, Deus meu (Narrativa de Thiago Fernando Queiroz, Mossoró, 2022).

Após concluir a minha canção, a Assistente Social demonstrou sinais de emoção e expressou a sua admiração pela minha história. Ela compartilhou sua perspectiva de que Deus estava guiando o meu caminho, aconselhando-me a seguir sempre o caminho do bem. Nesse momento, começou a preencher alguns formulários e pediu que eu aguardasse do lado de fora da sala até ser chamado pelo perito. Agradei e pedi desculpas caso, em algum momento, tivesse sido inconveniente.

Em menos de meia hora, o perito me chamou. Ao entrar na sala, solicitou que me sentasse, examinou minhas avaliações médicas e laudo, questionou sobre a minha visão e confrontou-me com a realidade. O perito, então, indagou como eu conseguia identificar a maçaneta da porta e entrar na sala sem dificuldades. Respondi que tinha percepção de contraste de cores e realizava essa tarefa com tranquilidade. Ao mencionar isso, ele fez algumas anotações em seu caderno. Após um breve momento, entregou-me um texto e pediu para que o lesse. Com pesar, tive que admitir: "Não consigo ler nada, a letra é muito pequena". Ele fez mais algumas anotações e concluiu o processo, liberando-me.

Ao retornarmos a Serrinha dos Pintos, meu avô Zé disse que minha atuação não tinha sido satisfatória e que minhas chances de aprovação eram reduzidas. Minha mãe, por outro lado, acreditava que tudo estava nas mãos de Deus e que, se fosse Sua vontade, as coisas dariam certo. Minha avó, Rita Fernandes de Queiroz, ao ouvir as palavras de meu avô, me aconselhou, dizendo: "Meu filho, por que você não seguiu o conselho do seu avô?" Respondi a ela que, apesar dos meus defeitos, eu preferia agir com sinceridade.

Menos de um mês após minha visita ao INSS, por volta da primeira semana de abril, recebi uma carta com a aprovação do meu Benefício, datada de 26 de março de 2010. No momento em que a carta chegou, eu estava com minha namorada, que a leu para mim. Nesse

dia, minha mãe estava em Natal, acompanhando o tratamento de câncer de próstata de meu avô. Minha namorada olhou para mim e me parabenizou, mas, naquele momento, eu não consegui expressar qual emoção estava sentindo. Gradualmente, aceitei a situação e me adaptei a ela.

Nesse período, tomei a decisão de compartilhar minha vida com minha namorada, e, em 10 de dezembro de 2010, selamos nossa união no Cartório da cidade de Martins, no Rio Grande do Norte. A cerimônia foi singela, mas repleta de amor e cuidado em cada detalhe. No início, enfrentamos a dificuldade de lidar com o fato de minha mãe e avós não terem uma opinião favorável sobre minha esposa, embora, com o tempo, tenham abraçado sua presença na família e a aceitado de coração aberto.

Naquela época, eu era imaturo e incapaz de lidar adequadamente com minha deficiência visual. Em alguns momentos, coloquei uma carga injusta sobre minha ex-esposa, esperando que ela me informasse sobre obstáculos nas ruas enquanto caminhávamos juntos. Houve ocasiões em que, ao tropeçar em uma lombada ou buraco, descontei minha frustração nela, algo que reconheço hoje como um comportamento desrespeitoso.

Lembro-me, com poucas semanas após o casamento, uma pessoa influente me alertou sobre as possíveis implicações de andar sozinho na rua em relação ao meu benefício do INSS. Minha falta de conhecimento me levou a acreditar nessas palavras, tornando-me prisioneiro de minhas próprias inseguranças. Sentia a pressão de sustentar nossa casa e isso me levou a uma profunda depressão, a ponto de me isolar em casa e transferir uma carga emocional ainda maior para minha ex-esposa.

No início de 2013, comecei a me recuperar gradualmente da depressão e tive a ideia de retomar meus estudos, acreditando que a educação poderia proporcionar uma oportunidade e dignidade renovadas em minha vida. Compartilhei esse desejo com minha ex-esposa e, embora duvidasse da possibilidade de ingressar em um curso de nível superior, expressei meu anseio por uma cidade com uma universidade. Sua resposta, de que não me acompanharia se eu saísse da cidade, abalou-me profundamente, na época eu entendia que a esposa deveria apoiar o marido. O relacionamento já estava desgastado, e esse incidente marcou o fim do nosso casamento.

Em abril de 2013, logo após meu aniversário, a tia de minha ex-esposa soube do meu desejo de retomar os estudos e me informou sobre um vestibular na cidade de Mossoró/RN, onde ela estava matriculada em uma instituição de ensino superior. Ela sugeriu que eu tentasse o vestibular, com a possibilidade de morar com ela se fosse aprovado. Aceitei o convite e viajei para Mossoró na primeira semana de maio para fazer o vestibular. A pro não era acessível às

minhas necessidades visuais e apresentou desafios significativos, mas, apesar das dificuldades, consegui concluí-la. No dia seguinte, após o vestibular, retornei a Serrinha dos Pintos.

A Tia da minha ex-esposa percebeu que eu estava tendo dificuldades para superar o término do relacionamento e, gentilmente, conversou com um primo que atuava como pastor na região de Crato, no estado do Ceará. Ele me convidou para ajudar nos trabalhos sociais da igreja na região. Aceitei o convite após uma breve reflexão durante nossa conversa. Passei aproximadamente quarenta e cinco dias no estado do Ceará, divididos em dois dias no Crato, dois em Juazeiro, dez em Campos Sales e vinte e um em Antonina do Norte. Essa experiência foi extremamente enriquecedora e revitalizante.

Quando cheguei em Serrinha dos Pintos, por volta de 25 de junho de 2013, recebi uma ligação da tia da minha ex-esposa com a notícia de que eu tinha sido aprovado no vestibular e deveria me preparar para me mudar, pois deveria ir para Mossoró em agosto. Fiquei muito emocionado e compartilhei a notícia com minha mãe, e logo após, liguei para meu pai. Ambos ficaram radiantes com a notícia. Meu pai, preocupado com meus estudos, me perguntou como eu iria estudar, respondi que faria o meu melhor. Ele então se ofereceu para comprar um *notebook* e um *tablet*, que enviou pelo Correio.

Fui para a casa de meus avós maternos para contar a notícia, era por volta das dezessete horas, meus avós, tios e vizinhos estavam sentados em frente da casa. Quando contei a notícia, meu avô Zé de Lourenço disse: de onde um cego pode estudar? Essas palavras ficaram marcadas em meu coração, os vizinhos disseram para eu não ir, pois, na visão deles minha vida era boa e eu não tinha que ter mais preocupações. Diante desses comentários, ergui-me e fui à casa da minha mãe. Decidi passar alguns dias na casa do meu avô paterno, Zacarias Francelino de Queiroz, no sítio Pinhão, Zona Rural de Antônio Martins, já que meu pai estava vindo de Santos em viagem de férias.

Na noite em que meu pai chegava de viagem, uma cena emblemática aconteceu, eu e meu avô Zacarias estávamos a esperar pai no alpendre, vovô na cadeira de balanço com sua bengala no colo e eu deitado no batente do alpendre. Quando escutamos de longe o som em ecos “coam, coam, coam, coam”, achei aquele canto lindo, e, perguntei ao meu avô que som era aquele, ele disse ser o pássaro a Acauã⁶, e continuou a dizer: “Esse pássaro traz mau agouro, quando ele canta, significa que está a trazendo morte”. Quando vovô disse isso, meu coração apertou. Onde vovô morava era um sítio e as casas eram distantes umas das outras, e, para

⁶ Ave de rapina da família dos falcões.

conseguir sinal de celular, era preciso ir para o terreiro da frente da casa e caminhar um pouco para perto de uma árvore.

Estava previsto para meu pai chegar no sítio por volta das 21h, quando deu 21:45h meu coração ficou acelerado, pois, o relato de vovô ao dizer que o canto do Acauã quer trazer morte me causou medo. Fui até a árvore ligar para pai, mas, só caía em caixa postal, liguei também para Tio Iranaldo que tinha ido buscar pai de carro no aeroporto, mas deu caixa postal também; deu 22h e fui ligar novamente, e como da primeira vez, caixa-postal. Vovô perguntou se a ligação chamava, eu disse “não”. Nesse momento, vovô se levantou da cadeira devagar, colocou a mão na cabeça e sem dizer sequer uma só palavra, foi devagar para o seu quarto. Nesta hora comecei a orar a Deus e fui para debaixo da árvore ligar novamente às 22:30h.

Desta vez meu pai atendeu e muito estressado disse que sua mala havia sido extraviada no aeroporto, por isso a demora em sua chegada. Muito nervoso e agitado, pai disse: “como vou fazer sem roupa? Meus remédios estavam na mala, Jesus! ”, eu disse: “calma, pai, Deus sabe o que faz, tudo está conforme os planos de Deus”. Pai então disse estar em Alexandria e chegava no máximo em uma hora. Como eu havia percebido que vovô estava preocupado, fui até a direção do quarto dele, no caminho observei ele em frente ao bebedouro com o copo de água em mãos. Disse a vovô ter conseguido falar com pai, que ele estava bem, mas, pelo jeito, furtaram a mala dele no avião. Assim ele disse: “O canto da Acauã nunca falha”. Depois disso, vovô voltou para o alpendre para esperar seu filho chegar.

Quando meu pai chegou, tivemos a oportunidade de nos abraçarmos e foi um momento de alegria, pai pediu a bênção a vovô e deram um abraço duradouro. Em instante chegou tia Ivanete, tio Ivanildo e o primo Almair. Porém, depois dos abraços, pai disse estar muito estressado com o fato ocorrido com a mala e por isso estava com muita dor de cabeça. Pai ficou três semanas no sítio Pinhão, para tranquilizá-lo, fiquei sempre a entrar em contato com a empresa aérea para saber a respeito se haviam encontrado a mala, e sempre davam respostas negativas. Nesse ínterim de tempo, pai comprou roupas novas e os remédios que tomava. Eu disse: “essa mala custeará toda sua viagem, Deus sabe o que faz”. Mesmo assim, pai não aceitava o que havia ocorrido.

Orientei meu pai a manter um registro de todas as notas fiscais de suas compras, instruindo-o a procurar um advogado de confiança da família ao chegar em Santos, a fim de iniciar uma ação legal. Inicialmente relutante em seguir adiante com a ação, meu pai, após minha insistência, acabou aceitando meus conselhos. Quando o advogado perguntou a meu pai sobre o conteúdo de sua mala, ele se limitou a relatar com honestidade que continha apenas roupas e remédios.

O advogado expressou surpresa, já que em casos anteriores, muitas pessoas alegavam possuir bens de alto valor. No entanto, meu pai permaneceu fiel à verdade, o que eventualmente resultou na vitória da ação, confirmando minha previsão de que o dinheiro do processo cobriria todas as despesas da viagem.

Um dos momentos mais memoráveis dessa viagem com meu pai ocorreu quando ele me convidou para acompanhá-lo até a cidade de Pilões. Chegando lá, ele foi até um supermercado onde meu avô costumava fazer suas compras e perguntou a um funcionário se havia alguma dívida pendente em nome de meu avô. O funcionário, ao conferir o registro, encontrou um saldo considerável.

Meu pai então indagou se eles aceitavam pagamento com cartão de débito, surpreendendo o funcionário. Enquanto eu observava em silêncio, essa atitude do meu pai deixou uma forte impressão em mim. Ele demonstrou seu amor pela família não com palavras, mas com ações concretas, um gesto que permanece gravado em minhas memórias até hoje.

1.2 As vivências e dificuldades na aprendizagem

No dia 4 de agosto de 2013, fui de moto para a cidade de Mossoró, acompanhado pela tia da minha ex-esposa. Partimos de Serrinha dos Pintos por volta das 15:40h e chegamos ao nosso destino por volta das 18h. A jornada foi extenuante, mas minha determinação em recomeçar a vida e iniciar meus estudos superava qualquer fadiga. Naquela noite, mergulhei em pensamentos repletos de perguntas sobre como seria minha nova vida, quais desafios enfrentaria e se conseguiria triunfar naquela nova terra.

No dia seguinte, nos levantamos cedo, e a tia da minha ex-esposa me levou para conhecer o campus da faculdade, mostrando-me o caminho e fazendo uma visita ao Centro Administrativo para uma entrevista com uma Assistente Social, relacionada a um trabalho acadêmico. Após retornarmos para casa e almoçarmos, decidi dar um passeio para explorar os arredores do bairro.

Por volta das 15h, enquanto eu caminhava na Praça dos Esportes e retornar pela Rua Princesa Isabel no Bairro Doze Anos, subo a calçada da Escola Municipal Manoel Assis, ao andar um pouco, não percebi um poste de energia que estava no meio da calçada. Como nunca havia passado em um local onde um poste ficava localizado no meio de uma calçada, continuei a andar até que bati com força o meu rosto. Meu nariz começou a sangrar e meus lábios ficaram cortados devido ao aparelho em meus dentes. Em milésimos de segundos, passou em minha

mente em desistir de tudo e voltar para casa, pois, a memória de meu avô materno a dizer que um cego não podia estudar ecoava naquele momento.

Porém, de forma inesperada, envolto a todo aquele sentimento, eu virei para o poste e comecei a falar com ele como se o poste de energia fosse uma pessoa e disse: “Hoje você me incentivou a desistir, mas, um dia, eu passarei por aqui e demonstrarei que irei vencer. Hoje sou um nada, mas, passarei aqui em um futuro breve como um vencedor, Professor pesquisador com PhD.” Quando cheguei na casa da tia de minha ex-esposa, ela me questionou o que havia ocorrido, informei o acontecido e ela limpou meus ferimentos.

Em 6 de agosto de 2013 iniciei minha graduação em Administração, a aula foi bem divertida, fiz amizades com diversos colegas, porém, me assustei quando fui informado que esta graduação seria semipresencial, e com isso, deveríamos cumprir requisitos em uma plataforma online, no instante me desesperei um pouco. Quando cheguei em casa, peguei meu computador novo e observei que as letras eram muito pequenas, em alguns momentos, eu aproximava meu rosto a menos de cinco centímetros da tela, e, isso irritou demais meus olhos. Todavia, com muita dificuldade, naquela noite eu consegui compreender como era a plataforma da universidade.

No outro dia de manhã, levantei-me cedo e fui tentar trabalhar em meu computador. Pesquisei no *Google* alguma forma de tornar as letras do meu computador maior, em um site li que para a letra ficar maior em um navegador de internet deveria clicar ao mesmo tempo, a tecla “Ctrl” e o sinal de “+”. Porém, de forma constante, era necessário modificar a barra inferior do navegador para a direita e esquerda quando necessitasse ler ou clicar em um ícone que não aparecia na tela. Utilizei esse recurso durante um certo tempo, porém, às vezes me revoltava em sempre ter que mudar a barra inferior para a direita e esquerda.

Por volta do final do mês de setembro de 2013, realizei as primeiras provas da faculdade, ambas não tinham acessibilidade, por mais que eu tivesse explicado a minha dificuldade visual, a equipe pedagógica não sabia como lidar com a situação. Mesmo assim, fiz as provas assim como havia feito no vestibular, com os olhos perto da prova para tentar ver ao máximo. Quando recebi as notas, me entristeci, pois, todas estavam abaixo da média, mesmo ao ter me esforçado muito, não consegui ter o êxito esperado.

Em um momento posterior, próximo ao mês de outubro, mantive uma conversa com a equipe pedagógica. No entanto, a resposta que recebi foi a mesma: não podemos fazer nada. Eles pediram sugestões, mas eu mesmo não sabia o que fazer, uma vez que não estava familiarizado com nenhuma metodologia voltada para pessoas com baixa visão. Concluí as

provas da segunda unidade e os resultados foram semelhantes aos da primeira unidade, ou seja, minhas notas continuavam abaixo da média.

No início de setembro de 2013, por volta do dia 5, visitei o Polo da faculdade para informar que não conseguia mais prosseguir com a graduação. Foi uma situação muito dolorosa. Tive que caminhar de volta para casa, uma jornada de quatro quilômetros. Durante essa caminhada, um sentimento de desânimo e tristeza tomou conta de mim, e mais uma vez, lembrei das palavras de incentivo do meu avô e dos meus familiares. Em meio a esses pensamentos, busquei orientação divina, pois não queria desistir da faculdade, mas minhas notas continuavam baixas, e eu não conhecia nenhum recurso ou metodologia que pudesse me auxiliar além dos que já estava utilizando. As emoções tomaram conta de mim, e lágrimas começaram a rolar.

Próximo a um posto de gasolina na Avenida Diocesano, fui abordado por um colega chamado Arthur Willian, que estava fazendo uma caminhada. Ele era Guarda Municipal de Mossoró. Arthur me parou na avenida e perguntou por que eu estava chorando. Respondi que era devido à situação na faculdade, com minhas notas abaixo da média, e acreditava que o problema estava relacionado à minha visão, já que a instituição não oferecia recursos de acessibilidade. Arthur então me convidou a subir na calçada e perguntou se eu tinha um tempo para conversar. Eu assenti, e foi nesse momento que Arthur disse:

Thiago, acredito fazer muitos anos que você terminou seu ensino médio, você perdeu o costume de estudar, além disso, hoje você está com esse problema visual. Você deve voltar a aprender a aprender estudar, e para isso, seria interessante você fazer primeiro um curso profissionalizante, após um curso técnico e daí, sim, ingressar na universidade. Faça também um cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, para lhe preparar melhor. (Narrativa de Arthur Willian, Mossoró, 2013).

Escutei aquelas palavras e fiquei a questionar-me em meus pensamentos se Arthur estava correto. Era uma excelente ideia, porém, pensei se tudo isso não iria demandar um tempo maior. Foi quando Arthur perguntou: “O que achou desta minha colocação?”, informei ser uma boa ideia. Foi então que sem eu esperar, ele complementou: “Você sabe onde quer chegar?”, disse não saber, então ele falou: “Já chegou a ler o livro de Alice no País das Maravilhas? Tem um momento em que Alice anda por um caminho e o gato pergunta aonde Alice vai, ela disse não saber. O gato então diz que se não sabe aonde vai, não chegará a lugar nenhum”.

Concordei com ele, então ele perguntou: “Você sabe como estará daqui a dez anos?” Disse não saber, ele então falou para eu trabalhar com metas, pelo menos com dez metas anuais, e, que essas metas fossem possíveis de alcançar. Arthur ainda disse: “Quando chegar em casa já faça suas metas, e insira que em 2013 irá fazer um curso profissionalizante, 2014 um curso

técnico, 2015 entrará na Universidade, 2020 fazer uma especialização, 2022 entrar no mestrado, 2024 entrar no doutorado e em 2028 iniciar o Pós-doutorado; em meio a esse tempo, faça concursos públicos.”

Após essas palavras, Arthur Willian perguntou o que eu achava dessas informações, disse ter adorado, ele se despediu de mim, eu o agradei muito pelas orientações e ele seguiu em seu objetivo. Continuei a caminhar para casa, só que desta vez eu estava muito motivado. Fui a conversar comigo mesmo durante o percurso e perto de casa, disse para mim mesmo, “vou seguir os conselhos de Arthur”.

Quando cheguei em casa, meu objetivo foi logo pegar o computador e traçar minhas metas e as que Arthur havia dito a mim. Porém, sem sequer pisar em casa, a Tia da minha ex-esposa me chama para irmos ao Centro de Mossoró resolver umas questões, sem questionar, fui com ela. Enquanto estávamos a resolver alguns compromissos, contei o fato ocorrido com Arthur, ela expôs ser pertinente os argumentos dele.

Em casa, fui direto pegar o computador, escrevi as dez metas e pesquisei em sites de busca se havia cursos abertos no município de Mossoró. Apareceu um site com informações que aquele era o último dia de inscrição de cursos profissionalizantes no SENAC. Acessei o site do SENAC Mossoró e busquei informações do como eu poderia fazer a inscrição. Perguntei então a tia da minha ex-esposa se o SENAC era longe, ela disse ser um pouco, todavia, se as aulas fossem ao período vespertino, ela poderia fazer comigo. Dessa forma, fiz minha inscrição e a dela. Esse dia era uma sexta e o resultado sairia em uma segunda-feira.

Quando chegou a segunda-feira, 9 de setembro de 2013, fiquei o dia todo a olhar o resultado no site do SENAC, de meia e meia hora olhava o site e nada. Quando deu por volta das 23:45h o resultado saiu, e, para meu espanto, eu e a tia de minha ex-esposa fomos selecionados para ingressar no Curso de Auxiliar de Recursos Humanos, e, tínhamos até a quarta-feira para levar as documentações requeridas, dentre uma delas, tinha o meu certificado do Ensino Médio que não estava comigo e o comprovante de quitação eleitoral. A terça-feira foi um dia somente para conseguir esses documentos. Na terça à tarde fui à Justiça Eleitoral em Mossoró e transferi meu título, ao conversar por telefone com a Secretária da escola onde estudei no ensino médio, fui informado que o documento seria enviado via e-mail na quarta-feira pela manhã, e, assim aconteceu.

No dia 11 de setembro de 2013, uma quarta-feira, realizamos a inscrição de forma presencial no SENAC e recebemos a notícia de que as aulas começariam no dia seguinte. A tia da minha ex-esposa comunicou que não conseguiria assistir às aulas na quinta e sexta, mas estaria disponível a partir de segunda-feira, e concordei com a sua disponibilidade. Foi no dia

16 de setembro de 2013, uma segunda-feira, que começamos as aulas e fomos informados de que o curso teria uma duração de dois meses, com uma carga horária de 160 horas, sendo a nossa primeira disciplina a Redação Empresarial.

Nossas aulas eram ministradas pela Professora Djeim Nunes. Desde o primeiro momento, senti que minha jornada seria transformada por esse curso. Mesmo com apenas cinco aulas, cada uma delas era intensa e cativante. A turma inteira compartilhava da mesma admiração pela Professora Djeim. Como avaliação da disciplina, ela nos solicitou a apresentação de um seminário abordando diversos gêneros de escrita e redação empresarial. Meu grupo foi o último a se apresentar, e após nossa apresentação, a Professora me encorajou a não desistir diante das adversidades. Ela destacou minha deficiência visual e afirmou que eu deveria persistir e nunca desistir.

As palavras da Professora comoveram tanto a mim quanto à turma. Ela também mencionou que eu era um exemplo a ser seguido, ao terminar com a poderosa frase: "seja forte!" Essa frase evocou memórias de uma conversa anterior com minha Prima Chiquinha em um orelhão. Após as palavras da Professora, meus colegas começaram a oferecer palavras de incentivo. Naquele momento, mesmo ao estar desanimado, comecei a cultivar uma força interna para continuar minha jornada.

À medida que prosseguíamos nas disciplinas, minha determinação crescia. Meus colegas continuavam a me apoiar, e a equipe pedagógica demonstrava constante preocupação com o meu progresso. Uma das funcionárias da equipe pedagógica me questionou se eu gostaria de conversar com um Professor de Informática para adquirir conhecimentos sobre recursos tecnológicos que poderiam auxiliar meus estudos. Eu prontamente aceitei a oferta. Durante a conversa com o Professor, ele me perguntou sobre como eu utilizava o computador para estudar. Eu expliquei que apenas aumentava o tamanho da fonte no navegador usando as teclas "Ctrl" e "+". Ele então mencionou a existência da lupa do *Windows*, algo que eu desconhecia até então.

O Professor então me apresentou a lupa do *Windows*⁷ e disse não ser mais necessário eu aumentar a fonte do navegador e ficar sempre a mudar a barra para direita e esquerda, ao usar a lupa, a tela toda aumentava. Fizemos alguns testes e observei ser possível usar a lupa do *Windows* em duzentos por cento. Foi difícil me acostumar como o cursor do *mouse* seguia na tela, porém, em duas semanas, dominei essa nova forma de usar o computador.

O curso de Auxiliar de Recursos Humanos desempenhou um papel significativo na minha vida. Conforme nos aproximávamos da última semana de aulas, sentimentos intensos

⁷ A tecla de atalho para ativar a lupa do *Windows* é a Tecla com o símbolo do *Windows* e a tecla "+", para desativar a lupa é a Tecla com o símbolo *Windows* e a tecla "Esc".

tomaram conta de mim. À noite, em particular, eu me via chorando, consciente de que aqueles momentos estavam prestes a se dissipar. Aquela semana se transformou em uma montanha-russa de emoções. Tomando a decisão de permanecer em Mossoró, aluguei uma casa na Rua Dom Helder Câmara, na Lagoa do Mato, no bairro Belo Horizonte, próximo ao Poeta Antônio Francisco.

A turma optou por organizar uma festa de *Halloween* como nossa festa de despedida. Fiquei muito animado com o tema, já que sempre foi um desejo de infância participar de um evento desse tipo vestido a caráter. No dia que antecedia a última aula, em 31 de outubro de 2013, decidi escrever uma paródia como forma de agradecimento aos professores e aos meus colegas. Elaborei a letra e a entreguei a uma colega para imprimir. Após a aula, reunimos os professores que tinham nos orientado ao longo do curso na sala e cantamos a paródia em um gesto de apreço e gratidão:

Os professores que apareceram em nossa turma de RH, nos ensinaram os fundamentos que um dia usaremos em nossas vidas e em trabalhos que iremos nos profissionalizar. É no SENAC sim que eu aprendi bastante, o ambiente é legal, fiz amigos importantes. Os professores nos ensinaram sobre os direitos trabalhistas, redação empresarial e perfil profissional, noção de arquivos e processos de recursos que iremos utilizar sim. É no SENAC sim que eu aprendi bastante, o ambiente é legal, fiz amigos importantes (Narrativa de Thiago Fernando de Queiroz, Mossoró, 2013).

Após a performance da paródia, tanto os professores quanto nós, alunos, nos encontramos em um momento de grande emoção, e as lágrimas se tornaram inevitáveis. Antes de deixar o SENAC, decidi visitar o setor de atendimento e conversei com uma atendente. Expliquei que não desejava sair do SENAC naquele momento, pois o instituto me ajudou a me reerguer, e eu estava interessado em saber se havia algum curso gratuito nos próximos meses.

A atendente me escutou e, após verificar o sistema do SENAC, mencionou que eu estava com sorte, já que as inscrições para o curso de Massagista se encerrariam naquele dia. Ela me perguntou se eu gostaria de participar, e sem hesitar, respondi “sim”. Em seguida, preenchi o cadastro com a ajuda da atendente, que me informou que o curso começaria na segunda-feira, dia 4 de novembro de 2013. Fiquei atordoado, uma mistura de alegria e entusiasmo tomou conta de mim, e agradei profundamente à atendente, que respondeu que seu trabalho era proporcionar essa oportunidade. Eu ainda disse: "Você não faz ideia de como estou feliz". A atendente respondeu: "Sua gratidão será demonstrada dando o seu melhor no curso".

Como a tia da minha ex-esposa não estaria mais disponível para me dar carona para o curso, comecei a pesquisar os preços dos moto-táxis e percebi que não tinha recursos financeiros para arcar com essa despesa de transporte. Sem alternativas, decidi que caminharia

oito quilômetros de ida e volta para o SENAC, mas, como estava determinado a alcançar esse objetivo, não vi isso como uma dificuldade. Pelo contrário, caminhava com alegria.

No primeiro dia de aula, tive a agradável surpresa de encontrar duas colegas do curso de Auxiliar de Recursos Humanos, Jussara e Débora. Foi uma alegria imensa. Durante o intervalo da primeira aula, caminhamos até o SESC e comentei com as meninas: "Antes de terminar este curso, pretendo dar um mergulho naquela piscina". Uma delas me informou que isso só seria possível se eu fosse sócio do SESC, ao que respondi que nadaria naquela piscina mesmo sem ser sócio. Jussara e Débora acharam isso impossível.

Naquele fim de semana, estava programada a prova do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM. Meu objetivo era me preparar para ingressar em uma universidade em 2015. Lembro-me de ter feito a inscrição para o ENEM na segunda semana de maio, com a intenção de avaliar minha nota para o ingresso universitário em 2015 e garantir uma pontuação básica para concorrer ao Sistema de Seleção Unificada da Educação Profissional e Tecnológica (SISUTECH), a fim de iniciar um curso técnico.

Quando fiz minha inscrição para o ENEM em maio, expus ser pessoa com deficiência visual e pedi pela primeira vez o apoio de um leitor e transcritor. No dia da aplicação da prova, que seria na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, cheguei antes do horário previsto para a abertura dos portões e aproveitei para conhecer pessoas novas. Quando o portão abriu, perguntei a uma pessoa onde ficava a Faculdade de Educação, ela me orientou e cheguei a sala reservada para mim.

Ao entrar na sala, questionei os professores presentes se eu seria o único estudante naquela sala, fui informado de que sim, o que me pareceu estranho, pois, nas edições anteriores do ENEM em que participei em 2005 e 2010, eu não havia especificado minha deficiência visual, e, por consequência, não havia recebido nenhum suporte em termos de recursos de acessibilidade. Lembro-me de que em 2005 e 2010, foi muito desafiador a realização da prova devido à quantidade de leitura necessária e à tarefa de preencher a tabela de respostas.

Na sala, recebi a instrução de desligar meu celular, que era um aparelho simples, sem muitos recursos tecnológicos. Além disso, fui questionado sobre minha preferência de local na sala, o que me deixou surpreso, pois não esperava que os aplicadores do ENEM solicitassem minha opinião sobre o assunto. Respondi à aplicadora que qualquer local que ela considerasse apropriado estaria bem para mim.

O Chefe de Sala perguntou se eu já havia realizado alguma prova com o auxílio de um leitor, ao que respondi que era a primeira vez. Ele então explicou como funcionaria e apresentou as duas leitoras, ambas iriam desempenhar os papéis de leitora e transcritora, alternando em

determinados momentos. Aceitei as condições e a prova teve início. Confesso que me senti um pouco triste, pois houve questões que as leitoras tiveram que ler duas vezes e, por vergonha, não pedi para que repetissem quando sentia a necessidade de uma nova leitura. Meus ouvidos não estavam acostumados a absorver informações de uma prova lida por outra pessoa. Mesmo assim, consegui responder cerca de quarenta questões, enquanto as demais foram apenas marcadas no cartão de respostas.

No segundo dia do ENEM, consegui responder cinquenta questões e completar a redação, que abordava o tema da publicidade infantil. A tarefa de escrever a redação foi desafiadora, uma vez que eu não podia ver as linhas do papel de rascunho. Para formar um raciocínio lógico, precisei escrever, e, para complicar, minha caligrafia não é de fácil leitura. No entanto, as transcritoras demonstraram muita paciência, e juntas conseguimos superar esse obstáculo.

Na semana seguinte ao ENEM, começamos a estudar a disciplina de Primeiros Socorros no curso de Massagista. A professora informou que a nota final seria baseada na demonstração prática de primeiros socorros, que poderia ser apresentada por meio de um vídeo ou de forma presencial, desde que fosse o mais próximo possível da realidade. Meu grupo ficou responsável por demonstrar os primeiros socorros em casos de afogamento, e ele era composto por mim, Jussara, Débora e outra aluna. Ficamos pensando em como realizaríamos essa tarefa e sugeri que fôssemos ao SESC para solicitar permissão de usar a piscina em nossa encenação. Após conversarmos com uma gestora, ficamos com um limite de vinte minutos, já que às 15h haveria uma outra atividade na piscina.

Foi nesse momento que saltei na piscina. As garotas do grupo começaram a discutir comigo, e eu declarei: "Se a professora quer realismo, vamos começar a filmagem!" Assim, começamos a gravar. Eu encenei um afogamento, e Jussara, mesmo sem entrar na piscina, conseguiu me puxar e realizou os procedimentos de primeiros socorros. Após concluir a gravação, dei outro mergulho e, ao sair da piscina, comentei: "Há algo impossível para Deus?" As garotas começaram a rir e concordaram que nada era impossível.

Em janeiro de 2014, em um dia que não me recordo, fiz uma reflexão pessoal: "Este ano, preciso ingressar em um curso técnico e fazer cursinhos preparatórios para o vestibular." Com esse pensamento em mente, busquei informações com colegas do SENAC sobre onde encontrar cursinhos preparatórios para o ENEM e vestibulares. Fui informado sobre a CONVEST, uma escola de cursinhos preparatórios próxima à minha antiga escola, o Dom Bosco, no Centro da cidade.

Em janeiro, fui até a CONVEST para verificar os preços dos cursinhos. No entanto, o valor informado estava além das minhas possibilidades financeiras naquele momento. Perguntei à atendente se havia a possibilidade de obter algum desconto devido à minha situação financeira, e ela explicou que não tinha autoridade para conceder descontos, mas sugeriu que eu esperasse a chegada de um dos proprietários para discutir minha situação.

Esperei com paciência por mais de três horas até que o proprietário chegasse. A atendente o informou sobre a minha situação, e ele me chamou para uma conversa em seu escritório. Após me acomodar em uma cadeira, ele me perguntou por que eu estava ali. Expliquei que desejava obter uma bolsa integral, ao que ele respondeu que não seria possível, mas que poderia oferecer o curso com 50% de desconto, dessa forma aceitei.

Minha rotina tornou-se então bastante intensa, já que de segunda a sexta-feira, à tarde, eu precisava caminhar do SENAC até a CONVEST, saindo às 17h do SENAC e chegando em casa por volta das 23h. Essas caminhadas somavam uma média de mais de doze quilômetros por dia. Durante esse período, também me inscrevi no vestibular da UERN.

No dia 2 de fevereiro de 2014, ocorreu o vestibular PSV da UERN. Assim como no ENEM, cheguei com antecedência ao horário de abertura dos portões. Portando o cartão de confirmação do vestibular, consultei algumas pessoas para encontrar a sala designada no cartão. A princípio, alguém indicou que fosse na Faculdade de Educação (FE), mas, ao chegar lá, fui informado de que a sala estava na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFIC). Ao prosseguir na FAFIC, informaram que a sala se encontrava na Faculdade de Direito (FAD), e, posteriormente, na FAD, me disseram que era na Faculdade de Educação Física (FAEF). Enfim, quando cheguei à FAEF, fui informado de que, na verdade, a sala estava na FE, novamente.

Ao receber a informação de que a sala estava na FE, parei e percebi que outros cinco alunos também estavam na mesma situação, em procura de suas respectivas salas. Verifiquei no celular e constatei que tínhamos apenas dois minutos até o início da prova. Isso gerou grande preocupação entre nós, pois ninguém sabia onde encontrar suas salas designadas.

Às 13h, o sinal tocou e ouvimos o som dos portões sendo fechados, ficamos em pânico, e foi nesse momento que me ocorreu a ideia de ligar para a polícia, na esperança de que registrar um boletim de ocorrência nos assegurasse. Hoje, compreendo que essa medida não teria sido eficaz. Com o telefone em mãos, um servidor da UERN se aproximou e explicou que não era necessário chamar a polícia, pois eles resolveriam nosso problema. Perguntei se ele sabia onde ficavam nossas salas, mas ele respondeu não saber. Isso nos deixou ainda mais desesperados. Encorajado pelos colegas que estavam na mesma situação, decidi continuar a ligação para o número de emergência 190.

Enquanto conversava com um policial, percebi o servidor se aproximar, dessa vez acompanhado por outra pessoa, e ouvi-o dizer à senhora: "Aquele é o candidato que está perdido e está ligando para a polícia." Com a visão limitada que eu tinha, observei uma senhora se aproximando de mim. Quando ela chegou mais perto, ela disse: "O que aconteceu, filho? Desligue o telefone para que eu possa entender a situação." Expliquei a ela, e ela respondeu: "Fique calmo, tudo será resolvido. Tenha paciência." Eu relatei que já ter procurado a sala por mais de uma hora e só recebia direcionamentos de um lado para o outro. Ela então me tranquilizou com sua fala serena, apesar de eu estar cansado e ansioso com a situação.

Ela disse: "Vou resolver o seu problema." Perguntei como seria a situação dos outros alunos, e ela chamou o servidor e lhe pediu para verificar o caso dos demais estudantes. Foi nesse momento que aquela senhora me acompanhou até a sala, que ficava próxima à Faculdade de Educação.

Ao me aproximar da sala, ela proferiu: "Aqui estamos, na sua sala. Seu nome já está no papel. Pode ficar tranquilo; as provas ainda não começaram." Agradei e, em seguida, ela se apresentou: "Sou a Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, o que precisar de mim, estou à disposição." Agradei mais uma vez e comecei a prova. Esse encontro parecia ser um daqueles acontecimentos divinos, pois eu ainda teria muitos encontros com a Professora Ana Lúcia.

Na semana seguinte à prova do vestibular da UERN, percebi que o cursinho da CONVEST não estava me preparar de forma adequada para o vestibular e o ENEM. Minha base de estudos estava enferrujada e minha confiança abalada. Decidi, então, procurar uma escola particular e tentar ingressar em uma turma do terceiro ano do ensino médio, determinado a recuperar o tempo perdido e alcançar meus objetivos acadêmicos. Apesar de ter concluído o ensino médio, persisti na ideia, movido pelo desejo de superação e conquista. Esta jornada rumo ao sucesso acadêmico não foi isenta de desafios, mas eu estava disposto a enfrentá-los de cabeça erguida, com fins a demonstrar minha resiliência e compromisso com meus sonhos.

Após procurar várias instituições de ensino privado, uma escola próxima ao bairro Doze Anos aceitou minha solicitação. No entanto, fiquei desanimado ao ouvir o valor da mensalidade, pois não tinha condições de arcar com as despesas. Conversei com a atendente da escola e expus meu desejo, pedindo orientações para obter um desconto. Ela sugeriu que eu falasse com o dono da escola, que estava presente naquele momento. Ao compartilhar minha história com o dono da escola, ele me surpreendeu perguntando: "Você conseguiria pagar a metade do valor do nosso cursinho preparatório para o ENEM?" Aceitei a proposta e comecei naquela mesma semana.

Durante as duas semanas seguintes, de 10 a 24 de fevereiro, minha rotina consistia em acordar às 5:30h, sair de casa às 6h, chegar à escola às 7h, voltar para casa às 11h para almoçar e tomar banho, retornar ao SENAC às 12:15h, dirigir-se à CONVEST às 17:20h e, finalmente, voltar para casa às 22h. Essa rotina implicava percorrer uma média de 28 quilômetros por dia. No dia 24 de fevereiro, o curso de Massoterapia chegou ao fim, deixando-me triste, pois, embora não quisesse sair do SENAC, as longas caminhadas estavam se tornando exaustivas em tão pouco tempo.

Em 2013, ao fazer o ENEM, aproveitei minha pontuação para me inscrever no SISUTEC e efetuar a matrícula em 17 de março de 2014. Escolhi o curso técnico em Logística no SENAC/Mossoró. Não consigo descrever a emoção que senti naquele momento da inscrição; finalmente, tinha a oportunidade de voltar ao SENAC e realizar meu sonho de ingressar em um curso técnico. Em 24 de março de 2014, saiu o resultado com minha aprovação. Fiquei tão emocionado que pulei de alegria sozinho em casa e até derramei algumas lágrimas. Nesse período, sem que eu percebesse, já estava reaprendendo a estudar, até com mais eficiência do que quando tinha plena visão.

1.3 O conhecer e encontros com as tecnologias assistivas

Por volta do dia 4 de abril de 2014, iniciei o curso Técnico em Logística no SENAC, a minha rotina de estudos se manteve, pela manhã cursinho, à tarde SENAC e à noite outro cursinho. Nesse período minha mãe veio morar em Mossoró por um curto tempo e isso me auxiliou bastante, pois, quando chegava em casa para tomar banho e almoçar, o almoço já estava pronto e isso permitia que eu não me atrasasse em minhas atividades. Em 14 de maio de 2014, fiz minha inscrição no ENEM e continuei minhas batalhas nos estudos, confiantes na minha aprovação em 2015, para ingressar em uma universidade.

Como a rotina de estudos estava enorme, utilizava muito o computador e isso forçava bastante a minha visão. As dores de cabeça com o tempo eram constantes e havia situações que os computadores que eu utilizava no SENAC não disponibilizava do sistema de lupa do *Windows*. Por volta ainda do mês de julho de 2014, descubro que minha namorada da época estava a me trair, isso me deixou muito triste, conversei com ela e expus não ter a necessidade de ficar comigo, era só ter dito. Disse a ela não podermos ficar mais juntos e fui para casa. Ao chegar em casa chorei muito, naquela noite, mediante ao alto nível de estresse, não dormi.

No dia seguinte, mantive minha rotina de estudos, apesar de não conseguir dormir pelo segundo dia consecutivo. Assisti às aulas, sentindo-me muito exausto. Lembro que tive uma

aula de língua portuguesa no SENAC, onde o uso do computador era necessário. Expliquei à professora que não estava me sentindo bem o suficiente para realizar a atividade, mas ela me alertou que, se não a fizesse, não receberia nota. Determinado a cumprir com minhas obrigações, mesmo com a visão embaçada devido à fadiga, levei meus olhos o mais próximo possível da tela do computador. Ao chegar em casa, depois do cursinho à noite, estava exausto e, com a ajuda da graça divina, finalmente consegui dormir.

Ao acordar no dia seguinte e seguir minha rotina matinal, percebi algo estranho. Ao colocar meus óculos e ir para o banho, notei que minha visão estava muito turva. Esfreguei os olhos na esperança de clareá-los, mas nada melhorou. Quando fui à cozinha, mal podia distinguir os contornos dos objetos. O desespero tomou conta de mim, e tentei ligar para minha mãe, com grande dificuldade, mas não obtive sucesso. Meu celular não oferecia recursos de acessibilidade, então, decidi sair de casa e pedir ajuda a uma vizinha para ligar para uma amiga chamada Socorro Cunha.

Socorro trabalhava na Secretaria Municipal de Saúde e, ao explicar minha situação, ela também ficou alarmada, e prometeu me ligar em vinte minutos. Eram cerca de 7h da manhã, eu queria ir para a escola, mas minha visão não permitia nem mesmo enxergar as silhuetas que costumavam me guiar. Cumprindo sua promessa, Socorro me ligou e informou que havia conseguido uma consulta para mim às 10h em uma Clínica Oftalmológica próxima ao Cemitério Antigo, no Bairro Doze Anos. A clínica ficava a aproximadamente 2,5 quilômetros da minha casa. Mesmo com medo de enfrentar a jornada a pé devido à minha visão comprometida, reuni forças que nem sabia possuir e caminhei com cautela, temendo tropeçar em buracos ou colidir com obstáculos pelo caminho.

Em média, a distância entre minha casa e a Clínica era de cerca de trinta minutos a pé, e lembro que levei mais de uma hora para chegar. Seguindo a hora agendada, fui consultado por um oftalmologista. Após examinar minha visão, ele perguntou: "Você tinha uma média de quinze por cento de visão, certo?" Eu confirmei, e o oftalmologista continuou: "Ao examinar o fundo de seus olhos, observei que a degeneração aumentou desde os exames que você fez em 2010. Lamento dizer, mas você perdeu o restante de sua visão." Fiquei sem palavras, talvez em estado de choque. O oftalmologista perguntou se eu estava bem, e eu apenas confirmei com a cabeça.

Quando estava prestes a sair da Clínica, uma atendente me ofereceu um táxi ou um moto-táxi. Expliquei que não tinha condições de pagar, então disse: "Chegarei em casa devagar." Ao retornar, minha mãe estava sentada na minha cama, muito preocupada. Ela me disse que Socorro tinha entrado em contato e perguntou como tinha sido a consulta e o que o

médico havia dito. Passei alguns segundos paralisado antes de começar a chorar e confessar: "Mãe, o oftalmologista disse que perdi a visão." Naquele momento, minha mãe também começou a chorar. Em silêncio, coloquei minha mochila em uma cadeira, fui tomar um banho, me vesti, coloquei minha farda do SENAC na mochila, peguei as chaves de casa e me dirigi para a porta. Minha mãe, ainda chorando, perguntou: "Filho, para onde você está indo?" Respondi: "Mãe, vou lutar pela minha vida. Nasci para vencer e não posso desistir no meio das dificuldades."

Minha ida ao SENAC naquele dia foi desafiadora. Caminhei com muito medo, em especial dos carros. Tropeçava com frequência nas calçadas, esbarrava em postes e, inadvertidamente, chutava sacolas de lixo colocadas no caminho. Em resumo, aquela jornada até o SENAC foi aterrorizante. Levei mais de uma hora para chegar, e quando entrei na sala, meus colegas perceberam que eu não estava enxergando nada. Durante uma conversa com uma amiga chamada Lúcia Souza, ela me sugeriu conhecer a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVIM, onde sua mãe trabalhava, e onde havia muitas pessoas com deficiência visual que poderiam me ajudar.

Aceitei prontamente a sugestão de Lúcia e decidi procurar a associação. Ela se ofereceu para me acompanhar, e combinamos de sair mais cedo para passar lá. Naquele dia, uma nova disciplina estava começando, com uma professora muito animada que enfatizou a importância da leitura na vida de um estudante. Ela explicou que a leitura permite o desenvolvimento crítico e que aqueles que leem muito tendem a ter uma escrita mais coesa. Essa informação ficou gravada em meu coração.

A aula foi tão cativante que Lúcia e eu perdemos a noção do tempo. Quando a aula finalmente terminou, Lúcia lembrou que o prédio onde a ADVIM operava fecharia às 17h. Já passavam das 17:20h, então concluímos que não valeria a pena ir naquele dia. No entanto, ela sugeriu que fôssemos juntos até em frente ao prédio, assim eu ao menos saberia onde a ADVIM estava localizada. Antes de partirmos, a professora solicitou um momento para conversar comigo. Ela me questionou sobre o que acontecera com minha visão, e eu relatei a situação. A professora, então, aconselhou: "Thiago, não se preocupe em vir amanhã. Vá para casa, descanse, aproveite o final de semana, mantenha os olhos fechados, e, se estiver melhor na segunda-feira, venha." Prometi seguir suas instruções.

Após saímos do SENAC, acompanhei Lúcia até o prédio da ADVIM, mas não permanecemos por muito tempo, já que ela estava atrasada para a faculdade. Ela questionou se eu conseguiria chegar em casa a pé, ao que assegurei que sim, caminharia com cuidado e sem pressa. Em casa, tomei um banho, enquanto pensava sobre como minha vida seria afetada pela

perda parcial da visão. Ao me deitar na cama, iniciei uma conversa com Deus e implorei que, se possível, minha visão fosse restaurada, mesmo que apenas um pouco, para que eu pudesse voltar a usar meu computador. Aquele final de semana foi desafiador, uma vez que eu não podia utilizar meu celular nem meu computador, e estudar estava fora de cogitação. Segui à risca o conselho da professora, mantendo meus olhos fechados a maior parte do tempo.

Na segunda-feira, voltei a minha rotina habitual: levantei cedo, tomei banho, tomei café da manhã, coloquei meus óculos e minha mochila, e fui para o cursinho. No meio do caminho, parei e comecei a chorar ao perceber que minha visão de forma aparente havia voltado, eu conseguia discernir vultos novamente. Naquele momento, senti uma profunda gratidão a Deus.

Após o término da aula, retornei para casa e, como primeira ação, liguei meu computador para verificar o estado da minha visão. Ao ligá-lo, percebi dificuldades em enxergar as informações na tela. Aumentei o zoom para 300%, mas ainda assim tive dificuldades. Aumentei para 350%, o que me permitiu enxergar um pouco, embora com dificuldade.

Como eu estava atrasado, tomei um banho e caminhei até o SENAC. Naquele dia, durante uma conversa com Lúcia, ela expressou que não poderia me acompanhar até a ADVN, pois tinha um compromisso e precisaria sair mais cedo. Eu compartilhei com ela a notícia de que minha visão havia retornado parcialmente. Lúcia enfatizou a importância de eu comparecer à ADVN e se comprometeu a sair mais cedo da aula para me deixar em frente do prédio da Associação. Minutos antes das 16h, informei à professora que precisaria sair mais cedo para ir à ADVN, e ela concordou sem objeções.

Naquele dia, o céu estava encoberto por nuvens, e eu me dirigi à ADVN. Ao chegar, bati palmas e aguardei que alguém aparecesse. Após alguns minutos de espera, quase desistindo, finalmente surgiu alguém com um passo vagaroso, e perguntou quem eu era. Apresentei-me e expliquei minha dificuldade visual, solicitando algumas informações. A pessoa abriu o portão e orientou-me a segui-la até a sala do presidente da ADVN. Ao chegar a sala da diretoria da Associação, deparei-me com uma cena surpreendente: uma pessoa cega estava sentada diante de um computador, ouvindo música rock em alto volume. Confesso que achei a situação um tanto intrigante.

A pessoa que me acompanhara anunciou minha presença ao Presidente da ADVN, que prontamente baixou o som e se apresentou como Luiz Carlos, o presidente da instituição. Ele me perguntou como poderiam ajudar, e relatei o que tinha ocorrido comigo. Luiz Carlos sugeriu que eu me tornasse um membro da ADVN e disse que eu deveria considerar a proposta. Ao escutar meus relatos, Marconcélio, o que me recepcionou, afirmou: "Você possui uma baixa

visão de moderada a severa. Permita-me mostrar alguns recursos que temos à disposição." Ele me apresentou seu celular com um leitor de tela, o leitor de tela do computador e uma lupa eletrônica. A lupa eletrônica lembrava um *mouse* de computador, e quando ele a utilizou para mostrar um documento projetado na tela, fiquei impressionado com a imagem invertida, o fundo preto e as letras brancas. Era uma forma maravilhosa de eu enxergar.

Marconcélio notou minha alegria e mencionou que essa funcionalidade de inversão de cores poderia ser aplicada no computador, embora ele não soubesse como fazê-lo. Essa informação foi valiosa para mim. Como já eram quase 17h, expliquei a Marconcélio que precisava partir devido a um compromisso no curso noturno. Despedi-me do presidente e de Marconcélio, e antes de sair, Luiz Carlos me convidou para retornar na semana seguinte para conversar com João Ferreira, que poderia demonstrar outras tecnologias úteis. Agradei e segui para o curso.

Naquela noite, quando cheguei em casa, me sentei em frente ao meu computador e comecei a pesquisar como ativar a inversão de cores. Descobri que o sistema de lupa do *Windows* permitia essa função, o que me surpreendeu, pois nunca tinha lido as informações completas sobre a lupa. Ao ativar a inversão de cores, senti um alívio imediato ao olhar para a tela do computador. Com as cores invertidas, percebi que poderia reduzir a porcentagem de aumento da lupa. Após alguns testes, defini a lupa em 250%.

Na semana seguinte, no início de agosto de 2014, fui à ADVM durante a tarde para encontrar João Ferreira, apesar de ter aula no SENAC mais tarde. Ao me apresentar a ele, João perguntou qual celular eu usava, e eu respondi que era um Motorola com teclado físico. Ao segurar o meu celular, ele constatou que não tinha nenhuma funcionalidade de acessibilidade e expressou surpresa pelo fato de um estudante possuir um celular desse tipo. Brinquei, dizendo que tinha recursos financeiros limitado. João Ferreira então me mostrou seu celular com tela *touch screen* (sensível ao toque) e o leitor de tela ativado.

Quando segurei o celular, em questão de segundos, imaginei como poderia usar um dispositivo daquele tipo. Pensava que seria desafiador aprender a me adaptar e interpretar as informações nele, contando com a ajuda de um leitor de tela. João Ferreira destacou a importância de possuir um celular *Android* como o dele, explicando que eu poderia baixar aplicativos que seriam úteis para meus estudos. Agradei pelas informações, mas, dentro de mim, duvidava da minha capacidade de usar um celular daquele tipo.

Cerca do início de novembro, parei de frequentar o cursinho no turno da manhã, uma vez que as caminhadas constantes se tornaram cansativas, em especial porque o ENEM estava programado para os dias 8 e 9 de novembro de 2014. Na última semana de aulas no cursinho,

houve diversos encontros com o intuito de melhorar a preparação dos alunos para o ENEM. Um acontecimento marcante dessa última semana na CONVEST permaneceu em minha memória. Durante o intervalo das aulas, fui ao banheiro e, ao sair, o Professor Bosco se aproximou de mim e perguntou: "Você tem algum parentesco com os Advogados Queiroz e Osmar Queiroz?" Respondi que acreditava que sim, uma vez que eles eram da cidade dos meus avós, e praticamente todos em Serrinha dos Pintos eram parentes.

O Professor Bosco, com determinação, afirmou: "Prepararei mais um advogado da família Queiroz, da mesma forma como preparei Queiroz e Osmar para o vestibular quando chegaram em Mossoró." Agradei as palavras do Professor Bosco e retornei à sala de aula. Após o término da aula, enquanto seguia para casa, fiquei a refletir sobre as palavras do professor e me perguntei se, de fato, conseguiria seguir uma graduação em Direito.

O dia da prova do ENEM finalmente chegou, e, como nos anos anteriores, minha prova seria realizada na UERN. Pela terceira vez, fiz a prova com a assistência de ledores, porém, ainda tinha receio de pedir que lessem uma questão mais de duas vezes. Contudo, eu sabia que o resultado do ENEM determinaria se eu alcançaria minha meta para 2015, que era começar uma graduação. Em certo momento, uma questão me deixou confuso, pois a ledora já a tinha lido duas vezes. Com vergonha, pedi que ela lesse novamente.

Percebendo minha timidez, a ledora me perguntou se poderia conversar comigo por alguns minutos. Envergonhado, confirmei com a cabeça. Ela então disse: "Notei que você está envergonhado por pedir que eu leia uma questão mais de uma vez. Não se preocupe, quando eu faço provas, há vezes em que leio uma questão até cinco vezes. Portanto, não se sinta constrangido. Estou aqui como seus olhos; entenda isso. Sempre que precisar, estou à disposição para ler." As palavras da ledora aliviaram meu peso e tornaram a realização do ENEM até prazerosa. No segundo dia da prova, me senti confiante e tranquilo. Após a conclusão do ENEM, finalizei minha matrícula nos cursinhos.

Em meados de dezembro de 2014, encontrava-me a caminhar até o SENAC. No entanto, algo inesperado ocorreu quando alcancei a Avenida Diocesano, em frente a um hipermercado: desmaiei devido ao cansaço extremo. Quando recobrei a consciência, estava deitado na calçada. Felizmente, minha mochila e pertences estavam intactos, embora tenha tido um breve receio de ter sido vítima de um assalto enquanto estava desacordado. Naquele momento, fiz uma prece a Deus, expressando meu desejo de não precisar caminhar tanto, uma vez que estava fisicamente exausto e muito magro. Com determinação, consegui finalmente chegar ao SENAC naquele dia, uma sexta-feira.

Ao chegar em casa, recebi uma ligação de Jean Queiroz, um amigo da cidade de Serrinha dos Pintos que estava vendendo livros em Mossoró. Ele solicitou um encontro sério no entardecer do sábado, e eu prontamente concordei. A casa dele estava a uma distância considerável, cerca de 3,6 quilômetros a pé da minha casa. Determinado a atender ao seu pedido, fui ao seu encontro.

Quando cheguei à casa de Jean, ele me convidou a entrar e, entre a porta, estava uma bicicleta amarela com cinza, sem marchas. Após uma breve conversa, ele me disse: "Você passou pela bicicleta?" Respondi que "sim", e ele continuou: "Esta bicicleta é sua. De quinta para sexta, tive um sonho no qual Deus me instruiu a te entregar esta bicicleta. No sonho, eu te via orando a Deus, pedindo uma maneira alternativa de locomoção por Mossoró." Essas palavras me surpreenderam, pois eu havia perdido grande parte da minha visão e parecia impossível andar de bicicleta. Mesmo com minhas dúvidas, Jean insistiu que era uma ordem divina que eu aceitasse a bicicleta.

Achei a coincidência entre seu sonho e o que me havia acontecido bastante intrigante. Acredito que Deus revela sua vontade por meio de sonhos, mas a ideia de andar de bicicleta sem uma visão adequada parecia absurda. Tentei recusar a oferta de Jean várias vezes, mas ele reiterou que não desobedeceria à vontade de Deus e que eu deveria aceitar a bicicleta.

Fui para casa empurrando a bicicleta e, durante três finais de semana consecutivos, acordei às 4h da manhã para treinar. As primeiras tentativas foram desafiadoras, eu estava cheio de medo e apreensão. O som dos carros nas estradas me fazia tremer, meu coração batia forte, e havia momentos em que eu quase chorava. Com o tempo, os domingos se tornaram mais tranquilos e, aos poucos, adquiri confiança para ir ao SENAC. Houve ocasiões em que precisei descer da bicicleta e caminhar ao lado dela. Levou meses até que eu desenvolvesse uma sensação de segurança, aprendendo a interpretar os sons, o vento e um instinto que não posso explicar com palavras.

Seguindo os conselhos de João Ferreira, em janeiro de 2015, adquiri um *smartphone* com o sistema *Android*. Esse dispositivo foi de grande auxílio, pois, além dos leitores de tela, permitiu-me explorar uma ampla variedade de aplicativos. Ao descobrir as diversas funcionalidades do celular, fiquei impressionado com as oportunidades de aprimorar meus estudos e ajudar outras pessoas com deficiência visual.

Enquanto começávamos uma nova disciplina no curso Técnico em Logística, fomos apresentados ao Professor Antônio Fernandes, que se destacava pela sua excelente didática e entusiasmo nas aulas. Ao final de uma dessas aulas, o Professor pediu para conversar comigo, e eu prontamente concordei. Após cerca de quinze minutos, ele se aproximou e demonstrou

compreender um pouco da minha história e dos desafios que enfrentei devido a preconceitos. Ele então questionou meus sentimentos em relação aos preconceitos vivenciados, ao que respondi que não queria que tais experiências dolorosas dos preconceitos acontecessem com ninguém.

O Professor Antônio expressou sua expectativa de que eu canalizasse esses sentimentos em prol da justiça social e da luta contra a discriminação. Ele me perguntou: "Você sabe o que pode fazer para evitar que isso aconteça com mais alguém?" Minha resposta foi "não", e ele prosseguiu: "A pesquisa é o caminho. Você precisa realizar pesquisas e escrever artigos científicos." Confessei minha inexperiência em escrever artigos científicos, e ele se ofereceu para me orientar no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Além disso, o Professor Antônio Fernandes propôs que estudássemos logística com foco na promoção da autonomia na educação de pessoas com deficiência visual.

Por volta de 19 de fevereiro de 2015, enquanto eu estava no SENAC, analisando as dez metas estabelecidas para o ano, Lúcia Souza se sentou ao meu lado. Comentei que duas das metas seriam desafiadoras para mim: escrever um artigo científico, já que nunca o havia feito, e iniciar um curso de inglês. Lúcia se ofereceu para ajudar na elaboração do artigo, uma vez que durante sua graduação em Administração, ela havia escrito dois artigos e estava disposta a me auxiliar.

Em 26 de janeiro de 2015, recebi a aprovação no curso de licenciatura em Física pelo SISU. No entanto, devido a um edital de acesso inacessível e à falta de informações claras no site da universidade, fui impedido de ingressar. Esse incidente fortaleceu minha determinação em tornar-me um defensor ativo da inclusão das pessoas com deficiência e estabeleceu como uma meta de vida a busca pelos direitos dessas pessoas.

No período que compreendeu de fevereiro a março, dediquei-me intensamente à realização de pesquisas. Minha indignação diante do incidente ocorrido na UERN era avassaladora, e eu me empenhei ao máximo para promover a inclusão. O Professor Antônio Fernandes, ciente do meu sentimento de revolta e da minha busca por justiça, incentivou-me a concentrar todas as minhas energias nos estudos e nas pesquisas. Durante esse tempo, eu ingressava no SENAC às 13h e só saía às 21h, empenhando-me na busca de informações sobre metodologias inclusivas que pudessem aprimorar a educação das pessoas com deficiência visual. Toda essa batalha e perseverança refletem a visão de Freire (1992, p. 109):

Aproveitar esta tradição de luta, de resistência, e trabalhá-la é uma tarefa nossa, de educadoras e educadores progressistas. Tarefa que, sem dúvida, se distorce na perspectiva puramente idealista, assim como na mecanicista,

dogmática, autoritária, que transforma a educação em pura transmissão de “comunicados”.

Assim, dediquei-me a estudar a fundo os leitores de tela para computadores, como o *JAWS* e o *NVDA* no Sistema Operacional *Windows*, bem como o *ORCA* no Sistema Operacional *Linux*. Da mesma forma, explorei os leitores de tela para dispositivos móveis, como o *Talkback* no Sistema *Android* e o *Voiceover* no Sistema *iOS*. Além de me aprofundar nesses leitores de tela, busquei programas, *softwares* e aplicativos que tornassem a vida acadêmica mais acessível para alunos com deficiência visual.

No que diz respeito ao uso de computadores, notei que o *DSpeech* proporcionava uma leitura prática e rápida para pessoas com baixa visão. Este aplicativo permite que os textos sejam colados em um espaço designado, e em seguida, ele os lê em uma voz virtual. Para aqueles que estão começando a usar um computador, especialmente crianças, identifiquei o *DOSVOX* como um sistema interativo criado por brasileiros. Ele permite que pessoas com deficiência visual acessem todos os recursos de um computador de forma lúdica e eficaz. O *DOSVOX* é uma ferramenta que possibilita o início do caminho para a autonomia no uso de recursos computacionais por pessoas com deficiência visual.

Quando se trata de aplicativos móveis, na minha opinião, o Sistema *Android* é mais eficaz do que o *iOS*, uma vez que oferece uma ampla variedade de aplicativos gratuitos. Entre eles, destaco o *Scanner de Texto*, que permite que a câmera do celular capture imagens de documentos, tornando seu conteúdo acessível por meio de leitores de tela. Além disso, o aplicativo *Sullivan+* não apenas lê textos, mas também descreve objetos, enquanto o *@Voice* faz a leitura de textos em *PDF*, *Word* e vários outros formatos. Também menciono o *Be My Eyes*, um aplicativo de vídeo chamada que permite que pessoas com deficiência visual recebam assistência de voluntários videntes quando necessário, bem como um leitor de *QRcode*, que foi útil nas minhas pesquisas com o Professor Antônio Fernandes.

Ao compartilhar essas descobertas com o Professor Antônio Fernandes, ele expressou interesse em explorar o uso de *QRcodes* em slides, provas e documentos. No mês de março, dedicamos nosso tempo a realizar diversos testes nesse sentido. À medida que desenvolvíamos novas metodologias práticas com o uso de *QRcodes*, apresentei essas descobertas aos professores do Centro de Apoio ao Deficiente Visual de Mossoró e aos membros da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró. Lembro-me de que, durante esse período, acabei viajando para a casa de meu avô, Zacarias, no Sítio Pinhão, já que meu pai estava de férias na casa de meu avô. Essa viagem foi possível graças à ação judicial em decorrência da mala extraviada em sua viagem anterior ao RN. Apesar disso, não pude aproveitar muito tempo com meu pai e

familiares, uma vez que estava constantemente dedicado às minhas pesquisas e à redação do meu TCC no computador.

Quando retornei a Mossoró após uma das minhas pesquisas no SENAC, uma colega me informou que o Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS/Mossoró estava com inscrições abertas para o curso de Libras nível 1. Naquele momento, eu percebi que, se desejava assegurar os direitos das pessoas com deficiência, precisava abranger todos os aspectos relacionados a essa causa. Decidi me matricular no curso e assim dei início à minha jornada na aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais, a Libras.

Devido à minha condição visual, fiquei com dúvidas se era possível eu aprender, porém, fiquei mais tranquilo ao saber que os sinais em Libras eram comunicados diretamente em minha mão, uma técnica conhecida como Libras tátil, que possibilitava a interação de pessoas com deficiência visual com surdos por meio do tato, o que me deixou muito contente.

Em abril de 2015, quando nos aproximávamos do final do curso Técnico em Logística, iniciamos o processo de desenvolvimento do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Durante várias semanas, dedicamos nosso tempo à pesquisa e à estruturação do TCC. Nesse período, concentrei meus esforços em embasar meu trabalho com uma sólida fundamentação teórica na área da logística educacional para pessoas com deficiência. Além disso, procurei compreender minuciosamente as Normas Técnicas de Acessibilidade, que são fundamentais para tornar os ambientes escolares mais inclusivos.

Entre as diversas normas que estudamos, duas se destacaram: a ABNT NBR 9050/2015 e a futura ABNT NBR 16537/2016, que estava em processo de implementação na época. Essas normas desempenharam um papel crucial no nosso trabalho, pois direcionaram as diretrizes para a criação de ambientes educacionais mais acessíveis e inclusivos, um tema de grande importância e relevância na área de logística educacional.

Apesar de todos os obstáculos que enfrentei, desde a não aceitação no curso de Licenciatura em Física na UERN até os desafios de reaprender a estudar e lidar com o capacitismo em diversas esferas, o dia 6 de maio de 2015 se destacou e foi muito marcante. Nesse dia, realizei a defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso do curso Técnico em Logística. Todos os alunos apresentaram seus trabalhos, e, para minha surpresa, fui o último a defender. Durante minha apresentação, chamaram outras turmas e professores para assistir à minha defesa. Apesar do nervosismo que senti naquele momento, percebi que era uma oportunidade de disseminar informações e promover a conscientização sobre metodologias inclusivas para pessoas com deficiência visual.

Foto 2 – Professor Antônio Fernandes e a Turma do Curso Técnico em Logística



Fonte: Arquivo Pessoal de Thiago Fernando de Queiroz (2015).

Após a defesa do meu TCC, retornei para casa e me vi diante da decisão de retornar à cidade de Serrinha dos Pintos ou buscar oportunidades em outras universidades. Até o início de junho de 2015, ainda estava comprometido com o curso de Libras, mas começaram a surgir questionamentos sobre o que fazer a seguir. Nos momentos finais do curso de Libras, em uma conversa com amigos em frente ao CAS, descobri que a Universidade Potiguar estava programando um vestibular. Sem hesitar, assim que cheguei em casa, fiz a minha inscrição para o curso de Direito.

Meu objetivo era cursar Direito, pois não desejava que mais ninguém passasse pela injustiça que eu tinha vivenciado devido ao edital da UERN. Em junho, prestei o vestibular, mas ao receber as notas, fui informado de que não havia conseguido uma bolsa de estudos. No entanto, se eu pagasse a mensalidade integral, ainda poderia cursar. Infelizmente, naquele momento, não tinha os recursos necessários para arcar com as mensalidades do curso de Direito. Durante o mês de julho, quase diariamente, dirigia-me à UNP em busca de uma bolsa de estudos, mas as respostas eram negativas.

Lembro-me de forma clara da última semana de julho, quando, ao estar na UNP, a pessoa responsável pelas matrículas me descreveu como alguém muito persistente. Ela me prometeu que tentaria organizar um encontro com o Diretor da Universidade. Infelizmente, o

Diretor da UNP não pôde me receber pessoalmente, mas instruiu a responsável pelas matrículas a me dar uma resposta até o final da semana. Naquele momento, pedi o número de celular dela para que pudesse ligar na segunda-feira.

Em 3 de agosto de 2015, fui à ADVVM apenas para conversar com alguns associados, por volta das 9 horas da manhã, recebi uma ligação da responsável pelas matrículas da UNP. Ela me informou que o Diretor da UNP havia autorizado uma bolsa de estudos com um desconto de trinta por cento na mensalidade. Além disso, se eu efetuasse o pagamento antes do dia 10 de cada mês, teria direito a um desconto adicional de quinze por cento, totalizando um desconto de quarenta e cinco por cento. Curioso, perguntei qual seria o valor das parcelas da mensalidade, e ela respondeu que a média seria de R\$ 520,00. No entanto, para garantir esse desconto, eu tinha apenas até o dia seguinte para efetuar a matrícula, a qual exigiria o pagamento integral do curso, em torno de R\$ 1.080,00.

Fiquei bastante apreensivo, considerando que meu salário mensal era de apenas R\$ 788,00, equivalente ao salário-mínimo da época. O montante destinado a pagar o aluguel, contas de luz, internet e alimentação totalizava uma média de R\$ 680,00. Nesse momento, fiz uma prece a Deus, solicitando sabedoria e as condições necessárias para ingressar na faculdade e arcar com as mensalidades. Como o prazo para a matrícula estava prestes a expirar, liguei para o meu avô materno naquela noite e perguntei se ele poderia ajudar com o valor da matrícula da universidade. No entanto, a resposta do meu avô foi desanimadora. Ele indagou por que eu precisava do dinheiro e declarou: "Filho, você é pobre, para quem você está tentando impressionar, seus amigos? Pessoas pobres não fazem cursos de Direito. Desculpe, mas não vou emprestar o dinheiro."

Eu acreditava que ao mencionar o meu interesse em estudar Direito, meu avô ficaria feliz, pois ele costumava dizer aos vizinhos e parentes: "Meu sonho é ver um filho ou neto meu formado". No entanto, a reação dele foi completamente oposta; ele destacou a minha condição financeira e afirmou que o curso de Direito não era adequado para mim. Lembro-me bem daquela noite. Após desligar o telefone, ajoelhei-me e orei a Deus pedindo por um milagre, e Ele respondeu.

Em 4 de agosto de 2015, levantei-me cedo, pensando em diversas maneiras de obter o dinheiro necessário para a matrícula. Orei incessantemente, buscando uma solução para essa situação. Por volta das 10h, fui até a ADVVM, ainda ansioso e preocupado. Admito que estava quase perdendo as esperanças, quando, de repente, surgiu a ideia de ligar para o meu pai. Ao fazer a ligação, meu pai informou que estava ocupado, mas que retornaria por volta do meio-dia.

Às 12:30h, meu pai me retornou à ligação, demonstrando um pouco de agitação devido à lotação do restaurante onde trabalhava. No entanto, ele pediu que eu fosse direto ao ponto. Eu expliquei que havia feito o vestibular para Direito e conquistado uma bolsa de trinta por cento de desconto, o que representava uma ótima oportunidade para mim. Contudo, era necessário pagar a primeira mensalidade integral. Meu pai perguntou sobre o valor, e quando o informei, temi uma reação semelhante à do meu avô, mas, para minha surpresa, ele apenas disse: "Me passe o número da sua conta e antes das 18h farei a transferência do valor completo."

Cheguei a questionar se ele não teria mais a dizer a respeito, ao que ele respondeu: "Se é algo que você realmente quer, vá em frente e lute por isso. Sei que será um desafio financeiro para você, mas vou ajudar com o que posso." Quando meu pai desligou o telefone, minha única reação foi chorar. Naquele momento, eu estava em frente à Escola Estadual Jerônimo Rosado no Bairro Santo Antônio. Dirigi-me à ADVM e permaneci chorando por alguns instantes. Às 18h, fui à UNP, efetuei minha matrícula e iniciei minha jornada na graduação em Direito.

Concluí minha graduação em Direito em dezembro de 2019. Durante esse período, consegui aplicar de forma eficaz as tecnologias assistivas que havia estudado no SENAC. Cheguei a aprimorar algumas dessas metodologias, a ponto de ser convidado por escolas e universidades atuais para demonstrar as minhas abordagens utilizando tecnologias assistivas. Fica claro que as batalhas que enfrentei, com o apoio inabalável dos meus pais, foram fundamentais para o meu sucesso acadêmico. Após cinco meses de universidade, obtive o Financiamento Estudantil (FIES), o que aliviou bastante a minha situação financeira.

Conforme prometido por Lúcia Souza, trabalhamos juntos na redação de um artigo entre julho e agosto de 2015. Submetemos esse artigo ao III Seminário de Ação Afirmativa, Diversidade e Inclusão Social (SEADIS), que ocorreu de 17 a 19 de novembro de 2015. A defesa do artigo ocorreu em 18 de novembro, um momento profundamente emocionante para mim. Recordo-me de ter dito às professoras avaliadoras que aquilo representava a realização de um sonho. Com grande alegria, o artigo foi aprovado e publicado na Revista *Includere* da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Além disso, consegui atingir todas as metas que havia estabelecido para o ano de 2015, algo que agradeço profundamente a Deus por ter conquistado.

1.4 O porquê dos porquês do sonho de um diálogo com a autobiografia

Após o acontecimento que me impediu de ingressar na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte no curso de Licenciatura em Física em 30 de janeiro de 2015, procurei a

Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Naquela época, ela já liderava o que agora é conhecido como a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN/UERN), antes chamado de Departamento.

A Professora Ana Lúcia Aguiar me aconselhou a usar os obstáculos que enfrentei como uma oportunidade para me engajar de forma mais ativa na luta pela inclusão. Ela também destacou que meu caso era um tanto complicado, pois a UERN seguia rigorosamente as diretrizes legais em suas decisões. Embora tenha ficado um pouco desanimado com essa afirmação, entendi seu ponto de vista, uma vez que as decisões em casos excepcionais na universidade são determinadas por órgãos colegiados.

Durante nossa conversa, a Professora Ana Lúcia Aguiar mencionou que estava iniciando um projeto de Rodas de Conversa sobre a Lei Brasileira de Inclusão. Ela sugeriu que eu participasse dessas discussões, para ampliar meu conhecimento sobre os direitos das pessoas com deficiência. Apesar das dificuldades que enfrentei na UERN, nunca permiti que isso diminuísse minha dedicação à causa da inclusão liderada por essa incansável defensora.

O Projeto Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146/2015, foi promovido pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas, sob a coordenação da Professora Dra. Ana Lúcia Aguiar e do Mestre e Advogado Vicente Celeste de Oliveira Júnior. Este projeto estabeleceu parcerias institucionais com o propósito de promover a inclusão das pessoas com deficiência. Ao tornar o projeto itinerante, ele alcançou cidades no Oeste Potiguar e se expandiu pelo Estado do Rio Grande do Norte, Brasil e América Latina.

Durante minha participação em algumas Rodas de Conversa sobre a Lei Brasileira de Inclusão, em particular uma realizada em agosto de 2015, compartilhei com a Professora Ana o meu desejo de escrever alguns artigos. Meu foco principal estava na experiência que vivi na universidade e no desejo de evitar que outros passassem pelo que passei ao receber uma negativa da instituição.

A Professora Ana, em resposta ao meu interesse, mencionou que estava envolvida na organização do evento "II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade – uma questão de efetivação de Direito" e sugeriu que eu escrevesse um artigo (auto)biográfico para apresentar no evento.

Quando ouvi pela primeira vez o conceito de "artigo (auto)biográfico", fiquei intrigado e me questioneei se esse formato era apropriado. Assim, decidi perguntar à Professora Ana sobre como seria a estrutura desse tipo de artigo. Ela me orientou a enviar por e-mail um documento Word contendo entre oito e dez páginas com relatos da minha história. Naquele momento, eu pensei que seria uma tarefa simples.

Foto 3 – Roda de Conversas sobre a Lei Brasileira de Inclusão no Colégio Diocesano

Fonte: Arquivo Pessoal de Thiago Fernando de Queiroz (2015).

Porém, quando cheguei em casa naquela noite e me sentei em minha cadeira, liguei o computador para iniciar minha escrita, fiquei paralisado por cerca de quarenta minutos. Não sabia por onde começar e nem tinha certeza de que eventos da minha vida deveria narrar. Realizei pesquisas na internet sobre como escrever um artigo autobiográfico e li alguns trabalhos que me ajudaram a traçar uma linha histórica que definisse minha identidade como parte de uma sociedade.

No dia seguinte, entrei em contato com a Professora Ana pelo *Whatsapp* e pedi que ela me indicasse algum artigo ou livro para me auxiliar na escrita. Ela de forma generosa, recomendou dois textos de Paulo Freire, "Pedagogia da Autonomia" e "Pedagogia do Oprimido", bem como o trabalho de Marie-Christine Josso. Naquele mesmo dia, ao retornar da faculdade à tarde, comecei a leitura de "Pedagogia do Oprimido" e, no final de semana, li "Pedagogia da Autonomia".

Recordo-me como hoje daquela noite de sábado, no final de agosto de 2015, quando comecei a escrever meu artigo autobiográfico. As memórias da minha infância vieram à tona como um filme, e eu as percorri com o objetivo de identificar os aspectos históricos mais significativos que moldaram minha identidade na sociedade. Também mergulhei nas memórias compartilhadas por meus pais sobre suas próprias infâncias e como eles chegaram à cidade onde nasci.

Foi então que tive a ideia de começar o artigo descrevendo a cidade onde nasci e ressaltando a importância histórica de Santos. Aquela cidade deixou uma marca profunda em

minha identidade, sua cultura e os costumes de seu povo. No início da escrita, as lágrimas fluíam de forma constante, a ponto de, em alguns momentos, eu nem conseguir digitar no meu computador. Revivi as memórias da minha infância e, à medida que lembrava de cenas da minha vida, comecei a compreender melhor como se deu meu desenvolvimento ético e moral.

Quando minhas memórias me levaram ao meu processo formativo nas escolas em que estudei, especialmente no ensino infantil e fundamental I, escrevi um parágrafo e chorei por cerca de dez minutos, seguido por mais um parágrafo e mais cinco minutos de lágrimas. Escrevia mais um parágrafo e, às vezes, passava vinte minutos chorando. Conforme escrevia, o início do artigo era como se eu estivesse me redescobrendo. Em certos momentos, mal podia acreditar em tudo o que havia vivido, incluindo os desafios, as lutas e as decepções, mesmo que estivesse narrando apenas minhas experiências até os meus dez anos de idade.

Quando começo a relatar minhas experiências no Ensino Fundamental II, fico surpreso com a minha perda gradual de visão. Até então, eu tinha apenas a certeza de que estava perdendo minha visão de forma progressiva. Portanto, ao revisitar essas lembranças, fico cada vez mais consciente de como todas essas dificuldades se desenrolaram, especialmente no que diz respeito à minha capacidade de adaptação. Nesse momento, deixo de me ver como um simples observador e passo a me enxergar como o protagonista de minha própria história. Era como se eu estivesse me conhecendo de verdade, mesmo sendo eu quem vivenciou todas aquelas histórias.

Ao abordar as vivências durante o Ensino Médio, começo a compreender como minha baixa visão afetou meu desempenho acadêmico. As lembranças de tentar explicar aos professores e à equipe pedagógica da escola o motivo do meu baixo rendimento me confrontam com a dura realidade. Fico imaginando como teria sido meu aprendizado se, naquela época, a educação inclusiva e as diversas abordagens metodológicas para o ensino de pessoas com baixa visão fossem discutidas.

Enquanto revisito minhas memórias, encontro-me em uma reunião do Conselho Escolar da Escola Ênio Vilas Boas, na qual relataram a meu pai o meu baixo rendimento nas notas. Alegaram que eu estava sendo relaxado em relação aos estudos. Para evitar encarar esses relatos como acusações, pedi desculpas, mesmo sem ser culpado. Isso foi uma experiência muito dolorosa e catártica. Nesta parte da narrativa, lembro-me de ter começado a chorar e de não ter conseguido escrever mais naquela noite, pois estava tomado por um profundo sentimento de revolta e tristeza. De acordo com Mantoan (2004, p. 40), quando se refere à educação inclusiva, ela afirma que:

A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita aos alunos com deficiência e aos que apresentam dificuldades de aprender, mas envolve todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Os alunos com deficiência constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos, mas todos sabemos que a maioria dos que fracassam nas escolas são alunos que não vêm do ensino especial, mas possivelmente acabarão nele.

Isso era o que eu esperava durante a minha educação, no entanto, após analisar o que vivi no ensino médio, meu coração se acalmou e dei continuidade à minha jornada de escrita. Quando começo a abordar o início da minha vida adulta, percebo em minhas memórias que com o passar do tempo minha visão se deteriorava aos poucos. Relato as experiências que vivi nos empregos em que estive, as dificuldades para superar os desafios devido à minha deficiência visual, o conflito interno de não querer me aceitar como uma pessoa com deficiência e o sonho de recuperar minha visão. Essa foi uma parte da escrita na qual não me emocionei tanto, pois, minha alma estava curada das dores desse período da vida.

Ao escrever sobre minha mudança da Baixada Santista para o Rio Grande do Norte, recordo-me de um dia em que não me senti bem, pois essas lembranças traziam muitas cicatrizes e dores, além de uma busca incessante por respostas. Naquele momento, eu ainda não havia conseguido o Financiamento Estudantil para o curso de Direito e me questionava sobre o motivo de tanta luta. Em casa, na geladeira, havia apenas água e algumas verduras deixadas por vizinhos, e no armário, café, açúcar e um pacote de leite em pó eram as únicas opções.

Devido às despesas com a faculdade, aluguel, contas de luz e internet, não sobrava recursos para comprar alimentos como eu gostaria. Em alguns momentos, as dores da vida eram avassaladoras, mas ao mesmo tempo, meus pensamentos pareciam lutar comigo, apontando que um dia eu seria vitorioso. Essa batalha psicológica persistiu até a conclusão da escrita desse artigo.

Em determinado momento, quando começo a relatar minha chegada à cidade de Mossoró e os desafios que enfrentei, me pergunto: "Devo incluir no artigo o que aconteceu comigo na UERN?". Essa pergunta desencadeou uma intensa luta interna, e no meio desses conflitos internos, uma revolta profunda se manifestou em meu interior. Decidi então incluir o incidente no artigo e iniciei a escrita. No entanto, ao relatar as palavras de uma servidora que afirmou que eu era o culpado por não ingressar na UERN, fui tomado por um profundo choro e, após esse momento de intensa emoção, senti uma grande raiva. Depois da raiva, recordei a promessa que havia feito a mim mesmo: meu compromisso era responder ao mal com o bem e contribuir para tornar a UERN a instituição mais inclusiva do Brasil.

Após a conclusão da escrita do meu artigo, enviei-o à Professora Ana Aguiar para revisão em 4 de setembro. No dia seguinte, em 5 de setembro, ela me enviou de volta o documento, repleto de orientações e recomendações. No entanto, o que mais me marcou foi o título que a Professora Ana sugeriu para o meu artigo: "Saberes e Memórias em Histórias de Mim". Fiquei lisonjeado com essa escolha e não pude deixar de expressar minha gratidão a ela, dizendo: "Não sei como agradecer por esse presente". Afinal, o título refletia de forma bela e precisa o conteúdo do meu artigo, que explorava as minhas experiências e memórias, e me mostrava que eu tinha o poder e a responsabilidade de ser o protagonista da minha própria história de vida.⁸

Em 9 de dezembro de 2015, ocorreu o evento de abertura do II Seminário Potiguar, realizado no Hotel Vila Oeste. Lembro-me como hoje daquele dia, quando me dirigi ao evento com um turbilhão de sentimentos. Para mim, essa era uma oportunidade para aliviar minha alma, já que, meses antes, a UERN havia negado minha admissão no curso de Licenciatura em Física. A abertura do evento foi espetacular, com uma palestra que destacou a importância de garantir os direitos das pessoas com deficiência e destacou o dever de todos nós conhecermos nossos próprios direitos.

No dia seguinte, 10 de dezembro de 2015, estava programada a defesa do meu artigo. Pela manhã, reli todo o meu trabalho no meu computador, fui para a UERN cedo, com a ajuda de uma carona. Quando chegou a hora de defender o artigo, respirei fundo, e aqueles dez minutos de defesa foram uma verdadeira purificação da alma. Após as defesas, fui a uma lanchonete na UERN e ouvi uma mulher conversando com a Professora Ana Aguiar. Lembro claramente da frase da mulher dirigida à Professora Ana: "Como você pôde permitir que ele escrevesse essas coisas em um artigo?" A Professora Ana Aguiar, com grande sabedoria, respondeu: "Isso é a verdade dele; foi assim que ele viu a situação. Não cabe a mim alterar a sua verdade."

Suponho que a Professora Ana e essa mulher não me viram, mas, se eu já admirava a Professora Ana, essas palavras a tornaram ainda mais marcante em minha mente. Como ela mesma disse, eu apenas expus o que vivi e o que presenciei naqueles momentos. Tomei muito cuidado para retratar com fidelidade a realidade dos fatos vivenciados, até porque eu havia ingressado com uma ação legal contra a UERN, e meu relato estava fundamentado no processo em andamento. Em nenhuma circunstância eu poderia distorcer ou omitir qualquer informação.

⁸ Além desse primeiro artigo, escrevi mais dois. "Saberes e Memórias em Histórias de Mim: O Patriarca" e "Saberes e Memórias em Histórias de Mim: A Construção de um Saber – Parte 1". Todos com a orientação da Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

Acredito que a Professora Ana Lúcia Aguiar deve ter recordado as palavras de Bondía (2002, p. 27) em sua mente, quando ele afirmou que "no saber da experiência não se trata da verdade das coisas, mas do sentido ou do não sentido do que nos acontece". Isso esclarece de maneira concisa que não existe uma verdade única, mas sim diferentes perspectivas daqueles que vivenciaram uma mesma experiência.

Através deste texto, foi possível compreender que a pesquisa (auto) biográfica não se limita apenas a relatar a vida e as experiências de um indivíduo. Ela possibilita uma libertação da alma que anteriormente estava aprisionada em um presente incompreendido, onde a pessoa não percebia sua natureza social. Isso acontece devido às marcas do passado, mas, uma vez que o sujeito se conhece, ele se liberta e passa a compreender sua verdadeira identidade, o que transforma sua percepção do mundo. Além disso, essas memórias e experiências derivam de uma vivência coletiva, composta por um conjunto de histórias e perspectivas diferentes. Nas pesquisas de Medeiros e Aguiar (2018, p. 153), eles oferecem uma visão abrangente da metodologia (auto) biográfica ao afirmar:

Em outros termos, o método (auto) biográfico e de histórias de vida quando surgiu no campo científico apresentou-se como opção e alternativa para fazer a mediação entre as ações humanas que necessitavam de reflexões não unicamente do ponto de vista lógico com o mundo social e subjetivo dos sujeitos, nas pesquisas em Educação, os primeiros estudos que utilizaram deste método de pesquisa foram realizados tendo como eixo básico a formação de professores.

Meu verdadeiro propósito ao escrever este texto é contribuir para a formação de professores e demonstrar que as pessoas com deficiência podem alcançar sucesso na vida por meio das tecnologias assistivas. Além disso, quero mostrar à sociedade que uma pessoa com deficiência visual pode conquistar autonomia e êxito social através do conhecimento e da prática das tecnologias assistivas.

A metodologia da (auto) biografia permite ao indivíduo compreender os processos da existência humana e, com isso, compreender o princípio da alteridade, que o leva a reconhecer que ele é quem é devido a todas as pessoas que cruzaram seu caminho, incluindo aquelas que ele nunca conhecerá. Isso contribui para que o sujeito se torne o protagonista de sua própria história. Para narrar suas histórias, a pessoa precisa explorar suas memórias, lembranças de lugares e culturas, tanto de um local quanto de vários. Reforçando a importância das lembranças, Halbwachs (1990, p. 26) destaca:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos

envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

A pesquisa (auto) biográfica proporciona aos indivíduos que se envolvem nesse processo uma compreensão profunda dos sentimentos, experiências vividas pelo autor e como esses eventos moldaram sua vida. Isso, por sua vez, influencia suas escolhas e trajetórias. Essa pesquisa me permitiu descobrir quem sou e, de certa forma, apreciar minha própria história e a de minha família. Também me levou a valorizar as diversas culturas que vivenciei ao longo da vida e a entender que não estou vinculado a um único lugar, pois, diante de todas essas experiências, me tornei um cidadão do mundo.

Após escrever meu primeiro artigo (auto)biográfico, escrevi mais dois: "Saberes e Memórias em Histórias de Mim: O Patriarca", que aborda a história de meu avô paterno e a jornada de meu pai em direção à Baixada Santista; e "Saberes e Memórias em Histórias de Mim: A construção de um saber – Parte 1", que é o primeiro de uma série de artigos planejados sobre a construção dos meus conhecimentos. Este, em particular, trata dos meus aprendizados desde o nascimento até os dois anos de idade.

Quando escrevi meu primeiro artigo (auto)biográfico, jamais poderia imaginar que, após seis anos, usaria esse tipo de pesquisa na elaboração de minha dissertação de mestrado. Além disso, não esperava ter a Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar como minha orientadora no Mestrado em Educação. Ao revisar todos esses relatos, parece que cada passo que dei, repleto de alegrias e tristezas, choros e conquistas, foi parte de um plano divino.

Lembro de ouvir algumas pessoas comentarem que eu estava próximo da Professora Ana Aguiar por conta do meu interesse em ingressar no mestrado. Em alguns momentos, até me questionava sobre isso, pensando que as pessoas que diziam isso não me conheciam e nem à Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, já que eu ainda estava no segundo período da graduação. No entanto, após uma profunda reflexão, decidi não me deixar influenciar por esses comentários.

Não posso dar ouvidos a pessoas que não conhecem minha trajetória e a sinceridade do meu coração. Seria tolo não aproveitar a oportunidade de ter como orientadora alguém que se dedica com paixão, carinho e comprometimento à educação e inclusão. A Professora Ana nos ensina por meio de seu exemplo de vida que "O valor está na jornada", significando que tudo se torna valioso quando vivemos de forma unida e colaborativa.

Ao refletir sobre minhas experiências e relatos, percebo que minha vida se assemelha à história mitológica da Fênix, pois, diante das lutas e das particularidades da deficiência visual,

preciso renascer em busca de novas oportunidades e transformar minhas dificuldades em possibilidades. A cada momento, tenho que me reinventar, e hoje, graças ao conhecimento e à prática no uso de tecnologias assistivas, isso é possível.

As tecnologias assistivas desempenham um papel fundamental em melhorar de forma significativa minha qualidade de vida atual. Através delas, obtenho uma maior autonomia em minhas escolhas e ações, permitindo-me compartilhar meu conhecimento com educadores e indivíduos com deficiência visual. Dessa forma, minha trajetória de vida e estudos demonstram como o domínio das tecnologias assistivas pode libertar pessoas com deficiência visual.

No passado, a ideia de que pessoas cegas não poderiam estudar era predominante, hoje, esses mesmos indivíduos, mesmo enfrentando desafios visuais, contribuem ativamente para pesquisas que ampliam o entendimento e as práticas das tecnologias assistivas, abrindo portas para a emancipação.

Meus estudos e pesquisas mediante ao uso das tecnologias assistivas me possibilitaram participar de diversos congressos nacionais e internacionais, com o objetivo de apoiar o direito das pessoas com deficiência, de sonhar e buscar seus objetivos de vida. A pesquisa (auto)biográfica, em particular, me permitiu um autoconhecimento que me tornou mais resiliente diante dos estigmas e preconceitos sociais. Agora, sei quem sou e enfrento os desafios com determinação.

Ao refleti sobre o passado, percebo que todas as experiências vividas tiveram um propósito, moldando minha identidade. Sou capaz de me valorizar como alguém destinado à superação, disposto a alcançar os desejos do coração. Mesmo quando o caminho é árduo e me depara com obstáculos, vejo cada desafio como uma pedra que pode ser usada na construção da escada para minha grande vitória.

Desejo viver não apenas enxergando o que os outros veem, mas também compreendendo o que as pessoas não conseguem visualizar com os olhos. Assim, busco me tornar uma pessoa melhor a cada dia, na esperança de um dia compartilhar minhas histórias com minha esposa e filhos, deixando uma herança significativa em suas memórias.

Capítulo 2. OS LUGARES QUE ME PERMITIRAM CONHECER O AROMA DA LIBERTAÇÃO

Ora, disse o Senhor a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção!
(Gênesis 12:1,2).

Por razões da vida que, por vezes, nos escapam à compreensão, somos conduzidos a diferentes lugares para experimentarmos a verdadeira sensação da libertação. Em minha crença religiosa, costumo acreditar que Deus, de maneira misteriosa, nos tira de nosso ambiente familiar e nos encaminha para um novo destino, onde Ele moldará nossas vidas e alterará o curso de nossa história. Isso foi exatamente o que aconteceu comigo. Deus me retirou de minha terra natal, a cidade de Santos/SP, e me conduziu à região que outrora fora o lar de meus pais. Nesse cenário de mudança, tive a oportunidade de vivenciar o que chamo de "êxodo inverso", e essa transformação me permitiu descobrir as maravilhas das tecnologias assistivas. Graças a elas, pude reaprender a viver de uma forma que minha deficiência visual se tornasse algo tão natural quanto as dificuldades enfrentadas por qualquer outra pessoa.

Deixar para trás minha cidade natal e estabelecer-me no Rio Grande do Norte foi uma decisão marcante. Durante quatro anos, residi em Serrinha dos Pintos, onde gradualmente compreendi a importância de reconfigurar minha vida. Esse entendimento me levou à cidade de Mossoró, onde experimentei a verdadeira liberdade. Vários lugares desempenharam um papel fundamental no meu processo de reaprendizado por meio das tecnologias assistivas, e destaco três deles, que me proporcionaram a orientação necessária para aprender a utilizar e ensinar as diversas metodologias e recursos dessas tecnologias.

Esses três lugares notáveis são: a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró (ADVM), a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), por meio da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN), e o Centro de Apoio ao Deficiente Visual de Mossoró (CADV). Além desses locais, mencionarei também outros no primeiro tópico deste capítulo, que contribuíram para o meu crescimento e enriquecimento das minhas memórias coletivas.

2.1 Você é assim um sonho para mim: O Êxodo a uma nova terra

Em meio ao êxodo da Baixada Santista para o Rio Grande do Norte em 2009, e passando pelo Mar Vermelho e chegando a cidade de Mossoró em 2013. Pude perceber a mão de Deus a todo instante em minha vida, pois, assim como um dia ouvi da minha tia em uma ligação em um orelhão, “saia de tua terra, de tua parentela, da casa de seus pais e vai para a terra que lhe mostrarei”. Foi o que fiz, fui para a terra que Deus me mostrou e tenho visto o agir de Deus em minha vida. Entretanto, para chegar aonde cheguei, houve muitas lutas e batalhas, como também, tudo teve uma base, e essa base foi minha família e a fé em Deus.

Meus pais são naturais do Rio Grande do Norte, nascidos na cidade de Antônio Martins. Meu pai nasceu no Sítio Pinhão, enquanto minha mãe veio ao mundo no Sítio Timbaúba. Gerações de meus antepassados, desde avós até pentavós, eram todos potiguares. Assim, mesmo nascendo na cidade de Santos, no litoral de São Paulo, trago o sangue genuinamente potiguar correndo em minhas veias. Amo profundamente essa terra e sua rica história, pois é através dela que compreendo minha própria identidade e as razões que moldaram quem sou hoje.

Foto 4 – Eu, meu pai e minha mãe



Fonte: Arquivo Pessoal de Thiago Fernando de Queiroz (2006).

A história de meus pais sempre foi fonte de inspiração para mim, por serem potiguares e eu ter nascido em Santos, tenho lembranças de minha infância e adolescência na cidade de São Vicente. Conseguia observar que em nossa cultura havia diferenças peculiares, comparada

a cultura dos paulistas. Meus pais gostavam de forró, comidas bem temperadas, tinham um sotaque diferenciado e em tudo o que faziam, colocavam a fé em Deus como base em suas decisões.

Pelo fato de morar na Baixada Santista, particularmente na Favela Dique do Pompeba, onde passei a maior parte da minha vida, percebia que as famílias tinham costumes diferentes. Os gostos musicais e culinários dos meus colegas eram distintos dos nossos, e muitos deles não tinham o hábito de pedir a bênção aos pais ao acordar e ao dormir. Essas diferenças despertaram meu interesse em conhecer a história dos meus pais.

Meu pai, Daniel Praxedes de Queiroz, nasceu no Sítio Pinhão em 21 de julho de 1962, filho de Zacarias Francelino de Queiroz e Maria Augusta de Queiroz. Segundo relatos de familiares e do meu avô Zacarias, meu pai sempre foi um filho e irmão obediente, focado em suas responsabilidades e sempre disposto a ajudar a família. Minhas tias costumam descrever como ele era na infância e adolescência, em destacar que ele foi o único filho que nunca desobedeceu ao avô Zacarias, fazendo tudo o que lhe era pedido.

Quando percebeu a dificuldade financeira da família, meu pai decidiu se mudar para São Paulo. Ele comprou as passagens e, em 30 de dezembro de 1980, comunicou ao meu avô Zacarias que estava indo para São Paulo para auxiliar a família. Isso gerou uma grande revolta em meu avô, que acreditou que meu pai estava abandonando a família. Apesar da tristeza, meu pai seguiu em direção a São Paulo e chegou lá em 1 de janeiro de 1981.

Em pouco tempo na Baixada Santista, meu pai conseguiu melhorar a situação financeira da família no Rio Grande do Norte. Meu avô Zacarias, então, pôde compreender o verdadeiro desejo de meu pai, e quando ele retornou de sua viagem, após três anos, meu avô pediu desculpas ao meu pai. Devido ao seu esforço incansável em ajudar a família, meu pai é conhecido por alguns familiares que vivem na Baixada Santista como o Patriarca Daniel da família Queiroz.

Minha mãe, Francisca Martir Lassalette Fernandes, nasceu no Sítio Timbaúba em 27 de dezembro de 1968, filha de José Fernandes de Queiroz e Rita Fernandes de Queiroz. Ela se casou com meu pai aos dezessete anos de idade e foi morar em Santos, sem ter ideia do que significava viver em uma cidade grande. Essa transição a deixou com marcas profundas, e ela carregou traumas de sua adaptação a uma nova cultura. Minha mãe descreve sua vida, desde a infância até o início de sua vida adulta, como uma época em que trabalhar era a principal ocupação. Quando não conseguia realizar as tarefas da maneira como minha avó Rita desejava, ela enfrentava situações de violência doméstica.

Devido à impossibilidade de sair e se divertir tanto quanto seus cinco irmãos, ela desenvolveu uma dependência de Deus e O considerou seu amigo. Acredito que seja inerente ao ser humano a necessidade de se relacionar com outras pessoas, mas, como minha mãe não teve essa oportunidade, ela encontrou consolo em sua relação com Deus. Lembro-me de minha mãe compartilhando essas memórias comigo, e isso me entristecia, não apenas pelo fato de ela não ter tido a chance de fazer amigos, mas também pelo fato de que ela conseguia falar sobre isso com uma alegria extraordinária.

A vida de meus pais não foi fácil, desde a infância até a vida adulta, enfrentaram muitos desafios. Quando ouço as histórias de suas vidas, minha admiração por eles cresce ainda mais. Através de meus pais, mais de trinta familiares, incluindo tios e primos, conseguiram melhorar de vida quando se mudaram para a Baixada Santista. Eles trabalharam arduamente, alguns até abriram seus próprios negócios, enquanto outros se tornaram gestores de empresas. No entanto, a maioria deles acabou no setor de hotéis e restaurantes. Meu pai era garçom e minha mãe trabalhava como diarista, e com muita luta e determinação, conseguiram comprar a casa própria.

Essa determinação de minha família sempre me chamou a atenção, a ponto de eu querer conhecer mais da história dela, em especial, a de meus avós. Tanto meu avô materno quanto o paterno não tinha suas próprias terras para cultivar, mas, com muita determinação e fé em Deus, eles conseguiram conquistar pequenos pedaços de terra, os quais ainda permanecem vivos em minhas memórias. Como Maurice Halbwachs (1990, p. 51) diz: "Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva." Isso me faz compreender que sou o resultado da união de várias memórias, e que minha própria memória é uma combinação das memórias das pessoas com as quais convivi.

Meus pais fizeram o êxodo do Rio Grande do Norte para São Paulo, entretanto, eu por questões divinas, fiz o inverso, e isso modificou minha história. Por observar essas histórias e relatos de meus familiares, não tive medo de lutar quando fui a Mossoró estudar, trabalhar e mudar de vida. Mesmo a perder minha visão gradualmente, alcancei sucessos onde jamais poderia imaginar conquistar.

Agora, após todos esses anos, ao refletir sobre minha jornada e as transformações que ocorreram, estou cursando um mestrado em Educação na POSEDUC/UERN, completei três pós-graduações e estou atualmente realizando uma graduação adicional. Observo as mudanças em minha vida com gratidão. Através de minhas experiências e do conhecimento adquirido no uso de tecnologias assistivas, aprendi a me reinventar e a viver de uma maneira nova. Agora, estou alcançando lugares que em momentos anteriores eram inimagináveis para mim. Meu

foco atualmente está em passar em um concurso público, onde poderei ganhar mais de oito salários-mínimos por mês, ingressar em um doutorado e, posteriormente, realizar um pós-doutorado. Sei que isso pode parecer desafiador, mas é o que almejo e estou determinado a perseguir esse objetivo em minha vida.

Além disso, planejo me casar, ter filhos, exercer minha profissão, e em algum momento, me tornar um professor universitário. Tudo isso são sonhos, porém, em uns anos atrás eu apenas tinha o sonho de realizar uma graduação, mas, cheguei mais longe do que eu imaginava. Entendo então que isso é só uma questão de tempo, serei aprovado em um concurso e serei chamado, assinarei minha carta de posse e honrarei a Deus e minha família por mais essa conquista.

Como aprendi a lutar, irei nessa luta constante por meus objetivos, e quando completar os quinze anos das minhas metas traçadas para o futuro, me sentirei um vencedor ao conquistá-las. Porém, pararei, como fiz em outro momento, analisarei, e planejarei novas metas de longo prazo, pois, como alcançarei a vitória que tanto almejo, traçarei outras novas. Um verdadeiro guerreiro não se acomoda após vencer uma batalha; ao contrário, ele se prepara, treina mais intensamente e, com forças renovadas, como a fênix que ressurgue das cinzas, pega suas armas, inspira aqueles ao seu redor e parte para uma nova jornada.

De fato, como em muitos momentos em Mossoró, fui como a fênix, pois, morri por muitas vezes, mediante as decepções, preconceitos, condições sociais e em principal, por meus medos. Entretanto, não deixei meus medos me pararem, aprendi a aproveitar as situações para melhorar a minha condição social, dos preconceitos busquei a inspiração de uma procura constante por justiça. Das decepções obtive a força de querer me superar e extrair de minhas fraquezas as armas corretas para lutar por uma vida melhor.

Diante de tudo, não foi fácil renascer das cinzas todas às vezes, nas dores da falta de mobilidade urbana na cidade de Mossoró, onde por muitas vezes bati meu rosto em postes e em árvores, nos tropeços das calçadas desniveladas e obstáculos construídos ou colocados por pessoas nas ruas. Na impossibilidade de andar nas calçadas e ter que andar pela pista em disputa com os carros, nesse último fato, por muitas vezes arrisquei ser atropelado. Além de sequer elencar as palavras de desrespeito que as pessoas em alguns casos agiam e falavam por eu ter uma deficiência não aparente.

Por falta de familiaridade com as tecnologias assistivas e devido ao receio e constrangimento relacionados à minha deficiência visual, enfrentei desafios significativos no início da minha vida em Mossoró. No entanto, tudo mudou quando finalmente aceitei minha condição, dei uma chance para o uso das tecnologias assistivas e deixei de esperar que todas

as pessoas me tratassem com respeito unicamente por ser uma pessoa com deficiência visual. Encarei isso sob a perspectiva de que, em muitas situações, me via como uma vítima da sociedade, mas com o tempo percebi que a vida é uma constante batalha. Compreendi que ninguém é obrigado a saber de tudo, e se as pessoas que me tratam de maneira desrespeitosa desejarem entender minha realidade, estou disposto a fornecer orientações sobre a diversidade da inclusão e as particularidades de cada indivíduo.

Todas as minhas conquistas só foram possíveis devido às dores e cicatrizes que acumulei nos diversos lugares por onde passei, com destaque para a cidade de Mossoró. Foram as experiências vividas e as pessoas que me permitiram colecionar suas histórias e memórias que me impulsionaram. Isso ocorre porque, sempre que converso com alguém, busco conhecer a sua trajetória: de onde vieram, como foi a sua família, quais foram suas conquistas, bem como os principais desafios e obstáculos enfrentados ao longo da vida. Através dessas narrativas, adquirei conhecimento que me ajuda a aceitar a vida como ela é e me coloca como protagonista da minha própria história.

Nos diversos locais que percorri e vivenciei em Mossoró, desempenhando um papel fundamental na minha jornada de aprendizado e no meu desenvolvimento como pessoa com deficiência visual, destaco o paralelo com a travessia do Mar Vermelho. Esse percurso incluiu minha entrada na graduação de Administração em uma faculdade de ensino semipresencial, bem como a minha participação em cursos profissionalizantes e técnicos. Além disso, contribuíram de forma significativa para o meu crescimento a vivência e experiência no Clube de Desbravadores, assim como as experiências adquiridas durante meu curso de Bacharel em Direito, minhas especializações e minha admissão no Mestrado em Educação. Todos esses lugares mencionados, de maneira direta ou indireta, estão intrinsecamente ligados aos conhecimentos e recursos de tecnologia assistiva que obtive na ADVM, CADV e UERN.

Através da utilização dessas tecnologias assistivas e da aplicação de metodologias que desenvolvi, aproveitando uma combinação de saberes existentes, conquistei autonomia e tive oportunidades de vivenciar experiências que jamais imaginei serem possíveis. Entre essas experiências, destaco meu envolvimento nos Conselhos Municipais do Controle Social, minha participação em eventos artísticos em diversos locais do estado do Rio Grande do Norte e em outros estados. Participei também de uma notável peça teatral chamada "Alto da Liberdade" em 2019, trabalhei como Assessor Parlamentar na Assembleia Legislativa do RN e conduzi formações para professores em diversos municípios. Um dos marcos mais significativos da minha jornada foi a conquista da minha casa própria.

Tudo isso se tornou possível porque decidi aprender a utilizar tecnologias assistivas. O primeiro passo para que uma pessoa com deficiência possa alcançar a autonomia proporcionada por essas tecnologias é o autoconhecimento e a disposição para compreender sua condição, bem como a busca gradual pela superação de limitações pessoais. Faço essa afirmação porque, com frequência, as pessoas próximas, sejam familiares, conhecidos ou até mesmo profissionais com conhecimentos em educação inclusiva, tendem a subestimar nossas capacidades ou, quando acreditam, podem inadvertidamente tratar-nos de maneira diferenciada devido à deficiência. No entanto, é essencial compreender que isso faz parte de um contexto social, pois a sociedade está em constante aprendizado sobre como enxergar as pessoas com deficiência, e esse processo é contínuo.

Na área das Ciências Sociais, existe uma metodologia conhecida como fenomenologia que enfoca como os fenômenos sociais e naturais colaboram para nossa compreensão e enfrentamento dos desafios na sociedade. Uma das principais facetas do desenvolvimento da autonomia para pessoas com deficiência envolve a conscientização de que uma luta interna constante é inevitável. Isso ocorre devido à constante experiência de olhares preconceituosos da sociedade, obstáculos arquitetônicos e atitudinais em situações cotidianas, e a falta de preparação para superar esses desafios. Diante dessas adversidades, é fundamental buscar forças internas para vencê-las.

Posso dizer, portanto, que a primeira forma de tecnologia assistiva a ser dominada por uma pessoa com deficiência em busca da autonomia é o entendimento de si mesma. Isso envolve compreender o próprio corpo, conhecer os limites, fraquezas, potencialidades, dons, características positivas e negativas do próprio caráter, bem como analisar ameaças e oportunidades. É essencial também ter clareza sobre metas pessoais e como alcançá-las. A falta desse autoconhecimento aumenta a probabilidade de fatores sociais, como o capacitismo, limitarem e desmotivarem a pessoa com deficiência, levando-a a se isolar e sucumbir aos estigmas sociais.

Então, posso afirmar que a primeira tecnologia assistiva a ser dominada está dentro de cada indivíduo e é a mais desafiadora de todas. Ela não depende apenas do conhecimento científico, mas de um processo mais amplo de construção intelectual que envolve como a pessoa se percebe e interage com o ambiente social. Um ditado popular afirma que, quando uma mentira é repetida muitas vezes, ela se torna verdade, e o mesmo princípio se aplica à ideia de que as pessoas com deficiência são incapazes.

Portanto, em minhas análises, costumo afirmar que o capacitismo tem sua origem no seio familiar e, a partir

daí se difunde pela sociedade. O autocapacitismo, em particular, representa um dos aspectos mais prejudiciais, no qual a pessoa com deficiência internaliza preconceitos contra si mesma, dificultando a aceitação pessoal. Embora seja uma realidade comum, é pouco abordado e discutido no campo dos estudos sobre aprendizagem e relações interpessoais das pessoas com deficiência. É justamente através da lente do autocapacitismo que sugiro que o primeiro passo em direção ao uso de tecnologias assistivas para promover a autonomia da pessoa com deficiência é o autoconhecimento e a compreensão de seus próprios limites. A partir desse ponto, torna-se mais viável dismantelar os efeitos prejudiciais do autocapacitismo.

Em segundo lugar, para adquirir habilidades no uso de tecnologias assistivas visando a promoção da autonomia, a pessoa com deficiência deve evitar se enxergar como uma vítima da sociedade e, em vez disso, perceber que o sucesso depende em principal dela mesma. A pessoa com deficiência deve ser a protagonista de sua própria história, ciente de que é necessário se destacar em suas ações e trabalhos. A sociedade pode ser tolerante quando uma pessoa sem deficiência tropeça na rua, mas reage com espanto ao ver um cego enfrentando uma situação semelhante. Da mesma forma, a sociedade pode compreender quando alguém sem deficiência física não consegue subir uma escada, mas não aceita ver um cadeirante tentando subir uma calçada sem uma rampa. As pessoas podem entender quando alguém sem deficiência auditiva ou surdez diz que não está ouvindo, mas se sentem desconfortáveis ao tentar se comunicar com alguém surdo.

É uma realidade que somos vistos de forma diferenciada, no entanto, isso não pode servir de desculpa para nos tornarmos passivos diante de tais desafios sociais. Em vez disso, precisamos encontrar a força necessária em todas essas experiências para perseguir nossos sonhos e objetivos. Quando alguém se coloca como vítima, fica à espera de justiça, dependendo dos outros para solucionar problemas e superar dificuldades. No entanto, como já mencionado, o sucesso depende unicamente de cada indivíduo, e para alcançá-lo, é fundamental construir pontes ou até mesmo criar nosso próprio caminho através do Mar Vermelho, com os pés enxutos.

Em algumas situações, nos deparamos com desafios que para muitos parecem insuperáveis. É preciso dedicar um esforço maior, e é preciso ter consciência disso. Nós, pessoas com deficiência, nos vemos na necessidade de buscar a excelência, uma vez que a concorrência é acirrada. Infelizmente, devido à nossa condição, muitas vezes recebemos apenas o mínimo. Gostaria de compartilhar um episódio que ocorreu comigo no ano de 2020, durante a pandemia do Covid-19.

Fui convidado para assumir uma função de gerência, e a pessoa que me ofereceu o cargo inicialmente disse que o salário seria muito atrativo. Aceitei o convite com base nessa informação, mas, ao assinar o contrato, percebi que o valor estava abaixo do salário-mínimo vigente. Fiquei perplexo naquele momento, pensando que deveria ter ocorrido um engano. Ao entrar em contato com a pessoa que fez a oferta, ela simplesmente indagou se o valor não era excelente para mim. Isso me deixou indignado, e respondi que, de forma alguma, era satisfatório. Uma colega que desempenharia a mesma função me informou que o salário dela era mais de três vezes o valor que me foi oferecido. Embora chocado, já estava ciente de que essa disparidade era mais uma manifestação do preconceito em relação às pessoas com deficiência, conhecido como capacitismo. Diante disso, decidi não aceitar a posição, e a pessoa que havia feito a oferta me acusou de ingratidão.

Relato essa experiência para destacar como muitas vezes as pessoas subestimam o valor das pessoas com deficiência. No entanto, diante dessas circunstâncias, é fundamental que tenhamos consciência do nosso próprio valor, não nos percamos na posição de vítimas e continuemos a lutar. As oportunidades podem surgir, mas quando não o fazem, devemos ser proativos e criá-las nós mesmos. Isso pode ser alcançado por meio de metas, planos para o futuro e buscando ativamente a expansão do nosso conhecimento e parcerias. A chave é não esperar passivamente pelas oportunidades, mas sim permanecer ativo e sempre em busca de evolução, pois, como diz o ditado, "quem não é visto, não é lembrado."

Outro aspecto importante para as pessoas com deficiência alcançarem autonomia é a disposição constante para aprender algo novo e não se considerar um mestre absoluto em um determinado campo. Mesmo que tenhamos expertise em uma área específica, há sempre algo mais a aprender e descobrir, pois, como Antoine-Laurent de Lavoisier afirmou, "Na Natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma". Isso significa que o conhecimento está em constante evolução. Nesse contexto, a famosa frase atribuída a Sócrates, "Só sei que nada sei", é bastante pertinente, já que, na realidade, conhecemos apenas uma fração ínfima do vasto universo de sabedoria.

Quando estamos sempre dispostos a aprender, abrimos oportunidades para estabelecer laços, adquirir novos conhecimentos e aprimorar nossas metodologias em relação ao que aprendemos. Neste contexto, vale a pena mencionar o texto bíblico de Provérbios, capítulo 15, versículo 33, que afirma que "a humildade precede a honra". Pessoas humildes são respeitadas porque estão sempre dispostas a aprender e reconhecem essa necessidade. Por outro lado, aqueles que se recusam a aprender algo novo, seja devido à acumulação de conhecimento, tempo ou experiência, tendem a ser menosprezados. Eles só são procurados quando suas

habilidades são necessárias, o que não é ruim, mas é importante considerar a impressão que deixamos nas pessoas.

As três tecnologias assistivas mencionadas neste texto estão ligadas às minhas experiências com minha família e aos lugares por onde passei, incluindo minha mudança para Mossoró. Essas tecnologias assistivas estão relacionadas a estratégias e práticas de vida que estou compartilhando para que pessoas com deficiência e profissionais da educação que leiam esta dissertação possam compreender os fatores que estão impulsionando minha ascensão social.

Dizer que todo esse processo foi ou está sendo fácil seria enganar a realidade, pelo contrário, tem sido um processo doloroso, repleto de obstáculos que ameaçam me deter. No entanto, ter clareza sobre meus objetivos e onde quero chegar ajuda a superar as marcas do capacitismo e a avançar em direção aos meus objetivos. Aqui apresento três tipos de tecnologias assistivas voltadas para pessoas com deficiência, mas elas também podem ser aplicadas a pessoas sem deficiência, uma vez que todos somos seres humanos e enfrentamos desafios na busca de nossos sonhos, metas e objetivos.

Essas três ações, consideradas tecnologias assistivas, estão no íntimo ligadas a comportamentos e ações humanas. Nos próximos itens, exploraremos as tecnologias assistivas que adquiri por meio de minhas experiências na ADVVM, UERN e CADV. Cada um desses lugares proporcionou um acúmulo de conhecimento que, por meio desses saberes e práticas, me permitiu ajudar pessoas com deficiência, além de obter reconhecimentos que nunca imaginei alcançar um dia.

A seguir, apresentarei os conhecimentos adquiridos em várias tecnologias assistivas durante meu envolvimento com a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró (ADVVM). Por meio da interação com pessoas com deficiência que de forma generosa compartilharam seus conhecimentos e práticas, adquiri valiosas habilidades que têm sido essenciais em minha jornada em busca da realização dos sonhos. Essa jornada não se assemelha à busca de uma Canaã celestial, mas sim à concretização de meus objetivos pessoais e profissionais.

2.2 E quando eu não te vejo, penso em você até o amanhecer a ADVVM

Para começar a abordar os conhecimentos e práticas que adquiri neste local, vou relatar inicialmente o momento em que cheguei e experimentei como uma pessoa com deficiência também pode sonhar e transformar sua vida. As tecnologias assistivas desempenham um papel essencial nesse processo, e a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró (ADVVM) foi

fundamental nessa jornada. Mesmo quando minha visão não me permite ver, penso em vocês até o amanhecer, agradecendo por me auxiliarem em minha jornada contra a discriminação e por me proporcionarem o suporte das tecnologias assistivas.

Minha descoberta da ADVIM aconteceu em um momento em que minha visão estava parcialmente comprometida. Sob a orientação da minha amiga Lúcia Souza, fui encorajado a procurar a ADVIM para obter apoio e conhecimento sobre como é viver como uma pessoa com deficiência visual. No dia 28 de julho de 2014, por volta das 16h, saí da instituição onde estava fazendo meu curso técnico com o objetivo de me dirigir à Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró.

Enquanto caminhava do SENAC para a ADVIM, muitas perguntas pairavam em minha mente, em especial sobre como seria a instituição e como eu seria recebido. Chegando ao prédio da ADVIM, bati palmas e, com um passo vagaroso, uma pessoa perguntou: "Quem é?". Respondi que era Thiago Queiroz e que estava aos poucos perdendo minha visão. A pessoa que me recebeu se apresentou como Marconcélio, um membro da ADVIM e ex-diretor, e se ofereceu para me levar até o presidente da associação.

Tive a oportunidade de conversar com o presidente da ADVIM, conhecido como Luiz Carlos. A conversa foi enriquecedora, e algumas experiências que vivenciei naquele dia me marcaram de forma profunda minha jornada, em especial a capacidade de Luiz Carlos, que é pessoa com cegueira total, de usar um computador com autonomia, e Marconcélio utilizava um *smartphone* sem dificuldades. Essas experiências inspiradoras me deram esperança em relação aos objetivos que traçava para o meu futuro. Ao sair da ADVIM naquele dia, estabeleci o compromisso de retornar na mesma semana para explorar mais a instituição e conhecer João Ferreira, pois Luiz Carlos mencionou que João possuía conhecimentos avançados em tecnologias assistivas para pessoas com deficiência visual.

Fiquei intrigado com o termo "tecnologias assistivas", pois nunca tinha ouvido falar dele antes. Perguntei a João Ferreira, e ele explicou que se tratava de recursos utilizados por pessoas com deficiência. Como era um conceito novo para mim, decidi realizar uma pesquisa aprofundada sobre tecnologias assistivas. Ao analisá-las, compreendi que essas tecnologias desempenham um papel fundamental em auxiliar e apoiar as pessoas com deficiência em suas atividades diárias, com o objetivo de reduzir as barreiras causadas pela condição de deficiência.

Naquela tarde, enquanto estava na instituição onde cursei o curso técnico, eu me questionava sobre como João Ferreira, Marconcélio e Luiz Carlos conseguiam utilizar o celular e o computador com tanta destreza, sem nenhuma dificuldade. Durante alguns dias, meu pensamento estava voltado para as lembranças de como essas pessoas dominavam esses

recursos. Em um dia específico, para ser mais preciso, em julho de 2014, quando cheguei à ADVIM, procurei João Ferreira e lhe perguntei sobre o uso desses recursos e como eles conseguiam ser tão autônomos.

João Ferreira explicou como consegue manter sua autonomia ao usar *smartphones* e computadores, graças ao uso de leitores de tela. Essas ferramentas são capazes de ler o conteúdo exibido na tela, proporcionando às pessoas com deficiência visual o acesso às informações ali presentes. No caso de dispositivos *Android*, o leitor de tela mais comum é o *Talkback*, enquanto no sistema *IOS*, o *Voiceover* é a opção mais popular. Ambos os leitores de tela seguem um padrão de operação. Para navegar entre telas, basta deslizar dois dedos pela tela, e para ativar um ícone, é necessário dar dois toques rápidos. Para acessar as informações na tela, basta deslizar o dedo da direita para a esquerda ou vice-versa.

Após adquirir conhecimentos básicos sobre a utilização de um *smartphone*, senti a necessidade de comprar um novo aparelho. O motivo para essa mudança foi o fato de que o *smartphone* que eu usava antes possuía um teclado físico e não permitia a instalação de aplicativos, tornando impossível o uso de leitores de tela. Nesse contexto, aproveitei uma oportunidade para experimentar o *Talkback* no *smartphone* de João Ferreira, que me emprestou o dispositivo por pelo menos cinco minutos. No início, achei o uso do *Talkback* bastante desafiador e um tanto estranho, porém, com o passar do tempo, consegui dominar esse recurso. Seis meses depois desse momento, decidi adquirir meu próprio *smartphone* com sistema *Android* e comecei a utilizar o *Talkback* de forma regular.

João Ferreira mencionou que, no que diz respeito aos leitores de tela para computador, o *Jaws* é a melhor opção. Contudo, ele destacou a questão de ser uma opção paga e de alto custo, o que pode ser um desafio para pessoas que dependem de um salário-mínimo. No entanto, ele também ressaltou a disponibilidade de leitores de tela gratuitos, como o NVDA, e um software desenvolvido no Brasil chamado DOSVOX. O projeto do sistema DOSVOX teve início por meio dos esforços e trabalhos de um estudante de informática cego Marcelo Pimentel Pinheiro, que, na época, estava envolvido com o Núcleo de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NCE/UFRJ). Com orientação acadêmica do Prof. José Antônio Borges, responsável pela coordenação do projeto DOSVOX, eles desenvolveram e aprimoraram o sistema DOSVOX a ponto de torná-lo uma valiosa ferramenta de apoio à educação das pessoas com deficiência visual.

João Ferreira continua a falar que existem apenas três leitores de tela para computador: o *Jaws*, NVDA e o DOSVOX, todos disponíveis no sistema operacional *Windows*. No entanto, é importante destacar que existem outras opções para diferentes sistemas operacionais, como

o Virtual Vision para Windows, o Orca para Linux e o VoiceOver para Mac. É relevante observar que cada leitor de tela possui atalhos específicos que facilitam a realização de tarefas no computador.

Após adquirir essas informações, retornei para casa e comecei a refletir sobre tudo o que aprendi com João Ferreira. Fiquei emocionado e satisfeito por adquirir novos conhecimentos, e comecei a compreender como Marconcélio e Luiz Carlos conseguiam usar o computador e o smartphone com tanta autonomia. Como já estava familiarizado com a lupa do Windows, configurada para ampliar a tela em 300% com inversão de cores, decidi baixar o leitor de tela NVDA e aprender a usá-lo.

Estranhei a voz robótica do NVDA e sua dificuldade em compreender certos textos, bem como a falta de precisão na pontuação. Utilizei o NVDA por alguns dias e admito que não me agradou. No entanto, a versão atual se revelou excelente, superando a praticidade do Jaws. Como já havia experimentado a utilidade de um aplicativo ou sistema que realizasse a leitura em meu lugar, procurei maneiras de obter esse recurso, desde que a leitura fosse compreensível para mim.

Foi somente a partir de janeiro de 2015 que encontrei uma solução altamente funcional. Essa solução envolvia o uso do *Talkback*, um recurso de leitura de tela em meu smartphone, em conjunto com o *WhatsApp Web* no meu computador. Através de um grupo no *WhatsApp* exclusivo para mim, eu copiava um texto que estava em meu computador e o colava no *WhatsApp Web*. O *Talkback*, ativado no meu *smartphone*, iniciava automaticamente a leitura do texto no momento em que ele chegava ao meu *WhatsApp* no smartphone. Isso me permitiu acessar e compreender facilmente o conteúdo dos textos, tornando minha experiência de leitura mais acessível e prática. Essa abordagem contribuiu significativamente para a melhoria dos meus estudos, permitindo-me aumentar consideravelmente a quantidade de leituras realizadas. Em 2015, por exemplo, consegui ler mais de quinze livros.

Por volta de novembro de 2014, durante um curso que frequentava naquela época, vivi uma experiência que me marcou profundamente. Foi um dos primeiros episódios de preconceito que enfrentei em minha vida acadêmica, após ter me tornado uma pessoa com baixa visão severa. Na ocasião, eu estava na sala de aula e a disciplina em questão era matemática financeira. O professor apresentou alguns exercícios em slides e pediu aos alunos que os copiassem. Eu estava sentado na primeira fileira, com a sala escura para melhorar a visibilidade de todos. No entanto, eu não conseguia enxergar nada. Diante disso, solicitei ao professor que me descrevesse o que estava projetado nos slides. O professor permaneceu em silêncio. Perguntei pela segunda vez, e mais uma vez ele optou por não responder. Na terceira

tentativa, o professor disse: "Eu não tenho culpa se a instituição aceitou um aluno com deficiência visual".

Ao ouvir o pronunciamento do professor, fiquei atônito e dirigi-me ao banheiro devido ao nervosismo que me acometeu naquele momento. Ao retornar à sala de aula e abrir a porta, expliquei ao professor que não era responsável pela falta de profissionais capacitados para lidar com pessoas com deficiência visual na instituição.

Meus colegas começaram a bradar "processa o professor!", mas esse não era meu objetivo, pelo contrário, aguardei o término da aula e me aproximei do professor para uma conversa. Ele prontamente se desculpou, admitindo sua falta de conhecimento na interação com pessoas com deficiência visual. Ainda um tanto ressentido, respondi: "Bastava apenas perguntar, era simples assim". Foi nesse momento que o professor confessou: "Eu realmente não sabia disso, Thiago." Esta confissão me deixou estupefato, enquanto pensava para mim mesmo: "Uau, o professor admitiu sua falta de conhecimento nessa questão."

A sinceridade do professor me fez perceber, pela primeira vez, que vivenciar a educação inclusiva não seria uma tarefa fácil, devido à falta de informação. A partir desse momento, fiz uma promessa a mim mesmo: estudaria metodologias que tornassem a educação acessível para pessoas com deficiência visual. Não queria que ninguém passasse pelo que eu havia passado. Como afirma Mantoan (2004, p. 37), "as diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais reconhecida e valorizada. Isso é fundamental para compreendermos como aprendemos e como entendemos o mundo e a nós mesmos."

Com essa promessa no coração, no dia seguinte, fui à ADVIM e compartilhei com alguns membros o que havia acontecido comigo. Perguntei a eles como poderíamos evitar que essa situação se repetisse com outras pessoas. Um dos membros me respondeu que a nossa única opção era reivindicar nossos direitos. No entanto, isso me fez o questionar: "Como?"

Após aquele episódio na ADVIM, no dia seguinte, compartilhei todos os acontecimentos com minha amiga Lúcia Souza, abrangendo tanto o incidente na sala de aula quanto na ADVIM. Ela sugeriu que seria benéfico eu buscar orientação junto ao Professor Antônio Fernandes, uma vez que ele se destacava como um professor pesquisador e poderia oferecer assistência na resolução desse problema, além de explorar novas abordagens para minha jornada acadêmica. Sendo assim, entrei em contato com o Professor Antônio Fernandes, que ministraria uma disciplina sobre metodologia de pesquisa científica no curso Técnico em Logística, o qual eu estava matriculado, e discuti com ele os eventos que haviam transcorrido.

O Professor Antônio Fernandes me pediu que o procurasse após a aula para uma conversa, e assim o fiz. Durante nossa conversa, ele expressou compreensão em relação à situação desagradável que eu havia enfrentado. No entanto, ele enfatizou que na vida tudo tem um propósito, um motivo e uma razão de ser. Além disso, sugeriu que poderíamos colaborar na criação de uma nova metodologia que tornasse a educação de pessoas com deficiência visual mais acessível no que diz respeito à logística educacional. Durante nossa conversa, mostrei a ele as funcionalidades do meu smartphone, incluindo os recursos de leitores de tela. O Professor Antônio Fernandes ficou impressionado e sugeriu que aguardássemos as orientações relacionadas ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para assim prosseguir.

No início de março de 2015, dei início à redação do meu Trabalho de Conclusão de Curso no campo da Logística, explorando a temática da logística educacional para melhorar o processo de ensino e aprendizado para pessoas com deficiência visual. Durante minha pesquisa e elaboração do TCC, agendei uma reunião com os sócios da ADVIM. Durante a apresentação e discussão dos espaços arquitetônicos, Francisco Moraes, que possui formação em História e é cego, destacou a importância de incluir a Norma Técnica de Acessibilidade ABNT NBR 9.050/2004 em minha pesquisa, o que achei muito valioso.

Na sequência, João Ferreira enfatizou a necessidade de estudar e compreender a Lei n.º 10.098/2000, que aborda as diretrizes gerais e critérios fundamentais para promover a acessibilidade das pessoas com deficiência e mobilidade reduzida. Na ocasião, admiti não estar familiarizado com essas normas, mas me comprometi a estudá-las. Esse encontro se tornou um marco em minha mente, pois foi quando passei a compreender a relevância das leis na sociedade.

Naquele dia, ao chegar em casa, dei início aos meus estudos sobre a norma em questão. Durante minhas análises, constatei que a Norma Técnica 9.050 estava programada para ser atualizada naquele ano, e que também estava em discussão um estatuto com direitos das pessoas com deficiência, visando a sua implementação no mesmo período. Após realizar algumas leituras, compartilhei o material recém-encontrado com o meu eterno orientador, o Professor Antônio Fernandes. Ele fez uma análise dos novos textos e sugeriu que eu os incluísse em um capítulo do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Na segunda semana de março, o Professor Antônio Fernandes solicitou que eu dedicasse algum tempo a estudar o *QR Code* durante uma pausa na aula. Ele estava interessado em saber se esse código de barras tridimensional poderia ser uma ferramenta inclusiva eficaz para pessoas com deficiência visual. Assim que cheguei em casa naquele dia, fui imediatamente para o computador e iniciei minhas pesquisas sobre o *QR Code*. Durante minha

investigação, descobri um site que permitia criar esses códigos gratuitamente, oferecendo também a funcionalidade de incorporar URLs de sites, textos, e-mails e mensagens de texto aos códigos bidimensionais.

No outro dia, ao chegar ao curso, busquei o Professor Antônio Fernandes e compartilhei minhas descobertas com base em minhas pesquisas. Destaquei a relevância do *QR Code* como recurso. Para adotar essa metodologia, é necessário ter um aplicativo de decodificação de *QR Code* instalado no smartphone. Com o leitor de tela ativado, o aplicativo do smartphone decodificaria o código e exibiria o texto na tela do dispositivo, permitindo uma leitura instantânea pelo leitor de tela.

O Professor Antônio Fernandes ficou entusiasmado e comentou: "Imagine se pudéssemos incorporar esses *QR Codes* nos *slides*, provas, textos impressos e outros materiais pedagógicos. Será que isso poderia facilitar o aprendizado para pessoas com deficiência visual?" Enquanto o Professor Antônio Fernandes falava, fiquei impressionado com a paixão que ele demonstrava pela pesquisa. Isso me tocou profundamente, e naquele momento, percebi que a pesquisa realmente tem o poder de transformar vidas. A partir daquela semana, todos os dias, após as aulas, o Professor Antônio Fernandes e eu dedicávamos tempo a testar métodos viáveis que poderiam ser utilizados como estratégias educacionais, visando melhorar a logística do processo de aprendizagem.

No final de março, solicitei ao presidente da ADVIM que notificasse os membros sobre a oportunidade de participar de uma apresentação dos resultados da minha pesquisa em colaboração com o Professor Antônio Fernandes. Após a marcação da data e horário, nove membros da ADVIM compareceram, incluindo seis pessoas com deficiência visual, duas com baixa visão severa e uma com baixa visão moderada. Na ocasião, expliquei o uso do *QR Code* e como esse recurso poderia ser aplicado na área educacional, destacando a importância da logística no processo de aprendizagem. Realizamos diversos experimentos e práticas, o que nos permitiu constatar a relevância desse recurso. No entanto, identificamos algumas questões a serem abordadas.

Quando a resolução da câmera de um smartphone é baixa, o aplicativo leva mais tempo para decodificar o código *QR*. Quanto maior for a quantidade de texto presente no código, mais difícil se torna a decodificação, devido à presença de mais quadrados minúsculos que complicam o processo. Além disso, ao projetar um slide na parede, se houver reflexos de luz, o celular não será capaz de decodificar o código. Mesmo quando se trata da realização de provas e atividades, embora o *QR Code* possa proporcionar autonomia na obtenção de informações textuais, muitas vezes é necessário o auxílio de um profissional leitor.

Nessa última questão, tive uma conversa com o Professor Antônio Fernandes com o objetivo de explorar a possibilidade de criar uma prova utilizando o *Google Formulários*, a fim de avaliar se essa abordagem ofereceria uma maior autonomia para pessoas com deficiência visual. Em outro momento, criei um modelo de prova no *Google Formulários* e gerei um *QR Code* para o *URL* correspondente. Em seguida, encaminhei-me até a ADVVM para realizar uma demonstração. Na ADVVM, encontrei apenas João Ferreira e solicitei a ele que participasse no teste comigo, ao que ele logo aceitou.

João Ferreira realizou o teste de decodificação do *QR Code* e verificou a prova no *Google Formulários*. Ele constatou que o processo de decodificação do *QR Code* por meio do *smartphone* era bastante simples. No entanto, notou algumas questões a serem destacadas em relação ao modelo de prova do *Google Formulários*. João observou que para responder à prova, uma pessoa com deficiência visual precisa ter um bom conhecimento sobre o uso do *Talkback*. As questões que apenas requerem a marcação de alternativas são relativamente fáceis. Porém, nas questões que exigem a escrita, além de o *Talkback* tornar o processo mais demorado, o aplicativo de forma constante saía do campo de escrita. Além disso, para acessar e responder às questões, é necessário estar conectado à internet, e nem todas as escolas possuem acesso à internet.

Por último, ele observou que a metodologia estimula a autonomia, contudo, no caso da resolução de provas por pessoas com deficiência visual, a assistência de um profissional leitor que ainda parece ser a opção mais prática. Após os testes, João e eu conversamos por cerca de vinte minutos, e uma frase que ele mencionou com interesse foi: "Explorar novas maneiras de promover a autonomia para pessoas com deficiência visual é válido, mas o melhor mesmo seria aprimorar os recursos já disponíveis." Quando João expressou essa ideia, comecei a refletir e senti a motivação para adquirir esse conhecimento, dedicando-me a estudar o Sistema Braille e aprimorar minha habilidade auditiva com a ajuda de um profissional leitor.

Após elaborar um relatório com base nas experiências compartilhadas por João, apresentei-o ao Professor Antônio Fernandes e prossegui com a exposição desses *insights* em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). À medida que avançava na redação, minha admiração pelos conhecimentos que estava adquirindo só crescia. O aspecto mais fascinante era que, durante o processo de escrita e nas pesquisas realizadas em meu computador, percebia uma notável melhoria na velocidade da minha digitação, e meus pensamentos começavam a se tornar mais questionadores, influenciando tanto o que eu escrevia quanto no modo como pensava. A abordagem da análise *SWOT* não se limitava apenas à identificação de forças,

oportunidades, fraquezas e ameaças em uma empresa, pois passei a aplicá-la em todos os aspectos da minha vida.

Os questionamentos dos 5 W's (quem, o quê, onde, quando, por quê) e 2 H's (como, quanto) não se limitavam apenas a serem perguntas em um processo de análise em busca de novos clientes para uma empresa. Comecei a aplicar essas abordagens no contexto do estudo da inclusão, onde um problema não representava uma dificuldade, mas podia conter as respostas para diversas questões que ainda não haviam sido exploradas. Percebi, portanto, a importância de entrar em contato, quando necessário, com as pessoas que vivenciam a segregação e sofrem com o peso do preconceito social.

Após dois meses de intensa pesquisa, análises e estudos, concluí a elaboração do meu trabalho escrito. No dia 6 de maio de 2015, por volta das 15:50h, enfrentei a defesa do meu TCC. A defesa do meu trabalho foi interessante, uma vez que vários professores e alunos de outras turmas haviam solicitado ao Professor Antônio para assistir à apresentação. Embora eu estivesse ciente dessa situação, não pude impedi-los de participar da minha defesa. Confesso que fiquei um pouco nervoso, mas consegui defender o meu TCC com sucesso e senti alegria ao compartilhar minhas descobertas com um público mais amplo.

Na apresentação, abordei o importante papel da logística na educação, destacando sua relevância não apenas na organização de espaços físicos, mas também na implementação de metodologias que aceleram e melhoram a qualidade do aprendizado de alunos com deficiência visual. Além disso, salientei a importância de promover a autonomia desses alunos ao máximo. Embora o tempo de apresentação previsto fosse de quinze minutos, devido ao grande número de perguntas e discussões, a defesa acabou se estendendo, com duração média de trinta minutos.

Esse momento foi marcante para mim, pois me encheu de motivação para prosseguir com minhas pesquisas e buscar transformar vidas. A pesquisa tem o incrível poder de mudança, e eu ansiava por ser o veículo dessa transformação. Minha busca por um maior entendimento das políticas educacionais voltadas para pessoas com deficiência visual foi intensificada após um episódio pessoal no qual uma universidade pública negou minha inserção.

Esse fato me levou a me envolver mais ativamente nos Conselhos Municipais de Controle Social. Eu acreditava que essa participação me proporcionaria os conhecimentos necessários para minhas pesquisas. Para ingressar nos Conselhos, era necessário ser indicado por um órgão da sociedade civil ou da gestão pública. Nesse contexto, fui indicado por ser membro da ADVIM.

No dia 12 de maio de 2015, tive a oportunidade de participar da minha primeira reunião no Conselho Municipal dos Direitos das Pessoas com Deficiência. Fiquei muito impressionado com a experiência, pois pude compartilhar a minha própria vivência na universidade em relação à inclusão e também discutir minhas pesquisas. Os membros do Conselho presentes na reunião manifestaram o quanto seria relevante minha participação na causa da inclusão das pessoas com deficiência, dado que eu mesmo sou uma pessoa com deficiência e estou envolvido na luta por meus direitos à educação.

Além disso, fui informado de que a II Conferência Municipal dos Direitos das Pessoas com Deficiência estava programada para o final do mês. Eles me encorajaram a apresentar o meu caso nesse evento. Quando perguntei a data, Michael Oliveira, Conselheiro titular representante da OAB subseção de Mossoró, informou que seria nos dias 21 e 22 de maio de 2015. Michael Oliveira também me incentivou, dizendo: "É importante que você esteja presente e, já que você tem um papel ativo no conselho, seria ótimo se você pudesse criar uma música para o evento." Eu concordei com a ideia e decidi compor uma paródia, que resultou na seguinte letra:

Todos somos iguais, perante uma legislação que rege a nação, que luta pelos direitos a igualdade, que garante os Direitos Humanos. Todos têm o direito a uma educação que rege a nação, que busca o conhecimento e a instrução dentro de uma escola. Todos têm o direito a uma educação, está na Constituição de nossa federação. Só incluímos quando educamos. (Música de Thiago Fernando de Queiroz, 2015).

No segundo dia do evento, ocorreram discussões nos grupos de trabalho da Conferência Municipal. Nesse contexto, observei quais grupos estavam destinados a abordar temas relacionados à educação. Desejava profundamente compartilhar a experiência que vivenciei na universidade, uma vez que, na minha perspectiva, a ação de convocar uma junta multiprofissional para pessoas com deficiência antes mesmo da matrícula não assegurava plenamente o direito à igualdade de oportunidades. Essa percepção estava ancorada na inacessibilidade do edital e na falta de facilidade de acesso aos recursos eletrônicos da instituição. Fui, portanto, designado para participar do grupo de trabalho relacionado à educação, assim como eu almejava.

Eu não conhecia a maioria das pessoas que estavam presentes naquela conferência, mas fiquei surpreso ao descobrir que as lideranças presentes estavam cientes da minha história. Como resultado, tivemos uma discussão prévia sobre o meu caso e desenvolvemos algumas propostas. Enquanto uma pessoa estava abordando a importância de criar propostas em níveis municipal, estadual e federal, eu observei alguém mencionar que a UERN oferecia vagas

reservadas para pessoas com deficiência em todos os cursos, mas a UFERSA e os Institutos Federais não o faziam. Lembro-me de ter pedido a palavra e dito: "Aqui está a nossa proposta para o âmbito federal: garantir o direito à reserva de vagas para pessoas com deficiência em universidades e institutos federais." Todos, cerca de vinte e cinco presentes no eixo específico da educação concordaram com a proposta.

Por volta das 16h, Michael Oliveira informou-me que me havia inscrito como candidato a delegado na Conferência Estadual. Surpreso, questionei sobre o que isso implicava e quais seriam as minhas responsabilidades. Ele então explicou que na Conferência Estadual, nosso objetivo seria promover a aprovação das propostas de Mossoró para a Conferência Nacional. Contudo, para ter a oportunidade de participar da Conferência Estadual, seria necessário passar por um processo de votação e ser escolhido pelos delegados da Conferência Municipal. Movido pela minha indignação em relação à situação da universidade, decidi aceitar a candidatura, determinado a buscar justiça e o direito à educação para pessoas com deficiência, como uma forma de "lavar minha alma". Lembro-me como hoje daquela sexta-feira, ao entardecer, quando vestia o uniforme dos Desbravadores. Naquele momento, orei a Deus:

Pai, Tu conheces os acontecimentos que me afetaram, e do mais profundo do meu coração, desejo que ninguém mais tenha que passar pelo que eu passei. Se for Tua vontade usar-me para abençoar estas vidas, que Tuas palavras fluam através de mim, assim como fizeste com Moisés perante o Faraó, concedendo-me sabedoria.

Enquanto eu estava em comunhão com Deus, percebi que algumas pessoas estavam discutindo, embora não tenha compreendido a razão para tal discussão. Onze pessoas se inscreveram para competir por apenas quatro vagas, e, dentre todas, fui o último a manifestar meu interesse. Lembro-me de ouvir alguém comentar: "Vamos começar a votação, pois parece que esse rapaz não será escolhido." Isso me deixou um pouco abatido por um momento, mas Michael interveio, dizendo: "Thiago, você tem um minuto para explicar por que a plenária deve escolhê-lo." Foi nesse momento que expressei:

Sou uma pessoa com deficiência visual e, por experiência própria, conheço as dificuldades enfrentadas por indivíduos com deficiência. Não desejo que outros passem pelo que já passei, e estou determinado a lutar pelos direitos de todos nós e pela aplicação da Norma n.º 9.050, visando tornar nossos espaços acessíveis a todos nós.

Depois de proferir meu discurso, ouvi aplausos. Michael parabenizou-me e deu início às votações, durante as quais os participantes indicavam seus candidatos erguendo seus crachás de identificação. Na primeira votação, consegui uma das cinco posições mais bem votadas. Em

seguida, realizou-se uma segunda votação para eliminar um candidato, e para surpresa de muitos, incluindo alguns com mais de duas décadas de experiência em ativismo, conquistei o terceiro lugar na votação final.

Assim, tornei-me um delegado da IV Conferência Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência no estado do Rio Grande do Norte. Mesmo colegas da ADVVM ficaram surpresos, uma vez que, até aquele momento, nenhum membro da ADVVM havia representado a organização como delegado em uma conferência estadual.

A partir desse momento, os membros da ADVVM passaram a me enxergar de maneira diferente, considerando minha breve associação à organização e minha recente chegada a Mossoró. Mesmo assim, fui selecionado como representante em uma conferência estadual. No entanto, as opiniões de alguns sócios não exerciam influência sobre mim, quer fosse de maneira positiva ou negativa. Na verdade, meu coração estava pesado devido aos eventos ocorridos na universidade, e meu objetivo principal era assegurar uma educação de qualidade para pessoas com deficiência.

Em junho de 2015, alguns amigos intérpretes de Libras me incentivaram a aprender a Língua Brasileira de Sinais para que eu pudesse me comunicar com os surdos em Mossoró. Achei essa sugestão muito interessante, embora tenha questionado a mim mesmo sobre como conseguiria aprender. Decidi então procurar o Centro de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo (CAS/Mossoró). Ao chegar lá, fui recebido por Rita de Cássia Araújo, que, assim como eu, fazia parte da ADVVM. Expliquei a minha intenção de estudar Libras e perguntei se isso era possível. Rita me informou que eu poderia aprender por meio da Libras tátil, onde o professor realizaria os sinais de Libras em minha mão. Ela também me disse que o curso começaria em agosto. Agradei a ela e me despedi.

Por estar ganhando mais reconhecimento na militância em prol das pessoas com deficiência, a Senhora Lúcia Aquino, presidente do Conselho Municipal dos Direitos das Pessoas com Deficiência de Mossoró (CMDPD), solicitou que eu representasse a Associação de Deficientes Visuais de Mossoró (ADVVM) na 7ª Conferência Municipal de Saúde, que ocorreu nos dias 13, 14 e 15 de julho de 2015.

Após discutir o assunto com o presidente da ADVVM, ele concedeu a autorização para minha participação na conferência em representação da associação. Durante os três dias da conferência, próximo ao encerramento do evento, Lúcia Aquino informou-me que havia me inscrito como candidato ao Conselho Municipal de Saúde, ocupando a posição de conselheiro titular. Fiquei atônito com a notícia e perguntei a ela se estava falando a sério, ao que ela confirmou que sim. Ela explicou que ainda haveria o momento da eleição, mas já havia

articulado com outras instituições, e seus representantes concordaram que eu seria a melhor escolha para os representar.

Chegado o momento da votação, meu nome foi aprovado por unanimidade. Fiquei sem saber o que sentir; parecia tudo uma mentira naquele momento. Mais de cem pessoas me parabenizaram, mas eu não conseguia expressar nenhum sentimento. Era como se eu estivesse em estado de choque. Pensamentos tumultuavam minha mente, como se a partir daquele momento, eu tivesse uma responsabilidade com o povo de Mossoró e com o segmento das pessoas com deficiência, e essa era uma realidade incontestável.

Em agosto de 2015, iniciei o curso de Direito em uma instituição privada e comecei o curso de Libras no CAS/Mossoró. No primeiro dia de aula do curso de Libras, fui informado de que meu professor seria uma pessoa surda e que não precisava me preocupar, já que ele estava ciente de minha deficiência visual. Quando cheguei à sala, o professor se apresentou e incentivou os outros alunos a interagirem comigo. Enquanto explicava os tópicos, ele fazia os sinais em minha mão para que eu pudesse compreender as informações apresentadas. Ao final da primeira aula, eu já era capaz de soletrar meu nome completo em Libras, apresentar meu sinal pessoal e informar que morava em Mossoró. Após dois meses, eu já conseguia me comunicar de forma básica.

No dia 16 de novembro de 2015, eu e os delegados de Mossoró participamos da IV Conferência Estadual dos Direitos das Pessoas com Deficiência, que aconteceu em Natal. Chegamos a tempo para a palestra de abertura e, em seguida, fomos conduzidos ao nosso alojamento no hotel. Fiquei surpreso com o quarto em que fiquei hospedado, era incrivelmente luxuoso, parecia um sonho. Enquanto me sentava na cama, passaram pela minha mente lembranças de onde eu nasci e de como aquele momento era vivenciado.

Minha principal responsabilidade durante essa conferência era assegurar a aprovação da proposta que defendia o direito às cotas nas universidades federais. Para isso, precisei localizar em qual grupo de trabalho essa proposta estava sendo discutida. Após encontrar o grupo adequado, aguardei minha vez para discutirmos a proposição. No entanto, foi importante mencionar que, em 6 de junho daquele mesmo ano, a Lei Brasileira de Inclusão – Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei n.º 13.146/2015) havia sido sancionada. Infelizmente, o Artigo 28, que garantia esse direito, foi vetado pela então Presidenta Dilma Rousseff, e isso se tornou um ponto crucial durante a discussão da nossa proposta.

A proposta foi aprimorada pelos membros do grupo de trabalho e recebeu aprovação tanto no grupo como na plenária final. Ela se destacou como uma das propostas mais elogiadas. Faltando apenas meia hora para o encerramento da Plenária Final, a votação para a seleção dos

delegados da Conferência Nacional foi realizada. No caso dos candidatos representantes de organizações não governamentais (ONGs), havia apenas uma vaga disponível. No entanto, decidi me inscrever, uma vez que desejava ver minha proposta sendo aprovada na Conferência Nacional, mesmo que na época não tivesse compreendido completamente a importância dessa aprovação.

Um média de oito pessoas se inscreveram para preencher a vaga destinada às ONGs, e a cada candidato foi dado um tempo de três minutos para apresentar suas razões, assim como aconteceu na Conferência de Mossoró. Fui o último a ter a oportunidade de expressar as razões pelas quais desejava ser delegado. Quando chegou minha vez de falar, um membro da organização expressou: "O tempo está se esgotando e parece que o rapaz não vai ser escolhido. Vamos dar apenas um minuto para ele." Naquele momento, fiquei profundamente chateado, questionando como um evento dedicado à discussão da igualdade de direitos poderia cometer uma injustiça dessa natureza. Confesso que, naquele momento, senti uma onda de raiva e frustração.

Dos delegados que estavam aptos a votar no grupo das ONGs, aproximadamente trinta deles eram surdos, e o total de votantes era, em média, de cerca de cinquenta pessoas. Portanto, durante o tempo disponível para a minha apresentação, comuniquei minha intenção de lutar pelos direitos das pessoas com deficiência. Utilizei tanto minha voz como a linguagem de sinais (Libras) para me expressar, dizendo: "Sou uma pessoa com deficiência visual e estou comprometido em defender nossos direitos em Brasília. Peço o seu voto para que possamos unir nossas forças." Quando chegou o momento da votação, todos os delegados surdos me escolheram, juntamente com mais cinco pessoas, que resultou na minha escolha como o representante das ONGs na Conferência Nacional.

Algumas pessoas, incluindo o senhor, que duvidaram das minhas chances de ser escolhido, demonstrou descontentamento. Alguns deles chegaram a verificar minhas documentações junto à mesa da plenária, na tentativa de confirmar se eu representava de fato alguma organização não governamental, pois pareciam querer impugnar minha candidatura de alguma forma. No entanto, não conseguiram encontrar motivos para tal ação. Duas pessoas até iniciaram uma discussão sobre quem seria meu acompanhante, o que me deixou observando a cena sem compreender o motivo. Diante disso, aproximei-me da mesa da plenária e perguntei sobre a possibilidade de ter um acompanhante. A Secretária confirmou que, de fato, eu tinha esse direito e forneceu-me um formulário para preencher com os dados do meu acompanhante.

Naquele instante, um colega que é intérprete de Libras passou por mim, e eu perguntei se ele concordaria em ser meu acompanhante para auxiliar na comunicação com pessoas surdas

em Brasília. Ele aceitou e preenchemos a documentação necessária e a entregamos à Secretaria. Quando retornei ao meu lugar, os dois colegas que ainda estavam discutindo sobre quem seria meu acompanhante se aproximaram de mim e disseram: "Não conseguimos chegar a um acordo; escolha quem deseja como seu acompanhante." Naquele momento, achei a situação muito engraçada e respondi: "Eu já escolhi meu acompanhante; já preenchemos os formulários e os entregamos à Secretaria." Os senhores demonstraram enorme frustração.

Da delegação de Mossoró, fui o único selecionado como Delegado Nacional. Alguns me parabenizaram, enquanto outros pareciam desapontados por não terem sido escolhidos como meu acompanhante. No entanto, achei mais sensato ter um intérprete de Libras como meu acompanhante na Conferência Nacional, pois também desejava trocar experiências com a comunidade surda de todo o país durante o evento em Brasília. Assim, em 26 de abril de 2016, parti para Brasília e participei da IV Conferência Nacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Nos dias 27 e 28 de abril, discutimos as propostas do meu novo estado, e fiquei muito satisfeito ao ver que minha proposta, elaborada em Mossoró e aprimorada em Natal, foi aprovada como uma das principais questões em pauta.

Em 27 de dezembro de 2016, desfrutava de minhas férias na residência de meu pai em São Vicente/SP quando recebi um telefonema de um órgão localizado em Brasília. Ao questionar o motivo da ligação, a interlocutora me aconselhou a ficar atento às notícias nos jornais no dia seguinte e, além disso, fez questão de elogiar minhas contribuições na Conferência Nacional das Pessoas com Deficiência. Agradei a gentileza e, sem mais delongas, a ligação foi encerrada. Confesso que a achei peculiar e até comentei essa estranheza com meu pai na ocasião.

No dia subsequente, por volta das 13h, enquanto assistia ao noticiário na televisão, deparei-me com uma reportagem na qual o Presidente da República assinava a Lei n.º 13.409/2016, a qual garantia o direito de cotas para pessoas com deficiência em instituições e universidades federais. Nesse instante, as lágrimas começaram a escorrer, e eu exclamava em voz alta: "Vale a pena lutar pelos nossos direitos, mesmo diante de tantos obstáculos. Muito obrigado, Senhor!"

Esse acontecimento fortaleceu ainda mais minha determinação em defender os direitos das pessoas com deficiência e apreciar o trabalho de uma associação. Sou profundamente grato por ter feito parte da Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró, uma experiência da qual extraí valiosos ensinamentos e vivências enriquecedoras. Levo comigo, ao longo de toda a minha vida, o conhecimento e a sabedoria adquiridos por meio das interações com os membros

desta associação. Como representante da ADVIM, tive o privilégio de participar de diversas conferências, das quais mencionarei a seguir, em ordem decrescente.

A 16ª Conferência Nacional de Saúde (2019); 9ª Conferência Estadual de Saúde do Rio Grande do Norte (2019); 8ª Conferência Municipal de Saúde de Mossoró (2019); 1ª Conferência Estadual de Saúde da Mulher (2017); 1ª Conferência Regional de Saúde da Mulher (2017); 1ª Conferência Municipal de Vigilância em Saúde (2017); 4ª Conferência Nacional de Direitos das Pessoas com Deficiência. (2016); IV Conferência Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2015); III Conferência Municipal de Juventude de Mossoró (2015); 7ª Conferência Municipal de Saúde de Mossoró/RN (2015); IX Conferência Municipal de Assistência Social (2015); I Conferência Municipal de Direitos Humanos (2015); II Conferência Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2015).

2.3 Você deságua em mim e eu oceano: a UERN

Poder expor e ressaltar a importância da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) no reaprender a viver em minha vida, se perpassa nas dores que esta instituição me causou e o como utilizei dessas dores para me fortalecer e renascer das cinzas. Algumas vezes fatos ocorridos na UERN me levaram a quase morte psicológica, mas, com o meu desejo de vencer, a fé em Deus, minha determinação e convicção, me fizeram ressurgir mais forte como a história da mitologia da ave fênix. Não abordarei o que me quase levou a morte psicológica, mas, enfatizarei nos ensinamentos e no reaprender que ela me proporcionou e o quanto tudo vivido, me ajudou a me motivar a ser um pesquisador em tecnologias assistivas e nos direitos das pessoas com deficiência.

A frase que denomina o título desse tópico, “Você deságua em mim e eu oceano” vem abordar o quanto a UERN tem a desaguar conhecimentos. Seja por meio de seu espaço arquitetônico, por seus servidores, por seus colaboradores terceirizados, pelas empresas existentes em seu entorno, pelos alunos e as instituições que atuam em parcerias. Eu como um oceano ainda a ser desbravado, tenho a oportunidade de guardar e construir em mim, saberes que me tornam um sujeito multiplicador de conhecimentos, saberes e práticas.

Desse modo, o que será apresentado são os pontos positivos da UERN em sua atuação na promoção do apoio e suporte as pessoas com deficiência. As tecnologias assistivas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem no ensino superior e as minhas experiências e formações que realizei em conjunto com a Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN). A DAIN atua na UERN com o foco de promover o apoio especializado aos alunos com

deficiência, com a finalidade de promover a autonomia, as condições necessárias para o graduando estudar. Além de utilizar de todo arcabouço das tecnologias assistivas disponíveis por meio de sua equipe de profissionais e recursos tecnológicos⁹.

Em minha visão como mestrando e em outro momento como graduando da UERN, observo que a DAIN tem permitido uma renovação por meio de suas ações. Um espaço de inclusão e acessibilidade em todos os aspectos, seja na acessibilidade arquitetônica ou até mesmo nas conscientizações que fluem para a construção da acessibilidade atitudinal. Andar pela UERN, Campus Central, é saber que a todo o momento os espaços devem estar acessíveis, sem obstáculos para nenhuma pessoa. E isso só foi e é possível pelos trabalhos desempenhados pela equipe da DAIN e, porque uma guerreira chamada Ana Lúcia Oliveira Aguiar, a Diretora da DAIN, anda por toda a UERN desaguando e exalando o aroma da inclusão e da acessibilidade.

A primeira vez que estive na UERN Campus Central, foi em fevereiro de 2014 para fazer um vestibular, fatos marcantes aconteceram naquele dia, mas, em especial, para demonstrar o início de uma construção de inclusão em um ambiente que ainda aprendia sobre inclusão, foi observar a Professora Ana Lúcia Aguiar pegar uma cadeira que obstruía uma passagem e dizer: “Imagine se um cadeirante passa por aqui, teria dificuldades, precisamos deixar os espaços sem obstáculos”. Isso ela falou para os servidores e alunos presentes, e ela disse sem medo e com uma segurança de que aquilo não era mais para acontecer.

Ao me conduzir a sala onde eu iria realizar a prova, ainda houve uma parte de nosso caminhar que tinha uma mangueira na passagem e ela disse: “Isso não pode acontecer!”. Eu ainda não conhecia a Professora Ana Lúcia Aguiar como conheço hoje, mas, ao observar as suas atitudes, acabei por ter admiração. O que a Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar promovia era uma transformação e renovação de pensamentos, ela levava aos demais a pensar nas diversas possibilidades que cada atitude poderia ocasionar. Posso denominar essa ação da Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar como uma Tecnologia Assistiva Atitudinal (TAA)¹⁰, onde as atitudes dela levam as demais pessoas a pensar de forma inclusiva e includente, com fins de tornar o ambiente acessível.

No campo científico ainda não existe esse termo “Tecnologia Assistiva Atitudinal”, por isso, descreverei ela sendo ações e práticas que visem trabalhar comportamentos, discussões, interações interpessoais e intrapessoais com fins de levar a informação acerca das barreiras existentes que implicam na autonomia de pessoas com deficiência. A Tecnologia Assistiva

⁹ <<https://www.uern.br/site/dain/default.asp?item=dain-equipamentos>>

¹⁰ Termo que desenvolvi em observâncias das atitudes da Professora Dr.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar.

Atitudinal consegue transformar ambientes, por meio dela, quando aplicada gradualmente, os espaços onde havia diversas barreiras, aos poucos, se tornam acessibilidade.

As pessoas que promovem a ação da Tecnologia Assistiva Atitudinal têm a capacidade de inspirar indivíduos, uma vez que despertam em seus entornos sentimentos de empatia e consideração pela diversidade. A empatia vai além de se colocar no lugar de outra pessoa; ela implica compreender o próximo em sua singularidade, respeitando sua cultura e seus costumes. Ignorar essa singularidade pode levar a uma imposição de vontades. Por outro lado, a alteridade nos lembra que não estamos sozinhos neste mundo, e somos quem somos graças à presença de outras pessoas. Portanto, cada indivíduo é importante e merece respeito por sua singularidade.

Como acompanhei parte desse progresso da Professora Ana Lúcia Aguiar na UERN, as atuações dela nessa busca por uma acessibilidade nos corredores das faculdades só tomou corpo em 2017. Antes a Professora Ana sempre tinha que enviar memorandos para cada faculdade, fazer trabalhos informativos, realizar eventos que trouxessem essa questão da acessibilidade e barreiras, porém, comecei a observar que depois de 2017, alunos, professores e servidores começaram a ter também essa preocupação. Era até engraçado ouvir os alunos, professores e servidores ao encontrarem uma cadeira, mesa ou mangueira em obstrução de uma passagem, eu sempre ouvia: “Se Ana vê isso, com certeza vai chamar a atenção!”

Os fatos que vivenciei demonstraram que, quando minha conduta é inclusiva, minhas ações e atitudes falam por mim, mesmo na minha ausência. A Professora Ana Lúcia Aguiar, em colaboração com a DAIN, deixa um impacto tão significativo no ambiente da UERN que é natural associar inclusão a essa pessoa e a esse órgão. Isso deixou uma marca profunda em minha formação intelectual, evidenciando que quando minhas ações comunicam mais do que minhas palavras, sou capaz de promover transformações.

Ao observar que estava para entrar em vigor a Lei Brasileira de Inclusão – Estatuto da Pessoa com deficiência, a Professora Ana Lúcia Aguiar, por volta do mês de maio de 2015, convidou diversas instituições que atuam nas garantias dos direitos das pessoas com deficiência para iniciar uma discussão da lei a ser implementada. Por ter ciência de meu interesse de aprender mais sobre os meus direitos, ela convidou a mim e a instituição a qual eu pertencia, para então participar das rodas de estudos sobre a Lei Brasileira de Inclusão – Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Essas rodas de conversa compreenderam vinte e três encontros, que foram subdivididos em quatro fases distintas, além de incluir reuniões itinerantes. Antes do primeiro encontro oficial, que ocorreu em 4 de agosto de 2015, houve algumas reuniões preliminares, sendo a DAIN a primeira instituição a estudar a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) antes mesmo de sua

sanção. O último encontro teve lugar em 11 de novembro de 2017. Durante esse período, participei de dezesseis desses encontros, nos quais adquiri valiosos conhecimentos e enriqueci minha bagagem de saberes. Considero essa busca por conhecimento uma forma de tecnologia assistiva.

Em todos os encontros que ocorreram na UERN e nas demais instituições parceiras, costumava me deslocar de bicicleta. No entanto, houve um encontro especial que exigiu um esforço considerável. No dia 23 de março de 2016, o evento aconteceu à tarde no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - IFRN - Campus Mossoró, e o clima estava extremamente quente. Em um determinado momento, não consegui mais pedalar devido à sede intensa. Eu estava nas proximidades da UFERSA e nunca tinha visitado o IFRN antes. Por isso, decidi descer da bicicleta e seguir a pé até o IFRN. Quando cheguei, eram mais de 15h, eu mal conseguia falar devido ao esforço.

Lembro-me de alguém me dizendo: "Thiago, quando estiver assim, você não precisa vir." Em meus pensamentos, respondi: "Apenas Deus sabe as dificuldades que enfrentei e ainda estou enfrentando devido à falta de inclusão. Preciso me esforçar, pois quero alcançar o sucesso." No entanto, agradei à pessoa, fui ao banheiro para trocar de camisa e me sentei. Embora a reunião tenha durado menos de quinze minutos, eu estava presente e sabia o quão importante era aquele momento. Talvez, se eu não tivesse me sacrificado tanto, não estaria onde estou hoje. Ou talvez teria seguido por outros caminhos. No entanto, considero que todas essas experiências foram valiosas e relevantes para o meu crescimento.

Diante de todas as buscas por conhecimento, compreendo que o processo de desenvolvimento da autonomia da pessoa com deficiência parte dela mesma. Reconhecendo que a vida apresentará inúmeros desafios, é imperativo que cada indivíduo com deficiência, inclusive eu, esteja ciente de que a luta é uma parte inerente da existência. Apesar de muitas vezes sermos vistos pela sociedade como incapazes, não podemos nos enxergar dessa forma; é essencial batalhar e perseguir nossos sonhos, mesmo quando outros duvidam de nosso sucesso.

Quando ingressei no curso de Direito na Universidade Potiguar (UNP) em agosto de 2015, após ter realizado o ENEM em 2015 e me inscrito no SISU, experimentei uma mistura de emoções. Em 18 de janeiro de 2016, recebi a notícia de minha aprovação no curso de Filosofia na UERN. Embora tenha derramado lágrimas de alegria, optei por não compartilhar essa conquista em minhas redes sociais. Eu desejava passar pelo processo da junta médica, vivenciar as experiências de como era enfrentar essa avaliação e, finalmente, testemunhar minha aceitação em uma instituição de ensino superior pública.

Assim, submeti-me à avaliação da junta multiprofissional e, em agosto de 2016, dei início ao meu primeiro período em Filosofia. No meu primeiro dia de aula, por volta de 8 de agosto de 2016, fiquei impressionado quando o Professor Zuben entrou na sala e perguntou se havia um aluno chamado Thiago. Levantei a mão, e ele se aproximou, dizendo: "O departamento me informou sobre sua deficiência, e também me disseram que você é bastante autônomo. Como você gostaria que suas atividades fossem conduzidas?". Fiquei surpreso com a atitude do Professor, uma vez que em minha instituição anterior eu era o responsável por comunicar minha deficiência e como deveriam lidar com ela. Ele já possuía um relatório sobre mim desde o primeiro período.

A ação do professor e do Departamento da Faculdade de Filosofia foi resultado do trabalho realizado pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN). Eu considerei essa ação maravilhosa, uma vez que proporciona aos alunos a oportunidade de inclusão desde o início dos semestres, além de permitir o desenvolvimento conjunto de metodologias entre alunos e professores. Embora tenha pago por um semestre, minha meta naquele momento era cursar Direito, e acabei desistindo no segundo período.

A metodologia implementada pela DAIN envolve a apresentação de um relatório a cada Faculdade do Campus, destacando as pessoas com deficiência matriculadas em cada curso. O envio de memorandos com orientações sobre as melhores práticas para lidar com estudantes com deficiência demonstra o comprometimento da instituição em relação aos alunos, eliminando assim desgastes tanto para os alunos quanto para os professores. Essa ação deve servir como exemplo para todas as escolas, institutos e universidades.

Durante meu tempo na UERN, tive a oportunidade de participar de três eventos significativos: o II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade - Uma Questão de Efetivação de Direitos, o III Seminário Potiguar: Educação, Diversidade, Acessibilidade e Direitos e um evento que uniu três em um: o III Encontro Regional de Narrativas Autobiográficas (ERNAB), o IV Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade – Diálogos e Práticas de Inclusão, e o Seminário Nacional de Pesquisas (Auto)Biográficas e Histórias de Vida (SENAPAHV). Nestes eventos, tive a oportunidade de escrever artigos, participar de oficinas e discussões, e todos os artigos que produzi foram publicados.

Outro momento significativo que experimentei durante minha trajetória na UERN foi o minicurso promovido pela DAIN em 10 de maio de 2019. Eu ministrei esse minicurso ao lado de um amigo que considero um exemplo de vida, Geraldo Mendes Flório. Durante o minicurso, na minha parte da apresentação, abordei as tecnologias assistivas que eu utilizo para

garantir minha autonomia na educação. Também discutimos diversas metodologias que os professores podem empregar ao ensinar alunos cegos e com baixa visão, além de explicar os diferentes níveis de deficiência visual existentes.

No que se refere às ferramentas que utilizo, mencionei aplicativos de smartphone, tais como leitores de tela, leitores de textos em documentos, scanners de texto e um apl

icativo de videochamada chamado "*Be My Eye's*". Para os professores, destacamos a importância de incorporar a audiodescrição, tanto para alunos cegos quanto para aqueles com baixa visão, enfatizando que esse procedimento deve ser realizado com sensibilidade, a fim de não constranger o aluno.

Também enfatizamos que não é necessário que o aluno sempre se sente na primeira fileira; ao invés disso, é importante perguntar ao aluno qual é o melhor local para ele. Abordamos a necessidade de garantir que as avaliações sejam justas e sigam os mesmos critérios, evitando que o aluno sinta que, por ter deficiência visual, tudo deve ser mais fácil. Em vez disso, ele deve se sentir desafiado. O ponto mais relevante é questionar o aluno sobre como ele deseja que sua prova seja elaborada, e, sempre que possível, incentivá-lo a experimentar diferentes formatos de avaliação para adquirir novas experiências e, assim, identificar a metodologia que melhor se adapta às suas necessidades.

Destacamos que cada aluno possui sua singularidade, e não é possível aplicar a mesma metodologia de maneira uniforme a todos. Em vez disso, é essencial analisar a abordagem mais adequada para atender às necessidades educacionais específicas de cada pessoa. Para esclarecer aos participantes do minicurso, explicamos que todas as pessoas com deficiência apresentam necessidades especiais, no entanto, nem todas as pessoas com necessidades especiais possuem deficiências. Portanto, é imprescindível realizar uma investigação mais aprofundada para compreender as dificuldades e desafios no processo de aprendizagem.

Destaquei ainda mais, que o professor nunca deve apontar para o quadro durante uma explicação e simplesmente afirmar: "Como está escrito aqui" ou "Como está escrito ali". Esses termos, sem uma explicação substancial, minam a compreensão do conteúdo por parte das pessoas com deficiência visual. Quando o professor está transmitindo o conteúdo, a pessoa com deficiência visual começa a construir um mapa mental.

É como se estivessem montando cuidadosamente um castelo de dominós. No entanto, quando o professor utiliza expressões como "aqui, ali, acolá, isso", a construção dos dominós desaba no mesmo instante, deixando a mente da pessoa repleta de dúvidas: "O que isso significa? O que é aquilo? O que exatamente é 'isso'?" Isso explica, em grande parte, o baixo desempenho de muitos alunos com deficiência visual na escola. Nesse contexto específico, a

dificuldade e o desafio residem na abordagem didática do professor, e não nas capacidades do aluno.

Foto 5 – Minicurso sobre Tecnologias Assistivas



Fonte: Arquivo Pessoal de Thiago Fernando de Queiroz (2019).

Acredito que se a maioria dos professores do ensino regular, técnico e do nível superior tivesse conhecimento dessas informações, muitos dos desafios e problemas de aprendizagem enfrentados por alunos com deficiência visual poderiam ser minimizados. No entanto, como eu e Geraldo mencionamos, há situações em que alunos com deficiência visual também enfrentam outros distúrbios ou transtornos que afetam sua aprendizagem. Portanto, é essencial analisar cada caso individualmente.

Além disso, discutimos que muitos dos obstáculos na educação de pessoas com deficiência visual surgem de atitudes capacitistas. Essas atitudes começam nas famílias, permeiam a sociedade e levam a pessoa com deficiência a duvidar de suas próprias capacidades, o que é conhecido como autocapacitismo.

Ao término do minicurso, estavam presentes na sala a Professora Ana Lúcia Aguiar, Geraldo Flório, sua esposa Eliane Cota, a psicopedagoga Carla e meu amigo Samuel, juntamente comigo. Na ocasião, manifestei minha satisfação pela bem-sucedida realização do minicurso e enfatizei como as informações compartilhadas poderiam contribuir para a educação de pessoas com deficiência visual. Esse evento me inspirou a ministrar outros minicursos e oficinas, e em posterior, a conduzir formações para professores em diversos municípios do Rio Grande do Norte e em outros estados.

Outra experiência notável que vivenciei na UERN, por iniciativa da DAIN, foi a formação em audiodescrição destinada a professores interessados em atuar como leitores no ENEM. Dada minha própria vivência como pessoa com deficiência visual e tendo realizado o ENEM em quatro ocasiões, apresentei a esses quinze professores uma abordagem viável para a audiodescrição de imagens e vídeos. No contexto das imagens presentes nas provas do ENEM, expliquei aos professores que eles desempenhavam o papel dos olhos das pessoas com deficiência visual e, portanto, enfatizei a importância de transmitir apenas os detalhes essenciais de forma clara e objetiva.

Quando o professor detalha muito uma informação na audiodescrição, perde-se um tempo, e com isso, o aluno com deficiência visual terá menos tempo de responder as demais perguntas. Disse mais ainda que a audiodescrição tem uma técnica básica para descrever, primeiro informar como é o fundo da imagem, depois seguir a ordem da descrição de cima para baixo, da esquerda para a direita. Para facilitar a compreensão, eu tirei uma foto minha de corpo inteiro e demonstrei como era feito uma audiodescrição rápida e sem perder muito tempo.

A audiodescrição da imagem seguiu na seguinte ordem: imagem com o fundo de uma sala de aula, contendo um quadro e as paredes da cor branca, um homem de pele clara centralizado na foto, cabelos longos e olhos castanhos escuros. No cabelo existe um mexa branca na franja, usa óculos de grau forte da cor azul-escuro, usa um cavanhaque, está com camisa social de manga longa da cor azul-claro com listras brancas, calça jeans azul-escuro e sapato da cor preta. O homem aparenta ter um metro e setenta e quatro de altura e pesa em média oitenta quilos.

Ao fazer essa audiodescrição uma Professora pergunta: “Como eu vou saber a altura e peso de pessoas na imagem?” Eu disse a ela não ser obrigado a dizer a altura e peso, apenas dizer os detalhes principais da imagem. O que necessita de fato é que a imagem seja construída na mente da pessoa com deficiência visual, para que ela possa entender a informação. Fizemos alguns testes e foi muito proveitoso. Um professor pergunta: “Em vídeos, como fazemos a audiodescrição?” Eu então informei, apenas falar os detalhes principais, pois, como em parte de vídeos e filmes, existem as falas dos atores, com uma audiodescrição com muitos detalhes, ficará difícil estar atento a audiodescrição e as falas no vídeo. Dessa forma, assistimos alguns vídeos com audiodescrição para melhorar a compreensão, e isso foi muito enriquecedor.

Em busca de novos conhecimentos e visando avançar em meus estudos, em agosto de 2019, iniciei uma disciplina especial do Mestrado em Educação pelo POSEDUC, como aluno em caráter especial, na disciplina “Memória, Formação e Pesquisa (Auto) Biográfica”,

ofertado pela Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar. Em 2020, participei dos editais do POSEDUC para cursar mais duas disciplinas especiais, sendo elas “Tópicos Especiais em Práticas Educativas I: Imagem e Pesquisa em Educação I” e “Tópicos Especiais em Práticas Educativas II: Imagem e Pesquisa em Educação II”, ambas ofertadas pelo Professor Dr. Hélio Júnior Rocha de Lima.

Nesse meio tempo, fiz três especializações, MBA em Gestão Pública, Atendimento Educacional Especializado – AEE e Direito Constitucional. Conforme eu me aprofundava em meus estudos, mais agregava conhecimentos de metodologias viáveis para a educação de pessoas com deficiência. Em 2021, participei de um edital para uma disciplina especial pelo POSEDUC para a disciplina “Políticas Públicas da Educação”. Ofertado pela Professora Dra Maria Edgleuma de Andrade, que me proporcionou ter um novo olhar de como se fundamenta a educação em nosso país, em principal, como são gerenciados os orçamentos da educação em cada ente federado.

No dia 23 de julho de 2021, o POSEDUC lançou o Edital n.º 08/2021 que tratava de vagas para alunos regulares no Mestrado em Educação. Vi aquela oportunidade como um sonho, eu tinha que dar o meu melhor e foi isso que fiz. Lembro de ter lido o edital umas três vezes, analisei todos os anexos que eram necessários, e, havia um peso enorme em mim para fazer tudo o mais correto possível. Desta forma, iniciei a escrita do projeto, separei todos os documentos, fiz o scanner de todos os documentos, e, no dia 21 de setembro de 2021, enviei meu projeto e os documentos para o e-mail do POSEDUC.

Em minhas memórias, tenho a lembrança de ter colocado todas as informações e documentos no e-mail para o POSEDUC. Eu estava com o dedo no *mouse*, para apenas dar o clique e enviar, porém, antes de apertar, orei a Deus, pedi que ele estivesse em todo o processo, me dessa sabedoria e tocasse no coração dos professores que eu havia escolhido, após essa breve oração, cliquei no enviar.

No dia 29 de outubro de 2021, mediante ao Edital n.º 14/2021, sai a minha aprovação para a defesa de meu projeto, ao qual, a defesa ocorreu no dia 03 de novembro das 2021 às 16:30h com a Professora Ana Lúcia Aguiar e o Professor Hélio Júnior Lima. O momento da defesa foi muito riquíssimo para mim, a todo momento eu estava emocionado, passavam muitos fragmentos de minhas vivências, tinha momentos em que falava e surgia a vontade de chorar, porém, consegui defender o projeto. O Professor Hélio Júnior até questionou: “Thiago, tu conheces os autores que uso, seu projeto está a cara de Ana”. Disse estar disponível a modificar o projeto caso ele me aceitasse. A Professora Ana Aguiar estava muito centrada, e,

o foco de suas falas foi: “Você tem disponibilidade?”, e “Você vai dar o seu melhor?”, para as duas perguntas eu disse “sim”.

No dia 17 de dezembro de 2021, por volta das 17:45h, estava a caminho da minha casa, por ter trabalhado o dia todo no CADV, na época estava como Diretor da Instituição, e, recebo a ligação de uma amiga. Na hora que atendi, ela foi logo a dizer: “Parabéns mais novo mestrando do POSEDUC”. Quando ela disse isso, parei, minha amiga falava no telefone e eu não conseguia ter reação, até que eu disse: “Não acredito! ”, ela disse: “Pode acreditar sim senhor! ”. Naquele momento as lágrimas escorriam por meus olhos, e, de onde eu estava até minha casa era em média de um quilômetro e meio, e fui todo esse caminho em choros de emoção.

Ao chegar em casa, procurei o edital com os resultados e fiquei surpreso ao descobrir que eu havia ficado em nono lugar. Essa surpresa se deve ao fato de que eu não me inscrevi para a vaga destinada a pessoas com deficiência. Embora eu tivesse o direito de fazê-lo, optei por me inscrever na categoria de ampla concorrência, uma vez que o meu projeto abordava a autonomia proporcionada pelas tecnologias assistivas a pessoas com deficiência visual.

Lutei muito para poder ter minha autonomia, em principal em meus trabalhos e estudos, e gostaria de expor isso em meu projeto de mestrado. Por isso minha decisão de ter me inscrito para a ampla concorrência. Meu objetivo pessoal é demonstrar que nós pessoas com deficiência visual podemos executar uma meta e um trabalho, todavia, é necessário garantir as condições necessárias por meio das tecnologias assistivas, para que por meio delas, a autonomia e a verdadeira inclusão aconteçam.

Sou a prova viva de que ao obter os saberes e as práticas das tecnologias assistivas, a autonomia é possível. A única dificuldade nessa questão, é a aceitação das pessoas, pois, observo um espanto misturado com indagações pelo fato de eu ter essa autonomia, isso porque a maioria das pessoas acham que estou a enganá-las, muitas desconfiam se realmente tenho a deficiência visual. Essas situações antes me davam revolta, hoje tenho a compreensão de que obtenho mais saberes e práticas em tecnologias assistivas, e com isso, as barreiras que são visíveis a sociedade, por meio das tecnologias assistivas, estão virando acessibilidade para mim.

Com o intuito de passar em um concurso público, optei em realizar mais uma nova graduação para ter mais oportunidades. Dessa forma, por fazer o ENEM em 2021, me inscrevi para pleitear a vaga do curso de licenciatura em Pedagogia na UERN, e, no dia 22 de fevereiro de 2022, saiu o resultado com a aprovação. Com isso, iniciei o ano cursando o Mestrado em Educação e a graduação em Pedagogia. Pelas bases de estudos que adquiri ao longo do tempo,

estava tranquilo conciliar o mestrado com a graduação. Até que por motivos de me preparar para os concursos públicos que haveriam em 2023, tranquei o curso de Pedagogia na UERN e iniciei a graduação em Pedagogia em uma instituição que ofertava o curso online.

E como eu disse no início deste tópico, a UERN me causou muitas dores, mas, também me trouxe enormes alegrias. Ela desaguou em mim experiências e eu me tornei um oceano de conhecimentos. Com esses conhecimentos, tenho agregado saberes que me auxiliam a cada dia ter mais sabedoria para o meu reaprender a viver por meio dos saberes e práticas em tecnologias assistivas que aprendi a aprender, no conviver e no fazer, no chão da UERN Campus Central no município de Mossoró.

2.4 O que eu fiz com o que você me fez lá: O CADV

O meu encontro com o Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV) ocorre quando conheço e chego a ADVVM em julho de 2014, pois, as duas instituições funcionam no mesmo prédio. Em alguns momentos, eu confundia o que era o CADV e o que era a ADVVM, visto a história das duas instituições estarem entrelaçadas e até então, naquela época, não havia um entendimento prévio do que seria o CADV.

O Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV) é um centro especializado no apoio pedagógico de alunos com deficiência visual e é uma instituição ligada a Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Mossoró. No CADV por meio de seus professores, são ofertadas as atividades do ensino do Sistema Braille, do Soroban, Orientação e Mobilidade, Informática Acessível, Atividade da Vida Diária e apoio de profissionais leitores. Todos esses serviços permitem que alunos com deficiência visual da rede pública municipal e da rede estadual possam aprimorar seus conhecimentos com fins de promover sua autonomia no processo de ensino e aprendizagem. Por meio também das aprendizagens e contatos com os professores do CADV foi que obtive conhecimentos que me auxiliaram em minha construção da autonomia.

Meu contato direto com o CADV começa de fato em março de 2015, quando inicio meus estudos do Sistema Braille com a Professora Eliane Maria Dias e a Professora Jaciara Pereira Maia de Souza. Essas duas professoras, na época, já tinham mais de vinte anos de experiência com a educação de pessoas com deficiência visual. As professoras demonstraram ter metodologias diferentes no ensino do Sistema Braille e de algum modo, ao ter aulas com as duas professoras, em dois meses eu já estava escrevendo textos e cartas em braille.

Aprender o Sistema Braille me proporcionou autonomia sem eu perceber, pude ter essa ciência quando fui para uma reunião em Natal. Para chegar à sala de reuniões, era necessário ir para o oitavo andar de um prédio, e como não havia ninguém comigo e eu ainda não usava a bengala, me senti desconfortável em pedi ajuda, mas, quando fui tatear meus dedos nos botões do elevador, observei ter os números em braille. Quando senti os pontos três, quatro, cinco e seis e em seguida os pontos um, dois e cinco, identifiquei na hora, é o oitavo andar. Ao chegar à sala da reunião estava maravilhado com o que havia acontecido, eu havia utilizado o braille e ele foi acessível para mim e me propôs autonomia.

Ao buscar conhecer mais a matemática para as pessoas com deficiência visual e os recursos que podem ser utilizados nessa disciplina, tive aulas com o Professor Antônio Nobre de Araújo e o Professor Francisco Wandervan Freitas dos Reis. Com esses professores aprendi a usar o soroban, conhecer o ábaco, a calculadora com voz e os demais recursos visuais que podem auxiliar na aprendizagem da matemática para pessoas com deficiência visual. De todos os recursos apresentados pelos professores citados, o que me deu mais vontade de aprender foi o soroban, tive um interesse enorme de aprender a fazer as quatro operações da matemática, e só obtive essa oportunidade como diretor em dezembro de 2021, com uma formação ministrada pelo Professor Antônio Nobre.

Como perdia minha visão, a Professora Jaciara Maia disse ser pertinente eu começar a treinar meus ouvidos, pois, com o tempo, eu não teria mais a visão e eu teria que realizar minhas provas na universidade e em concursos por meio do auxílio do profissional leitor. Confesso ter sido muito difícil usar essa metodologia, por eu ter ainda um resquício visual e costumar colocar os textos e livros bem próximos aos olhos para tentar ler, entretanto, por colocar papel próximo aos meus olhos, era costumeiro eu lacrimejar e ficar com os olhos vermelhos.

Com a orientação da Professora Jaciara Maia, busquei o apoio da Professora Virginia Maria de Sousa Carvalho e da Professora Vera Lúcia Soares Filgueira Martins. As professoras começaram a fazer leituras de diversos tipos de textos, em principal, usavam provas do ENEM e de concursos, bem como liam livros de meu interesse. Nas primeiras semanas eu não conseguia absorver nada em minha mente dos conteúdos lidos pelas professoras, em momentos eu ficava até com raiva de mim. Lembro de ter relatado isso com alguns alunos no momento de um intervalo, contudo, eles me disseram que como eu aprendia absorver o assunto por meio da leitura de um leitor, isso era normal.

Para conseguir absorver um assunto por meio da leitura com o auxílio de um leitor, levei cerca de três a quatro meses, sendo esse o desafio mais significativo que enfrentei ao

aprender essa técnica. Minhas professoras demonstraram grande paciência durante esse processo. No entanto, à medida que comecei a aplicar essa abordagem em avaliações, concursos, no ENEM e em minhas atividades acadêmicas, o uso de um ledor tornou-se indispensável.

Em abril de 2015 tive uma aula de Orientação e Mobilidade com o Professor e Diretor do CADV da época, João Zacarias Neto. Ele demonstrou as técnicas do uso da bengala e de como eu deveria me locomover como pessoa com baixa visão e demonstrou como uma pessoa cega deve se orientar. O Professor Zacarias em seus relatos disse que muitas pessoas com baixa visão tinham vergonha de usar a bengala, e confesso, eu era uma dessas pessoas e disse isso a ele. O Professor Zacarias disse que a bengala apenas é uma extensão do corpo e auxilia na locomoção, assim como as pessoas videntes utilizam os olhos, as pessoas com deficiência visual utilizam ou devem utilizar a bengala.

Após sofrer muitas pancadas e me machucar bastante, somente em janeiro de 2017 começo a utilizar a bengala, e foi de uma forma inesperada. Fui a Curitiba, no estado do Paraná, rever um amigo que conheci na Conferência Nacional das Pessoas com Deficiência em Brasília. O nome desse amigo é Luiz Vanderlei Rodrigues, ele tem diversas formaturas e especializações, ele e sua esposa Paula Zanon são pessoas cegas, quando estávamos para ir passear no Shopping, no centro de Curitiba, ele me perguntou onde estava minha bengala?

Quando Luiz me perguntou isso, respondi não usar bengala, ele revoltado disse: “Como pode um cego andar sem bengala, tu é doido é?”. Me espantei com a revolta dele e sem hesitar, ele colocou a mão no meu peito e entrou em no quarto de sua casa, em dois minutos ele saiu com uma bengala na mão e disse: “A partir de hoje você vai andar com essa bengala, podem dizer que tu é baixa visão, mas, ando com você há um dia, piá, tu é cego e cego anda com bengala”. Quando saiu da casa dele com a bengala, eu pude sentir um libertar, um caminhar seguro, e foi tão maravilhoso que para mim não iria fazer mais diferença o que as pessoas iriam falar ou pensar. Só em poder ter a liberdade de andar sem me machucar, era ótimo, dessa forma, agradei muito a Luiz Vanderlei Rodrigues e sua esposa Paula Zanon..

Posso afirmar que todas essas experiências de aprendizagens vivenciadas com os professores do CADV me possibilitaram muitos saberes e práticas que podem ser utilizadas para a educação de pessoas com deficiência visual. Com o tempo, comecei a desenvolver minhas próprias técnicas de estudos e em cada atendimento com os professores, eu os indagava como deveria ser a metodologia mais viável, qual recurso deveria ser utilizado e eu apresentava as tecnologias assistivas que eu usava. Lembro-me ainda mais do período posterior ao curso de Técnico em Logística, quando realizei uma pesquisa para o meu trabalho de conclusão de

curso. Nesse estudo, explorei métodos que promoveriam a autonomia e uma logística mais eficaz no aprendizado de alunos com deficiência visual. Apresentei minhas descobertas a cada um dos professores. Como resultado, fui convidado a demonstrar esses recursos durante uma formação destinada aos professores da Educação Especial do município de Mossoró, que ocorreu na Escola de Artes.

Essa formação ocorreu em 21 de julho de 2015, coincidindo com o aniversário do meu pai. Para o minicurso, convidei meus colegas de pesquisa, Tales Joabe e Lúcia Souza. Durante a apresentação, compartilhamos os resultados de nossa pesquisa com os professores do município, recebendo elogios calorosos. Vale ressaltar que a Diretora da Divisão de Educação Especial (DIEESP) demonstrou grande entusiasmo diante da nossa exposição do projeto.

Foto 6 – Formação aos Professores da Educação Especial de Mossoró



Fonte: Arquivo Pessoal de Thiago Fernando de Queiroz (2019).

Após essa apresentação na Escola de Artes, observo que os professores do CADV começaram a ter um respeito por meus estudos e pesquisas, e, comecei a ser visto como um pesquisador, isso me motivou demais a continuar em meus estudos. Entretanto, eu tinha a ciência de que para eu ser considerado um pesquisador, seriam necessários muitos anos de pesquisas, e decidi me esforçar para me tornar um verdadeiro pesquisador.

De 2015 a 2018, o CADV viu a chegada de novos professores, incluindo o Professor Francisco Edson de França Bezerra, a Professora Lúcia de Fátima Tôres Câmara Alves e a Professora Tadjá Andressa Severiano. Durante esse período, o ex-Diretor João Zacarias Neto se aposentou, deixando a posição de direção para a Professora Vera Lopes, que ocupou o cargo

por menos de três meses. Em seguida, a Professora Eliane Dias assumiu a Direção e permaneceu no cargo até o final de 2018. Em maio de 2019, a Professora Benilza Gomes assumiu o cargo de diretora, e eu assumi a mesma posição em fevereiro de 2021.

Através das minhas experiências e conhecimentos adquiridos nos diálogos com professores e alunos do CADV, consegui aprimorar minhas pesquisas ao ponto de alcançar reconhecimento em diversos eventos, incluindo o Referendo Microfone Braille realizado em 1º de dezembro de 2018.

Nesse evento, fui honrado com uma placa em reconhecimento às minhas contribuições na área da inclusão de pessoas com deficiência. O Referendo Microfone Braille é promovido pelo radialista Domingos Sávio e pelo Instituto de Cegos Antônio Pessoa de Queiroz, localizado na cidade de Recife, Pernambuco, e homenageia pessoas com deficiência que se destacam no Brasil.

Foto 7 – Entrega da Placa no Referendo Microfone Braille



Fonte: Arquivo Pessoal de Thiago Fernando de Queiroz (2018)

No dia em que recebi esta placa, uma enxurrada de memórias repletas de desafios e batalhas inundou minha mente. Eu não acreditava que merecia tamanho reconhecimento. Na época, eu estava imerso nos meus estudos, com o objetivo fervoroso de contribuir de alguma forma para combater o preconceito e a discriminação enfrentados pelas pessoas com deficiência. Após o evento, tive a oportunidade de conversar com Domingos Sávio e questionei se realmente merecia tal honra. A resposta dele foi impactante: "Me diga se você conhece alguém no Brasil, com deficiência visual, que tenha mais de dez artigos publicados, tenha

contribuído em obras literárias e pesquisado os direitos das pessoas com deficiência, enquanto também demonstra uma notável autonomia, determinação e paixão?"

Após ouvir isso, fiquei em silêncio por cerca de dois minutos, buscando em minhas memórias alguém que eu pudesse mencionar. Foi nesse momento que respondi: "Na cidade de Natal, temos Fernando Gaburi, que é cego, concursado e professor na UERN." Domingos mencionou que já tinha ouvido falar dele, mas acrescentou: "Seu nome está se tornando conhecido em todo o Brasil. Membros do CONADE te conhecem e até o citaram em reuniões. Seu esforço é o que levou a esse reconhecimento, portanto, aceite-o com gratidão." Nesse instante, me senti envergonhado e pedi desculpas, dizendo: "Perdoe-me, não estou sendo ingrato. Pelo contrário, sinto-me muito honrado. É apenas que sinto que fiz muito pouco." Domingos Sávio então respondeu: "Se todas as pessoas que fizessem 'quase nada' fossem como você, nosso Brasil seria um país muito mais inclusivo."

Ao retornar de Recife, onde recebi a Placa do evento Referendo Microfone Braille, por volta do dia 2 de dezembro de 2018, recebi uma ligação de uma vereadora da cidade de Baraúna, no Rio Grande do Norte. Ela me perguntou: "Você é o Thiago Queiroz?" Confirmei que sim, e ela continuou: "Temos conhecimento dos seus auxílios e apoios à cidade de Baraúna, em relação aos direitos das pessoas com deficiência. Com grande honra, venho informar que no dia 16 de dezembro, iremos conceder a você o título de Cidadão Baraunense." Naquele momento, fiquei paralisado, sem reação, incapaz de acreditar no que estava ouvindo. Ela me parabenizou e disse que um carro me buscaria no dia da entrega do título.

Em 16 de dezembro de 2018, no local e horário acordados, um carro veio me buscar. Fiquei surpreso ao descobrir que a Professora Ana Lúcia Aguiar também receberia o título de Cidadã Baraunense. Senti-me extremamente lisonjeado, pois a Professora Ana realmente merecia essa honra, devido ao seu trabalho incansável na promoção da inclusão, não apenas no estado do Rio Grande do Norte, mas em todo o Brasil.

O que posso destacar desse momento é a imensa emoção que experimentei ao ser reconhecido como cidadão de Baraúna. No entanto, percebi que não estava me tornando apenas um cidadão de Baraúna; a partir daquele momento, eu era, de fato, também um potiguar. Antes, eu costumava dizer que nasci em Santos e era filho de pais potiguares, mas agora, não é mais necessário afirmar que apenas o meu sangue é potiguar, porque, na verdade, agora eu sou um potiguar. Essa conexão com a terra e a comunidade é algo que valorizo profundamente. Estou verdadeiramente agradecido por fazer parte deste lugar que agora posso chamar de lar, e estou ansioso para cultivar ainda mais esses laços e contribuir para o crescimento e a harmonia desse estado que tanto estimo.

Foto 8 – Título de Cidadão Braunense entregue pela Vereadora Graça

Fonte: Arquivo Pessoal de Thiago Fernando de Queiroz (2018).

Com o objetivo de promover uma maior inclusão de pessoas com deficiência visual na sociedade, em meados de maio de 2019, procurei o Centro de Apoio aos Deficientes Visuais (CADV) e a Associação de Deficientes Visuais de Mossoró (ADVM). Solicitei uma reunião com a Diretora do CADV e alguns membros da diretoria da ADVM para discutir uma questão. Na ocasião, expus o resultado de minhas conversas com pessoas que trabalham em estabelecimentos comerciais, como o Shopping e bares de Mossoró. Perguntei a eles se tinham clientes com deficiência visual, e a resposta foi surpreendente: eu era o único cliente com deficiência visual que frequentava esses locais. Ao compartilhar essa informação com Benilza, João Ferreira e Francisco Moraes, todos confirmaram a veracidade desse fato.

Então sugeri a ideia de procurar um restaurante acessível e organizar um almoço exclusivo para pessoas com deficiência visual. João Ferreira mostrou entusiasmo com a proposta e se comprometeu a apoiar e motivar os membros da ADVM, bem como a conversar com alguns alunos do CADV. Assumi a responsabilidade de encontrar pelo menos dois lugares agradáveis para apresentar.

Duas semanas depois, retornei ao CADV para comunicar que havia encontrado dois locais agradáveis e acessíveis. Um deles estava próximo ao Centro de Mossoró e era conveniente para todos, enquanto o outro estava localizado em no Shopping. Conversamos com alunos do CADV e membros da ADVM e agendamos o almoço para o dia 23 de maio de 2019.

No dia e horário marcados, dezoito pessoas se reuniram: catorze com cegueira e quatro com baixa visão. Antes da chegada dos convidados, cheguei mais cedo ao restaurante e ajudei a organizar as mesas. Falei com a equipe do restaurante e pedi que proporcionassem a todos um ambiente natural, sem tratamento especial, para que todos tivessem a experiência genuína de almoçar em um restaurante. Por volta do meio-dia, todos estavam presentes.

Foto 9 – Pessoas com deficiência visual no Restaurante



Fonte: Arquivo Pessoal de Thiago Fernando de Queiroz (2019).

Era evidente a alegria dos alunos, e algumas histórias me tocaram profundamente. Uma delas foi compartilhada por uma aluna do CADV, que na época tinha cerca de cinquenta anos. Ela emocionada afirmou: "A última vez que saí sozinha sem minha família, eu ainda era solteira, acredito que tenham se passado uns vinte e cinco anos. Está sendo uma experiência emocionante para mim." Um membro da ADVm e aluno do CADV, que na época tinha quarenta anos, expressou: "Nunca fui a um restaurante como este antes; deveríamos fazer isso mais vezes. Estou feliz por ter sido tão bem recebido." E a outra história que me marcou foi compartilhada por uma jovem de quase trinta anos: "Sozinha, eu não teria tido coragem de visitar esses lugares, mas estou realmente apreciando. Podemos marcar para o próximo mês?"

Fiquei maravilhado com aquele momento. Em parceria com o CADV e a ADVm, promovemos uma experiência inovadora. A partir daquele instante, observamos alguns dos alunos a começarem a explorar a cidade de Mossoró por conta própria, o que se revelou como a maior recompensa possível. Esses momentos podem ser classificados como exemplos de

tecnologia assistiva, já que se baseiam em uma metodologia que permite que os indivíduos experimentem, em sua realidade, os aspectos da vida cotidiana e da cultura regional.

Ao promover esses conhecimentos e práticas, conseguimos romper com os paradigmas arraigados de que uma pessoa com deficiência visual só pode sair acompanhada por uma pessoa vidente. Após esse período, não consegui visitar o CADV durante o restante daquele ano, pois estava ocupado trabalhando como assessor de um parlamentar e finalizando minha graduação em Direito.

No dia 27 de novembro de 2019, defendi meu Trabalho de Conclusão do Curso de Direito. Ao concluir o curso, fui recebido com grande alegria por meus amigos e professores no CADV. João Ferreira expressou o quanto esse momento foi significativo em sua vida, ao ver uma pessoa com deficiência visual completar um curso de nível superior. Para ele, parecia a realização de um sonho. A defesa do TCC foi emocionante, e o tema que abordei foi "Convenções Internacionais com caráter de emenda à Constituição: a ampliação dos direitos da pessoa com deficiência e sua aplicabilidade no ordenamento jurídico brasileiro".

No início de fevereiro de 2021, em meio à pandemia da Covid-19, recebi um convite da Secretaria de Educação de Mossoró para assumir a posição de Diretor do CADV. Naquele momento, respondi à pessoa que me ligou, pedindo três dias para analisar a proposta. Dediquei dois dias a considerar os aspectos positivos e negativos de assumir a liderança do CADV. Os aspectos positivos, do meu ponto de vista, incluíam a oportunidade de reorganizar o CADV, estabelecer parcerias com outros municípios, prestar assistência aos professores em um momento desafiador e adquirir conhecimento por meio dessa nova experiência.

Por outro lado, os pontos negativos me deixaram apreensivo. Tendo sido um ex-aluno do CADV, estava ciente de que poderia haver uma certa resistência à mudança por parte da equipe e que o ambiente de trabalho poderia ser desafiador. Além disso, o salário oferecido era baixo, e o CADV, até aquele momento, ainda não possuía personalidade jurídica, dependendo da Secretaria de Educação para obter recursos, o que resultava em atrasos na execução de alguns projetos.

No dia 5 de fevereiro de 2021, decidi aceitar a responsabilidade de dirigir o CADV, e a portaria foi emitida em 9 de fevereiro. Minha primeira ação como diretor foi revisar toda a documentação, desde a fundação da instituição até a data atual. Nas duas primeiras semanas, eu chegava ao CADV às 7h da manhã e só saía por volta das 21h, demonstrando um compromisso total com o objetivo de compreender a realidade da instituição. Fiquei surpreso por não encontrar nenhum documento que definisse claramente a identidade e a finalidade do CADV.

Um aspecto que me chamou a atenção foi a presença de equipamentos valiosos, como a Impressora Braille, regletes, sorobans e outros recursos adaptáveis. Simultaneamente, iniciei esforços para estabelecer parcerias com instituições especializadas na educação de pessoas com deficiência visual, a fim de proporcionar um ensino de alta qualidade para nossos alunos. Ao perceber que tínhamos três Impressoras Braille sem uso, senti um profundo pesar. Dediquei quatro dias, das 7h da manhã às 20h, para compreender o funcionamento dessas impressoras e suas configurações.

Imprimi alguns textos e percebi que a formatação dos pontos em Braille na folha não estava adequada. Isso me levou a pesquisar até encontrar a formatação correta. Uma vez que consegui ajustar a formatação para impressão, mergulhei em um estudo mais aprofundado sobre as possibilidades do Braille Fácil. Enquanto explorava os recursos disponíveis, surgiu a ideia de imprimir desenhos e mapas em alto-relevo. Decidi criar um mapa do Brasil e, ao completar a impressão, a emoção tomou conta de mim.

Segurando a folha em minhas mãos, lágrimas de felicidade brotaram dos meus olhos. Enquanto caminhava pela sala da direção, repetia para mim mesmo: "Nossos alunos poderão agora explorar o mundo com as pontas dos dedos." Após cerca de vinte minutos de intensa emoção, comecei a me sentir um pouco mal devido à intensidade do momento. Deitei-me no chão, pensando: "Preciso me levantar e continuar a criar coisas novas." Após alguns minutos, reuni forças e criei um desenho da Torre Eiffel, um símbolo do meu sonho de estudar na França, mesmo que fosse por apenas alguns meses. A impressão do desenho da Torre Eiffel ficou incrível.

Entusiasmado com as possibilidades, liguei para João Ferreira e compartilhei a notícia de que havia conseguido imprimir desenhos na Impressora Braille. Perguntei quando ele estaria disponível para visitar o CADV, e ele informou que estaria lá no dia seguinte, por volta de abril de 2021. Quando João Ferreira chegou, de imediato o apresentei aos desenhos. Ele se acomodou em uma cadeira, e entreguei-lhe primeiro o desenho do mapa do Brasil. Ele comentou: "Já tive uma noção de como era o mapa do Brasil na escola, quando uma professora o fez com barbante, permitindo-me sentir as formas. No entanto, esta impressão está perfeita, e esse recurso certamente será valioso para nossos alunos." Minhas emoções transbordaram de alegria ao ouvir essas palavras.

Quando entreguei o desenho da Torre Eiffel a João Ferreira, ele passou cerca de cinco minutos estudando o desenho. Ele mexeu no papel, demonstrando curiosidade e, finalmente, disse: "Nunca imaginei que fosse assim. Dizem que ela tem um elevador e que sua base é dividida em quatro partes. Muito interessante." Nesse momento, mostrei a ele a localização

dos elevadores e expliquei que no topo havia uma pequena sala de observação para apreciar a cidade de Paris.

A partir desse ponto, comecei a preparar materiais em braille para professores e alunos. Realizamos mais de quinze sessões de formação com professores da cidade e do estado, estabelecemos parcerias com oito municípios e, o mais gratificante de tudo, nossos alunos tiveram um progresso notável, mesmo durante as aulas remotas. Isso foi muito significativo, demonstrando o quanto podemos evoluir diante das adversidades.

Na minha perspectiva, desempenhei um papel importante na gestão do CADV. No entanto, após ser aprovado no Mestrado em Educação e ingressar em uma nova graduação em Pedagogia em 18 de abril de 2022, pedi exoneração à Secretaria de Educação de Mossoró. Agradeço profundamente pelo conhecimento que a equipe do CADV me proporcionou, pelos relacionamentos com pais e alunos. Tudo foi uma experiência maravilhosa. Na verdade, o que fiz no CADV foi o resultado do que você me fez lá. Hoje, sabemos que o CADV não é apenas o CADV, pois inclui o Núcleo de Apoio Pedagógico e Produção Braille (NAPPB).

Podemos compreender que o Centro de Apoio ao Deficiente Visual de Mossoró é uma instituição ligada à Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Mossoró. Ele desempenha um papel importante na prestação de apoio especializado a estudantes com deficiência visual em várias áreas. O Núcleo de Apoio Pedagógico e Produção Braille (NAPPB) é composto por quatro núcleos: Núcleo de Produção Braille, Núcleo de Apoio Didático-Pedagógico, Núcleo de Tecnologias e Núcleo de Convivência.

O que fiz no CADV foi lutar por um mundo mais inclusivo, e hoje sou grato por todas as lições, aprendizados, amizades e experiências compartilhadas que me ajudaram a me tornar quem sou. Os prêmios e reconhecimentos que recebi são méritos divididos com todos que contribuíram para o meu crescimento, especialmente aos professores do CADV. Obrigado a todos vocês por me ajudarem a alcançar o sucesso que tanto almejo, gratidão eternas.

CAPÍTULO 3. APRENDENDO A SER COM AS VIVÊNCIAS DE QUEM VIVE AS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

Conquistamos direitos, leis foram criadas, só faltam elas serem aplicadas, não podemos parar, voltar a exclusão e a achar o que foi feito está muito bom. Tenho deficiência, mas, sou eficiente, precisamos apenas de acessibilidade. (Thiago Fernando de Queiroz, Mossoró/RN, 2014).

Este Capítulo tem como título **Aprendendo a ser com as vivências de quem vive as tecnologias assistivas**, e abordará as narrativas de três pessoas com deficiência visual que utilizaram e utilizam das tecnologias assistivas em seus estudos e em sua vida, com vistas a promover a autonomia em suas andanças como sujeitos atuantes na sociedade. A principal característica entre essas três pessoas é o fato de já terem estudado na UERN e serem pessoas com deficiência visual que usam as tecnologias assistivas de forma assídua e com autonomia.

Serão apresentados reflexos da vida desses sujeitos, uma pessoa com cegueira adquirida, uma pessoa com cegueira congênita e uma pessoa com baixa visão congênita, com fins a apresentar a importância das tecnologias assistivas para cada um deles, como foi o período em seus estudos; bem como narrar aspectos da vida cotidiana que vem demonstrar o reaprender a viver por meio dos saberes e práticas do uso das tecnologias assistivas, conforme a realidade de cada sujeito.

As falas dessas pessoas não visam comprovar o sucesso do uso das tecnologias assistivas pelas pessoas com deficiência visual, mas, demonstrar que uma pessoa com deficiência visual, mesmo a existirem diversas barreiras como pedras no meio do caminho, por meio das tecnologias assistivas, elas conseguem ter seu protagonismo social, em principal, em seus trabalhos, estudos e nas atividades do cotidiano.

Em primeiro momento, entre os dias 20 a 22 de novembro de 2022, foi aplicado um questionário de forma remota onde se visou obter análises da vida de cada um dos sujeitos. Após, houve diversas conversas por meio de ligações telefônicas e conversas por um aplicativo de mensagem para extrair informações de como foi o processo do reaprender da vida. Para a construção do último tópico desse capítulo, foi realizado no dia 03 de março de 2023 uma

reunião de forma remota pelo *Google Meet* com todos os sujeitos, para discutimos e verificarmos quais as melhores metodologias e recursos de tecnologias assistivas são mais viáveis para o ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência visual.

Cada narrativa a ser apresentada, demonstrará uma realidade e uma deficiência visual distinta, bem como irá relatar como esses sujeitos adquiriram seus saberes e práticas das tecnologias assistivas. Dos sujeitos da pesquisa, um tem cegueira adquirida, um tem cegueira congênita, um nasceu com baixa visão e ficou cego do olho esquerdo na fase adulta; já o autor desta dissertação perpassou ao longo de sua vida, da baixa visão leve para a cegueira legal. Ao conhecer as experiências desses sujeitos, poderá se ter a noção de como cada um deles obteve sua autonomia ao decorrer da vida e como foi o desafio no processo educacional.

3.1 Marca de Três Décadas de Encontros com a Inclusão

Abordar a experiências do reaprender a viver por meio dos saberes e práticas em tecnologias assistivas de Marlos Luiz Bezerra Fernandes, é conhecer uma história de três décadas de luta e determinação, marcado para tornar sua vida e a de outras pessoas com deficiência visual do município de Mossoró e do estado do Rio Grande do Norte, um caminho de transformações, evoluções e oportunidades. Por meio de sua garra e espírito inovador, ajudou a instituir em 1989 a Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró – ADVDM, instituição essa que luta e reivindica os direitos das pessoas com deficiência visual até os dias atuais.

Marlos Fernandes nasceu no dia 26 de setembro de 1965, na cidade de Mossoró/RN, ele tem cegueira total, adquirida em um acidente de carro ocorrido no dia 13 de agosto de 1983, por volta das 2h da madrugada de um sábado. Na época do acidente, Marlos Fernandes tinha dezessete anos e onze meses, e por ser bem jovem, isso causou enormes mudanças em sua vida. Sua perda da visão foi quase que total, ele ainda conseguiu ter uma recuperação prévia de cinco por cento da visão pelo viés de quatro cirurgias, porém, com o tempo, a visão foi aos poucos a regredir.

Relata Marlos Fernandes, que no período de sua perda visual não se falava em inclusão, nem mesmo no que conhecemos hoje como tecnologias assistivas. Nessa época, a educação seguia um modelo de “integralização”, onde as pessoas com deficiência tinham que se adaptar aos processos educativos, e não a sociedade se adaptar às necessidades educativas das pessoas com deficiência. O processo de reabilitação não era tão oportunizado em sua cidade, sendo

necessário buscar saberes em outras cidades e estados, para assim obter a oportunidade de sonhar em continuar sua graduação e se inserir no mercado de trabalho.

Foto 10 – Foto de Marlos Luiz Bezerra Fernandes



Fonte: Arquivo Pessoal de Marlos Luiz Bezerra Fernandes (2022).

Marlos Fernandes explica que somente a partir do final do ano de 1987, começou a ter um serviço especializado em Mossoró para pessoas com deficiência visual, por meio da criação do Centro de Reabilitação e Educação dos Deficientes Visuais – CREDEV. Antes só havia serviços de habilitação e reabilitação em Natal, no Instituto de cegos.

Marlos Fernandes havia passado em um vestibular para a graduação de Direito na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na época do acidente ele estava no segundo período; e, por não existir nenhum suporte pedagógico para dar continuidade em seus estudos, ele precisou trancar o curso, e isso lhe causou muita tristeza.

Passados cinco anos do trancamento do curso na universidade, Marlos reiniciou sua graduação em Direito, visto nesse período de cinco anos ter passado por diversos processos de reabilitação. Em meio a todas essas dificuldades vivenciadas, Marlos Fernandes visou obter autonomia, pois não queria ficar dependente das pessoas, mas, das dificuldades vivenciadas, ele conseguiu obter saberes e práticas que ajudaram a transformar sua vida e a de outras pessoas.

Pela questão da deficiência visual adquirida, Marlos Fernandes vivenciou e sofreu muitos preconceitos, ele até fala ao preencher o questionário que “estamos em um modelo de sociedade preconceituosa, principalmente por nossa sociedade achar que a pessoa cega é inválida, a sociedade enxergava a pessoa cega como não capaz de estudar, casar e trabalhar”.

Outro fato que caracteriza e evidencia o preconceito da época é que, de certa forma, ainda hoje existem pessoas com tais atitudes. Em um dia específico durante os anos 90, ele adentrou uma loja no Centro de Mossoró. Enquanto se dirigia ao balcão com sua bengala, um homem perguntou se ele gostaria de receber esmolas, "algumas moedas". Marlos comentou que, para muitas pessoas, "a cegueira leva a uma visão de invalidez devido à falta de informação".

Marlos Fernandes apenas exercia seu direito de ir e vir, de comprar ou adquirir o que quisesse, porém, essa visão de que as pessoas com deficiência visual são impossibilitadas de responder por suas atitudes, ainda impera em nossa sociedade. Por ser de uma cidade do interior, Marlos apresenta seu entendimento da época que “se uma pessoa cega escrevesse em uma máquina braille, assinasse seu nome e andasse só, isso era motivo de espanto e admiração, tudo era novo, não havia ninguém que fizesse isso, já nas capitais era diferente, por haver diversas instituições de habilitação e reabilitação”. Ele entende que essa visão capacitista aos poucos está diminuindo, ainda mais por ter muitas pessoas com deficiência visual a ocupar espaços que em sua época não eram ocupados, como em salas de aulas comuns, nas universidades, no mercado de trabalho, no setor público e privado, e até mesmo na política.

Pode-se dizer, sem medo, que Marlos Fernandes foi um dos precursores no desbravar e preparar um caminho inclusivo na inclusão de pessoas com deficiência visual em Mossoró. Por sua busca por direitos e um anseio por se inserir novamente na graduação, Marlos foi aos poucos a conquistar apoio de pessoas para criar em 1989 a tão sonhada associação, que iria garantir e reivindicar os direitos das pessoas com deficiência visual em Mossoró.

Portanto, nessa luta por tentar mudar a sua história e a de outras pessoas com deficiência visual, em conjunto com João Ferreira de Oliveira Neto, pessoa com cegueira total adquirida por um glaucoma em sua adolescência e do Professor João Ananias Neto, fundaram a Associação dos Deficientes Visuais - ADVM no dia 19 de julho de 1989. Além do mais, pelos trabalhos e lutas de Marlos Fernandes, na atualidade existe o que se conhece como o Centro de Apoio ao Deficiente Visual – CADV, Centro esse que promove o apoio especializado a alunos com deficiência visual do ensino regular, bem como promove a habilitação e reabilitação desses sujeitos.

Vale ressaltar que o CADV, em sua forma atual, teve sua origem no Centro de Reabilitação e Educação dos Deficientes Visuais, também conhecido como CREDEV. Este centro foi estabelecido em 13 de dezembro de 1987 pelo Governo do Estado do Rio Grande do Norte e passou por uma significativa transformação em 24 de novembro de 1994. Nessa data, por meio da Portaria n.º 573/94 - SEC/GS, o CREDEV obteve autorização do Conselho Estadual de Educação para operar como uma escola especializada voltada para alunos do 1º ao 4º ano do ensino fundamental, com foco exclusivo em estudantes com deficiência visual. Foi nesse ponto que o CREDEV passou a ser oficialmente conhecido como Escola Louis Braille.

Em 1997, a Escola Louis Braille foi integrada à rede municipal de ensino de Mossoró. Em 28 de junho de 2002, por meio do Decreto n.º 2.104/2002, a Prefeitura de Mossoró criou o CADV, extinguindo a Escola Municipal Louis Braille. Em 24 de setembro de 2003, estabeleceu-se o Núcleo de Apoio Pedagógico e Produção Braille – NAPPB, que continua operando até hoje, ocupando uma sala no CADV. Marlos Fernandes desempenhou um papel fundamental na implementação do NAPPB no CADV. Seu empenho visava proporcionar um suporte mais substancial ao CADV por meio dos recursos concedidos pelo Governo Federal, como impressoras em braille, equipamentos para a produção de livros em braille, mesas e outros recursos pedagógicos.

Em 1988, Marlos Fernandes ingressou na UERN para dar continuidade ao seu curso de Bacharel em Direito. Com a experiência adquirida no uso de tecnologias assistivas, ele sentiu-se mais confiante em retornar à UERN. Para proporcionar maior autonomia em seus estudos, Marlos usou um gravador de som para registrar as aulas e, em posterior, ouvi-las em casa, transcrevendo as informações essenciais em braille. Alguns professores demonstraram desconforto com a gravação das aulas por Marlos Fernandes, no entanto, visto que esse era o único recurso que poderia garantir sua autonomia, permitiram o uso do gravador.

Em certas ocasiões na sala de aula, alguns professores e colegas afirmavam que Marlos podia enxergar. Entretanto, ele argumenta que "essa atitude nada mais é do que uma negação, é de alguma forma presumir que uma pessoa com deficiência visual não tem condições de estar naquele lugar". Marlos ainda acrescenta que "não é produtivo confrontar essas pessoas de forma agressiva; ao contrário, precisamos estabelecer laços, fortalecer a interação social e, com o tempo, permitir que as pessoas compreendam melhor nossa realidade". Ele também enfatiza: "não adianta responder com rudeza a atitudes preconceituosas; é importante adaptar-se e, diante dessas situações, não se tornar uma pessoa desagradável, mas sim aprender a conviver em sociedade".

Para realizar as atividades escritas, Marlos utilizava uma máquina de escrever portátil em braille comprada na Inglaterra, pois no Brasil ainda não produziam a máquina de escrever em braile. Ele já dominava a escrita e leitura em alto-relevo por meio do Sistema Braille, esse recurso era de suma importância para a sua autonomia na. No início não havia pessoas que transcrevessem o texto em braille para a escrita cursiva, o que ocasionou alguns contratempores na Universidade. Marlos Fernandes informa que “Não havia contrapartida da Universidade, pois o modelo vigente da época era o da integração”, o apoio pedagógico que ele tinha era do trabalho da Professora itinerante Eliane Maria Dias do Centro de Reabilitação e Educação dos Deficientes Visuais – CREDEV.

É preciso enfatizar que Marlos Fernandes nunca buscou facilidades ou obter vantagens em detrimento a sua condição de pessoa com deficiência visual, ao contrário, ele buscava sua autonomia nos estudos, e, esses suportes e apoios eram o meio pelo qual seria possível concluir o curso em uma época onde não se havia os recursos tecnológicos que existe na atualidade. Ao fazer uma breve análise da luta dele por um ensino inclusivo dentro da UERN, é provável que ele seja um dos precursores dos motivos da DAIN existir.

Quando se fala em tecnologias assistivas e a sua importância, Marlos Fernandes diz que “as tecnologias assistivas fez com que nós, pessoas com deficiência visual, nos sentíssemos como cidadãos”, isso porque por meio delas as pessoas com deficiência visual podem atuar nos diversos setores da sociedade. Marlos explica que na atualidade, por conta da inovação tecnológica, em principal, os computadores e *smartphones*, facilita muito a vida da pessoa com deficiência visual, seja ela cega ou com baixa visão severa.

Marlos Fernandes enfatiza a importância dos leitores de tela em computadores e *smartphones* ao afirmar que "o mundo é predominantemente visual, e os leitores de tela conseguem de forma considerável reduzir essas barreiras. Embora não eliminem todas as dificuldades, proporcionam uma compreensão do que está sendo apresentado na tela". Para superar completamente essas barreiras, seria apropriado que os softwares de leitores de tela fossem capazes de fornecer audiodescrição para imagens, mas, uma vez que isso ainda não é uma realidade, permanecem algumas limitações no uso desses leitores de tela.

Marlos Fernandes faz uma breve reflexão ao dizer que seus estudos no período da graduação seriam diferentes se já existissem computadores e *smartphones* com leitores de tela. Na época em que cursava Direito, estudava através de livros em braille e por meio do gravador de som, além do apoio dos colegas de sala e amigos que faziam o papel de leitores. Ele ainda diz que carregar esses livros em braille era um pouco difícil e “a leitura era sofrida”, tendo em

vista que depois de um determinado tempo de leituras em livro com texto em braille a mão começava a suar e isso poderia danificar o livro.

Logo após concluir sua graduação em Direito em 1992, ele adquiriu um computador e instalou o software DOSVOX. Em pouco tempo, ele se tornou proficiente no uso do DOSVOX, produzindo documentos como requerimentos e ofícios para atender às necessidades da Escola Louis Braille e da ADVIM. Além disso, compartilhou o conhecimento adquirido com os sócios e estudantes dessas duas instituições. Em uma breve fala reflexiva, Marlos Fernandes destacou que "sem as tecnologias assistivas, a vida das pessoas com deficiência seria ociosa. Imaginem estar em uma sala de aula sem recursos acessíveis; estaríamos apenas ocupando espaço, sem a capacidade de participar ativamente". Nessa narrativa de Marlos, fica evidente a importância das tecnologias assistivas e o quanto elas possibilitam a plena participação das pessoas com deficiência visual em sociedade.

Como já havia terminado sua graduação, ele tentou se inserir no mercado de trabalho, onde chegou a advogar em sociedade com um colega da Universidade entre os anos de 1993 e 1996, mas, ao observar a realidade da época, achou por bem ser mais viável estudar para concursos. Assim, começou a elaborar uma meta de estudos, e, para cumprir, buscou todos os caminhos necessários para obter êxito em seu objetivo. Portanto, desde 1993 ele começa a estudar para concursos, e, para auxiliar em seus estudos, pediu livros de direito e de concursos em braille para a Fundação Dorina Nowill e o Instituto Benjamin Constant - IBC.

A Fundação Dorina Nowill e o Instituto Benjamin Constant oferecem livros em braille gratuitamente para pessoas com deficiência visual. Além disso, disponibilizavam fitas K7 com versões em áudio dos livros, recursos pedagógicos e, para fins de entretenimento, forneciam fitas de vídeo com audiodescrição de filmes da época.

Após uma persistência de doze anos em participar de concursos, em 2005, ele finalmente obteve sucesso ao conquistar uma vaga no cargo de Técnico no Ministério Público do Estado do Rio Grande do Norte - MPRN, sendo designado para sua cidade natal, o município de Mossoró. Ao longo de todo esse período, ele demonstrou uma determinação incansável, enfrentando desafios como um verdadeiro pioneiro e guerreiro, continuando a perseguir seus objetivos até que foi nomeado em um concurso. Vale ressaltar que, nos primeiros concursos que prestou, as bancas examinadoras não forneciam leitores, e quando forneciam, os profissionais designados careciam de experiência. Em alguns casos, não lhe davam sequer a oportunidade de ele fazer a prova.

Foram necessárias muitas ações judiciais para que os concursos em Mossoró e no estado do Rio Grande do Norte atendessem as garantias mínimas de condições. Marlos reforça

ter sido muito desgastante todas essas lutas, como ele mesmo expõe, “foi preciso garimpar o caminho e ir preparando a estrada em busca de condições viáveis, pois, não havia esses recursos, em certas ocasiões, eu quem ensinei e demonstrei como deve ser aplicado uma prova a uma pessoa com deficiência visual”, isso para aplicadores dos concursos que atuavam como ledores.

Marlos Fernandes ao analisar toda a sua luta para estudar e obter o êxito no concurso público falou como se estivesse passando um filme em sua mente: “Sabe Thiago, hoje as coisas estão mais fáceis, antigamente para se conseguir recursos didáticos acessíveis e livros de direito não era fácil. Quando eu fazia um pedido de livro, às vezes demorava mais de um mês para chegar, hoje em um clique, temos tudo o que procuramos”. Nesse momento de reflexão, ele para um pouco de falar, pensa uns cinco segundos e continua a dizer: “Cada época existe uma dificuldade, entendo isso, mas, foi uma batalha enorme chegar até onde cheguei”.

Nesse exato momento eu interfeiri e disse concordar com as falas dele, de fato ele foi um desbravador e abriu muitos caminhos para quem veio depois dele. Eu, como pessoa com deficiência visual, agradeço muito o tudo o que ele fez, pois, de alguma forma, tive a oportunidade de conhecer o CADV, o NAPPB e a ADVVM por meio dos esforços de Marlos, e, por muito tempo, mesmo quando ainda não o conhecia, ele já era fonte de inspiração para mim.

Posso pontuar os motivos de minha inspiração, em primeiro lugar, por ser uma pessoa com deficiência visual que não se acomodou em meio as condições, em segundo; buscou se reabilitar, terceiro; continuou seus estudos; quarto, visou transformar sua vida e a vida de outras pessoas ao instituir a ADVVM, Escola Louis Braille, CADV e o NAPPB; quinto, teve metas para mudar de vida ao estudar para concursos; sexto, deu espaço para outras pessoas continuarem o que ele ajudou a criar; e, sétimo, constituiu uma família, com esposa e filhos.

Antes de conhecer a existência e a história de Marlos Fernandes, eu era uma pessoa com deficiência visual em busca de inspiração. Foi em 2014 que encontrei esse admirável ser humano, que se tornou uma verdadeira fonte de motivação para mim. Antes, eu buscava inspiração em histórias fictícias de livros e vídeos na internet. No entanto, conhecer a história de Marlos trouxe uma dimensão real à minha busca por inspiração.

Em meio às dificuldades da vida, Marlos se tornou um exemplo concreto de superação. Em momentos de desânimo, quando as lágrimas teimavam em surgir, eu pensava em sua incrível jornada e na forma como ele venceu obstáculos aparentemente intransponíveis. Essas reflexões me impulsionavam a enxugar as lágrimas e a voltar para o meu computador, determinado a continuar estudando.

A história de Marlos Fernandes me ensinou que eu também poderia superar minhas próprias barreiras. Sua resiliência e sucesso serviram como um farol, iluminando o caminho da minha jornada. A partir desse momento, eu compreendi que era minha responsabilidade lutar ainda mais para alcançar meus objetivos, inspirado pelo exemplo real de alguém que enfrentou desafios semelhantes e emergiu vitorioso.

Eu já até disse por algumas vezes a Marlos Fernandes o quanto ele é importante em minha história de vida, o quanto seu exemplo no reaprender a viver me possibilitou a ser perseverante e acreditar na dedicação, com vistas sempre em buscar a melhoria em sua vida e na vida das demais pessoas. Talvez ele não tenha a ciência real do quanto ele é importante para minha vida, meu sentimento por ele é de gratidão.

No primeiro encontro da entrevista, durante uma breve conversa, perguntei a ele se acreditava que as tecnologias assistivas haviam permitido a ele redescobrir como viver como uma pessoa com deficiência visual. Ele respondeu:

Com certeza. Dada a nossa limitação, o mundo é predominantemente visual para os cegos. De certa forma, a cegueira pode ser paralisante. No entanto, ao participar ativamente na sociedade, colaborando e contribuindo para o bem-estar social, isso transforma a realidade e a pessoa com deficiência visual se torna um cidadão. (Narrativa de Marlos Luiz Bezerra Fernandes, Mossoró, 2023).

Para ser garantido a igualdade de condições e a meritocracia, Marlos complementa: “é preciso dar e oferecer condições iguais de forma desigual para atender as desigualdades, e isso é o que chamamos de “igualdade material”, e só as tecnologias assistivas promovem e possibilitam essas condições de igualdade a pessoa com deficiência visual. Na visão de Marlos, existem muitos aplicativos para *smartphones* que auxiliam na vida cotidiana, nas atuações domésticas, porém esses aplicativos precisam ser aperfeiçoados, os existentes auxiliam bastante, mas, ainda não atendem as necessidades com exatidão.

Com essa abordagem, Marlos Fernandes destaca a importância de compreender as diferenças no processo de aprendizado entre pessoas com cegueira congênita e aquelas que adquiriram a cegueira ao longo da vida. Ele argumenta que o aprendizado desses dois grupos é distinto devido às realidades e percepções singulares que enfrentam. Marlos Fernandes enfatiza que pessoas com cegueira congênita nunca experimentaram a visão através dos olhos, e, portanto, seu entendimento do mundo se baseia através dos sentidos.

Por outro lado, aqueles que adquiriram a cegueira têm uma compreensão prévia da visão e, isso os permitem se adaptar melhor ao ambiente. Essa diferenciação no processo de aprendizado se estende ao uso de tecnologias assistivas, em relação ao uso de computadores e

smartphones. Marlos sugere que as abordagens e ferramentas usadas por esses dois grupos podem ser distintas, considerando suas experiências de vida e perspectivas únicas.

No âmbito de sua atuação no Ministério Público, Marlos enfrenta poucas dificuldades, realizando suas atribuições com notável naturalidade, o que lhe proporciona grande satisfação. Entretanto, para criar um ambiente de trabalho mais favorável, o Ministério Público do Rio Grande do Norte, em Mossoró, teve que providenciar a aquisição do *software* leitor de tela "Jaws" e implementar ajustes para tornar o local de trabalho mais acessível. Marlos Fernandes compartilha que, na época em que começou suas atividades, o apoio dado pelo MPRN foi de suma importância, fazendo uma enorme diferença.

De maneira autônoma, Marlos Fernandes é capaz de redigir documentos no *Microsoft Word* e executar tarefas em todos os programas do *Microsoft Office*. Além disso, ele utiliza seu e-mail institucional e consegue operar todas as ferramentas instaladas em seu computador de trabalho. Em sua rotina, no computador pessoal, ele costuma navegar na internet por meio dos navegadores instalados, com frequência utiliza redes sociais e assiste vídeos no *YouTube*. No seu *smartphone*, que utiliza um sistema *Android*, ele possui diversos aplicativos que utiliza com autonomia, incluindo aqueles relacionados a seus bancos e cartões de crédito, *Facebook*, *Instagram* e o aplicativo *@Voice*, entre outros não mencionados aqui.

Uma questão de relevância abordada por Marlos Fernandes durante a aplicação do questionário diz respeito à abordagem da velhice para pessoas com deficiência visual. Ele destacou: "Como está sendo pensada a velhice da pessoa com deficiência visual? Estou me aproximando da velhice, enquanto você, Thiago, ainda está distante. No entanto, para mim, essa é uma realidade iminente". Quando ele trouxe essa questão, fiquei refletindo e percebi que nunca havia ouvido ou lido a respeito desse tópico. Realizei uma pesquisa na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando palavras-chave como "velhice", "terceira idade", "deficiência visual" e "cego". Constatei que não existe nenhum trabalho de pesquisa que se dedique especificamente à velhice de pessoas com deficiência visual, sejam elas cegas congênitas ou adquiridas.

Marlos Fernandes aponta como preocupação o aspecto de que todo ser humano quer se sentir útil e produtivo, em principal no que concerne ao mercado de trabalho e demais atividades de uma vida cotidiana. Quando chega a velhice as pessoas começam a ter mobilidade reduzida, além das fragilidades que começam a aparecer no corpo pelo fato da biologia humana. Marlos Fernandes ainda reforça ao dizer que:

existem políticas públicas voltadas aos idosos sem deficiência, porém, não conheço nenhum programa voltado a pessoa cega. Acredito ser pertinente uma atuação em parceria com a Assistência Social e as entidades de pessoas com deficiência do terceiro setor”. Além disso, ele complementou “se não houver uma tecnologia assistiva voltada a essa questão, nós pessoas com deficiência visual na terceira idade ficaremos apenas em um mundo do ouvir e do falar, só isso não é o suficiente, se for assim, a nossa vida será muito restrita. (Narrativa de Marlos Luiz Bezerra Fernandes, Mossoró, 2023).

Quando Marlos Fernandes levantou essa temática, confesso ter argumentado não ter ciência de pesquisas nessa área, contudo, me espantei por não existir, e isso de fato é uma preocupação, pois, todos nós envelheceremos um dia e é natural que queiramos nos sentir úteis. Nós, pessoas com deficiência visual lutamos tanto durante a nossa vida para demonstrarmos a nós mesmos a nossa capacidade, que se não houver uma ação voltada a essa temática, é provável nos sentirmos inúteis, e confesso, esse sentimento não é bom. Marlos Fernandes até aborda em sua fala: “Graças a Deus que hoje existem as redes sociais, podemos nos comunicar com outras pessoas mesmo sem sair de nossas casas”.

Hoje, Marlos Fernandes é graduado em Direito pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN e Especialista em Educação e Direitos Humanos pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN, trabalha como Técnico do MPRN; foi Diretor da antiga Escola Municipal Louis Braille, da ADVM e do CADV. Marlos ajudou a transformar a vida das pessoas com deficiência visual em Mossoró, se não fosse por ele, a sua atitude e sua força de vontade, com certeza eu não estaria aqui em escritas dessa dissertação.

O que me entristece bastante é o fato de ele não ser tão reconhecido pela Associação dos Deficientes Visuais de Mossoró (ADVM) e pelo Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV). Marlos Fernandes era para ser sempre mencionado e lembrado, pois, foi a atitude dele que possibilitou um reerguer e uma transformação social das pessoas com deficiência visual em Mossoró e em todo RN. São três décadas de luta, e eu finalizo esse tópico em uma simples fala: “Muito obrigado por tudo Marlos Fernandes, você transformou muitas vidas, e a minha também”.

3.2 A Busca da Construção do Direito

Narrar as experiências da busca da construção do Direito e o reaprender a viver por meio dos saberes e práticas em tecnologias assistivas de João Paulo Barbosa, é compreender a história de um sujeito que nasceu com cegueira e precisou durante todo o seu processo de vida

se adequar a uma sociedade onde o mundo não é pensado para o viver com autonomia das pessoas com deficiência visual.

João Paulo Barbosa nasceu em 26 de maio de 1983, na cidade de Aracati, no estado do Ceará, cidade litorânea e tranquila onde mora até os dias atuais. Ele é uma referência para muitos de sua cidade por ser um sujeito que luta pela garantia de direitos. João Paulo não sabe abordar bem o motivo que levou a ele nascer com a deficiência visual, pois, a gestação de sua mãe foi tranquila e só foi percebida a deficiência visual em seu nascimento.

A vida de João Paulo foi baseada em um constante aprendizado no aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e no aprender a conviver como uma pessoa com deficiência visual com cegueira congênita, visto que seu construir de saberes adveio dos demais sentidos. Seu mundo não foi visual com os olhos, mas, visual com os sentidos de sua percepção do mundo e as barreiras existentes.

O seu aprender a aprender a viver não veio de um reaprendizado, ao contrário, foi em um aprendizado constante em sua vida. João Paulo nasceu com a deficiência visual, ele tem cegueira congênita, aprendeu a viver com as experiências das vidas daqueles aos quais conviviam consigo, bem como por meio de seus saberes e práticas em tecnologias assistivas. Com o construir desses saberes, ele levava e leva a outras pessoas com deficiência visual a um reaprender a conviver e a ser uma pessoa com deficiência visual, para que os mesmos tenham autonomia, e o seu ensinar por meio de sua vida, propicie um libertar na vida daqueles que vivem em um mundo apenas dos sentidos.

Para compreender o aprender e reaprender de João Paulo por meio dos saberes e práticas em tecnologias assistivas, é preciso caminhar pelas memórias da infância, da adolescência, do início de sua vida adulta e suas experiências vivenciadas na graduação de Direito na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Perpassar por todos esses momentos, propiciará o entender das tecnologias assistivas que ele desenvolveu e as que ele aprendeu a utilizar por ser uma pessoa com deficiência visual.

Com fins de abordar todos esses fragmentos das memórias de João Paulo, visei extrair essas informações na conversa realizada no primeiro encontro, assim o questionei como foi a percepção e a reação de seus pais quando descobriram que ele nasceu com a cegueira congênita. João Paulo aborda que em conversa com os seus pais, eles disseram terem se espantado, por eles nunca terem visto uma criança nascer cega.

Além de toda a preocupação de ver seu filho nascer cego, os pais de João Paulo viviam na Zona Rural de Aracati, e ter acesso à cidade não era tão fácil, o que dificultou mais ainda essa situação em procurar informações do porquê seu filho havia nascido com a cegueira. Se

hoje existem estigmas e paradigmas acerca da pessoa ser cega, imagine na década de 1980, o conhecimento não era de fácil acesso como nos dias atuais.

Mesmo em diante suas dificuldades, os pais de João Paulo procuraram os médicos da cidade, os quais, encaminharam João Paulo para ser atendido por um oftalmologista. No início deram muitos diagnósticos, como ser a causa da miopia, entre outros fatores. Depois de diversos exames, foi diagnosticado a atrofia no nervo óptico, e com esse diagnóstico, o oftalmologista informou aos pais de João Paulo que o caso dele não tem cura. Seus pais não queriam aceitar esse diagnóstico, para eles era muito triste ver seu filho tão novo sem poder ter a visão para viver nesse mundo.

Por não aceitar o diagnóstico do oftalmologista, os pais de João Paulo buscaram apoio e o levaram para Fortaleza, pois, imaginavam que os especialistas da Capital poderiam dar um diagnóstico diferente. Com essa esperança, em algumas consultas realizadas e exames feitos, o diagnóstico foi o mesmo do oftalmologista de sua cidade. Tristes, os pais de João Paulo voltaram para Aracati sem saber como lidar com essa situação. João Paulo até afirma: “A família da pessoa com deficiência visual não sabe como lidar com a pessoa com deficiência visual, até mesmo hoje como adulto, eu observo isso, a família não sabe lidar com essa situação da deficiência.”. Esse fato relatado por João Paulo, pode ser denominado do que eu chamo de capacitismo familiar.

Por João Paulo ter a cegueira, seus pais tinham um cuidado excessivo, ele tropeçar e cair era algo muito penoso, porém, o que eles não compreendiam era ser isso normal de qualquer criança. A família e vizinhos tinham um cuidado com João Paulo como se ele tivesse o corpo frágil, e isso fez com que a experiência do seu desenvolver fosse marcada por uma superproteção, que de alguma forma o aprisionou em seu intelecto por muito tempo.

Relata João Paulo que na visão de seus pais, ele não poderia estudar e nem mesmo trabalhar, ele estava fadado a uma vida de ociosidade, e para algumas pessoas, isso era uma vida boa. Na verdade, uma vida ociosa é triste, o ser humano necessita viver experiências, necessita ser desafiado, precisa em momentos cair e aprender a levantar, sonhar e sofrer decepções, brincar e realizar tarefas de casa, estudar, trabalhar e descansar, e tudo isso nada mais é que o simples e singelo ato do viver.

Foi por volta dos treze anos que seus pais descobriram a possibilidade de seu filho poder estudar e isso só seria possível no Instituto de Cegos do Ceará, que ficava localizado em Fortaleza. Contudo, seus pais não queriam deixar ele ir, visto o receio de ver seu filho morar em outra cidade sem os cuidados deles. Entretanto, João Paulo insistiu muito para poder ir estudar, ele queria ter o mesmo direito que qualquer criança e adolescente de nosso país. Os

pais de João Paulo não queriam que seu filho passasse pela dor da separação, bem como ficavam a pensar nas dificuldades que ele pudesse vivenciar ao viver no Instituto.

Como dito, as pessoas com deficiência visual para se desenvolverem como cidadãos, é preciso viver experiências, e, por muitas vezes, os pais e os familiares não oportunizam isso a seus filhos e querem que eles sejam autônomos em sua vida, sem experiências de vida, isso não é possível. O se libertar da superproteção dos pais e familiares é algo muito difícil para algumas pessoas com deficiência visual, essas atitudes em alguns casos são vistas como rebeldia, porém, nesse caso da pessoa com deficiência visual, é de fato preciso. Ele até diz: “a situação atípica, leva o desafio de compreender a situação biológica e de entender o como serão as relações sociais”.

Conta João Paulo que seu desejo de ir estudar em Fortaleza no Instituto “foi um processo de desafio por falta do conhecimento” em parte de seus pais e até mesmo dele, isso por não saber como seria sua nova rotina de vida. Mesmo assim, ele decidiu e ir em busca do seu direito de estudar. Em sua ida para Fortaleza ele não esperava as transformações que ocorreriam em sua vida pelo fato de obter novos saberes que o viria o libertar da prisão denominadas de barreiras, que é a ausência de acessibilidade.

No Instituto, João Paulo começa a interagir com outros alunos e professores cegos, e isso o permitiu em primeiro lugar derrubar o paradigma de que uma pessoa cega não poderia estudar e trabalhar. Em pouco tempo no Instituto João Paulo começa a ter aulas de Orientação e Mobilidade. Esses ensinamentos teriam enormes impactos positivos em sua vida por meio da autonomia do ir e vir.

Ainda mais, ele fez cursos de informática acessível, começou a aprender a usar o soroban e iniciou seus estudos do Sistema Braille. Em pouco tempo, João Paulo já tinha adquirido conhecimentos desses saberes, bem como se alfabetizou de forma rápida, ao ponto que professores o inscreveram na Educação de Jovens e Adultos (EJA), para ele cursar o Ensino Fundamental I e II, pois, nessa época ele já contava com quinze anos.

Por volta de seus vinte e quatro anos, João Paulo começa a ter um encontro maior com as tecnologias assistivas, por meio dos leitores de tela e de *softwares* que propiciaram sua autonomia no aprender a obter saberes e em demais atividades da vida social. Com o DOSVOX, ele pôde compreender a sistemática do uso de um computador, já pelo leitor de tela “*Jaws*” ele conseguia realizar as atividades no computador, visto o *Jaws* ser um leitor de tela. Foi por meio dessas tecnologias assistivas, mas, o apoio pedagógico dos professores que João Paulo termina o Ensino Fundamental.

No ano de 2010, com vinte e seis anos, João Paulo retorna a sua cidade natal com vistas a realizar seu Ensino Médio. Na época estava sendo implementada a Educação Especial no município e na Escola Estadual da cidade iria ter uma sala de AEE. Desta forma, ele regressa na esperança de poder concluir seu Ensino Médio como qualquer outro aluno e ter a experiência de estar em uma sala comum.

Conta João Paulo ter sido ele o primeiro aluno cego matriculado em uma escola na cidade de Aracati, e como estava matriculado no primeiro ano do Ensino Médio, os professores tiveram muito receio, porém, houve uma troca de experiências, e isso fortaleceu bastante o processo de aprendizagem. João Paulo cita o nome de uma Professora como sendo uma das professoras que mais o auxiliou e deu apoio nos três anos do Ensino Médio. A Professora mencionada é Januária Mesquita, ela atuava na Sala de Recursos Multifuncionais Tipo I, e colaborava em todas suas atividades.

Além do apoio dos professores em sala, relata João Paulo que ter obtido os conhecimentos das tecnologias por meio do uso do notebook que levava para a escola e de sua autonomia em escrever e ler em braille fizeram toda a diferença em seu processo de aprendizagem nos três anos do Ensino Médio. Ele ainda diz que: "Eu costumava levar meu *notebook* para a escola, onde realizava tarefas, provas e fazia anotações da mesma forma que uma pessoa com deficiência visual faria. Para mim, o *notebook* tornou-se meu caderno, meus livros e a principal ferramenta para estudo e aprendizado."

João Paulo prossegue ao compartilhar sua perspectiva e sugere uma pergunta que poderia ser dirigida a ele: "Você poderia ter utilizado ferramentas inclusivas, como livros em braille, regletes e punções?" E sua resposta seria afirmativa: "Certamente, poderia! Não subestimo a importância desses instrumentos. No entanto, ao descobrir o potencial do *notebook*, percebi a capacidade de avançar e produzir mais." Ele enfatiza que essa preferência não desmerece os recursos tradicionais, mas destaca que o uso de computadores ou *notebooks* oferece velocidade e autonomia, duas qualidades cruciais na vida acadêmica. Como ele menciona: "Ao experimentar os benefícios das tecnologias assistivas, você não deseja mais abrir mão delas."

Sendo o primeiro aluno cego em Aracati, João Paulo se tornou uma fonte valiosa de aprendizado para os professores locais. Essa colaboração resultou na criação de novas metodologias para o processo de ensino e aprendizagem, uma forma de tecnologia assistiva cujo objetivo primordial é desenvolver a melhor abordagem para atender às necessidades educacionais dos alunos.

João Paulo observa que as tecnologias assistivas, tanto no passado quanto hoje, não representam a perfeição absoluta no ensino médio. Ainda existem desafios a serem superados, especialmente no ensino de disciplinas de ciências exatas, como matemática, física e química. No entanto, ele elogia o esforço contínuo dos professores para superar esses obstáculos.

João Paulo afirma que disciplinas como matemática, física e química são altamente dependentes de elementos visuais, tornando a aprendizagem mais fácil para aqueles com visão, devido à presença de muitos sinais e símbolos. Do mesmo modo, línguas estrangeiras também apresentam desafios, especialmente quando a escrita não corresponde à pronúncia em alguns casos. No entanto, João Paulo ressalta que os alunos cegos precisam de oportunidades de estudo, e os professores devem adotar métodos que permitam a aprendizagem. Embora as tecnologias assistivas desempenhem um papel significativo, ainda existe um déficit percebido por ele.

Ao concluir o Ensino Médio em 2012, João Paulo estava determinado a continuar seus estudos e ingressar na graduação em Direito, com o objetivo de advogar pelos direitos das pessoas e transformar sua própria vida. Ele iniciou a preparação para o vestibular com foco no curso de Direito, embora não tivesse disponível em sua região. Ele concentrou seus esforços no vestibular da UERN Campus Central, localizado no município de Mossoró.

Graças ao seu esforço dedicado, João Paulo obteve aprovação em seu primeiro vestibular, realizado em 2013, e começou sua graduação em Direito em 28 de fevereiro de 2014. João Paulo atribui seu sucesso no vestibular à recepção calorosa e apoio oferecidos pela UERN, desde sua primeira visita até a realização do vestibular. Durante o vestibular, os responsáveis pela aplicação das provas permitiram que ele utilizasse recursos que lhe proporcionassem autonomia, incluindo o uso de um notebook, entre outros recursos não especificados.

No entanto, João Paulo enfrentou desafios durante o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2013. Ele relata que a prova não era acessível, pois não permitia o uso de um *notebook* para realizar a redação. Ele destaca: "

Não sei como está hoje, mas na minha época o ENEM não era acessível. Responder a noventa questões apenas com o auxílio de um leitor não me proporcionava autonomia, embora eu goste de utilizá-lo. No entanto, depois de aprender a fazer uma redação com o auxílio de um *notebook*, ganhei muito mais autonomia. (Narrativa de João Paulo Barbosa, Aracati, 2023).

Cursar Direito para ele foi tranquilo, por ser um curso onde o mais exigido é a leitura e escrita, por não haver gráficos e fórmulas, com o uso do computador, foi bem proveitoso todo

o aprendizado. Ainda mais, relata que os professores e os colegas do curso foram bem receptivos, o auxiliando em seu processo de aprendizado. João Paulo não mencionou, mas, por sua presença na Faculdade de Direito (FAD) na UERN, o Diretor da FAD, o Professor Dr. Lauro Gurgel de Brito, tornou o bloco de Direito acessível e mandou colocar pisos táteis em todo o bloco.

As ações realizadas pela Faculdade de Direito (FAD), bem como o empenho dos professores e dos próprios alunos, desempenharam um papel crucial na transformação da experiência de João Paulo no curso de Direito em algo verdadeiramente enriquecedor. Ele enfrentou inúmeras batalhas e desafios ao longo de sua jornada acadêmica, destacando, em particular, a necessidade de acordar muito cedo para chegar à Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) e, muitas vezes, retornar para casa tarde da noite, devido à sua residência situar-se em outro estado. Não obstante essas dificuldades logísticas, o curso deixou uma marca profundamente positiva em sua vida.

É evidente, por meio das narrativas de João Paulo, que quando a instituição se preocupa com o bem-estar do aluno e proporciona as condições mínimas para que ele exerça suas atividades, o aprendizado ocorre de forma mais tranquila. Retrato isso, pois, também cursei Direito em uma instituição privada, porém, no meu caso, senti-me acolhido apenas no primeiro semestre; posteriormente, enfrentei inúmeras barreiras, incluindo aspectos atitudinais, de comunicação, de informação, de metodologias, e, sem mencionar, atos preconceituosos por parte de alguns gestores. Assim, minha jornada acadêmica tornou-se uma batalha constante para conquistar o direito de receber uma educação de nível superior.

João Paulo concluiu seus estudos em 2019 e, em pouco tempo, prestou o exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), conseguindo aprovação na primeira fase em sua primeira tentativa. Na segunda fase, que abordava Direito do Trabalho em 2020, João Paulo novamente obteve êxito. Ele atribui sua aprovação ao fato de ter recebido acesso à recursos das tecnológicos necessários para a realização das provas.

Com todas essas batalhas, do desejo de querer ir estudar, do aprender o uso das tecnologias assistivas, do período de sua graduação e do passar na OAB, João Paulo diz que cabe a ele “tentar ao máximo ser o protagonista de sua história, independente da classe social, ser rico ou pobre, ou se nasceu na Zona Rural ou Zona Urbana. Precisamos nos esforçar mais que os outros e não querer em hipótese alguma obter facilidades, pois na vida, não há facilidades”. Essas falas apresentam o real sentido e espírito daqueles que nascem para ser vencedores.

Foto 11 – Foto da Colação de Grau de João Paulo Barbosa



Fonte: Arquivo pessoal de João Paulo Barbosa (2019).

Entretanto, uma questão de consenso na visão de todas as pessoas com deficiência visual que obtiveram algum êxito social é a fala de que necessitam trabalhar e lutar mais que as demais pessoas, pois a sociedade não abre as portas para uma pessoa cega, ao contrário, enxerga nós pessoas com deficiência visual como pessoas frágeis. João Paulo retrata isso ao dizer que “precisamos lutar mais e se dedicar mais que outras pessoas, isso não é vitimismo, ao contrário, é uma realidade que sentimos na pele todos os dias. Não quero de forma algumas facilidades, mas, também não quero que me prejudiquem”.

Perguntei a João Paulo qual a importância das tecnologias assistivas para ele, e ele respondeu que: “as tecnologias assistivas são uma ferramenta essencial para a autonomia profissional, social e econômica para a pessoa com deficiência, não somente na educação, mas também nas relações sociais”. João Paulo diz isso com esclarecimentos de que as tecnologias na atualidade propiciam uma maior autonomia para a pessoa com deficiência visual.

Em utilizar os *smartphones* com leitores de tela por mais de nove anos, João Paulo sintetiza que com o uso de *smartphones*, a pessoa com deficiência visual pode transladar pelas cidades com maior autonomia por meio de aplicativos de transportes, dos mapas instalados que indicam a localização onde se almeja chegar, além de pagar contas e realizar compras de forma *online*. Todos esses recursos permitem a pessoa cega ter sua autonomia e uma maior interação com a sociedade. Dessa forma, a pessoa deixa de ser um sujeito inerte e é um sujeito

participativo, e com isso, melhora a sua qualidade de vida e a das pessoas que estão presentes no círculo familiar e de amizades.

Questionei a João Paulo qual eram os recursos que o auxiliavam na infância, ele expôs não haver muitos recursos para a educação de pessoas com deficiência visual em sua época, entretanto, ele fala que seria muito pertinente se na sua infância tivesse tido contato com o DOSVOX, visto esse programa ter um recurso específico para a formação e educação de crianças com deficiência visual, em principal, os jogos existentes, bem como no aprender a usar um computador.

Na infância João Paulo não teve contato com a bengala, até porque existia e existe um estigma ainda sobre o uso dela, porém, quando foi ao Instituto de Cegos em Fortaleza/CE ele começou a usar com orientações básicas, ao qual, a regressar a sua cidade para cursar o Ensino Médio, ele deixou de usar. Em 2014, em visita ao CADV em Mossoró, o professor de Orientação e Mobilidade João Zacarias Neto deu as orientações do como usar a bengala de corretamente, onde até os dias atuais a utiliza como uma extensão de seu corpo, como lhe foi orientado.

Quando perguntei a João Paulo se ele já tinha vivenciado algum ato de preconceito, ele respondeu: “Devo ter passado, mas, declaradamente, não! Porém, acredito que devemos compreender o que é o preconceito da falta de conhecimento e informação”. O preconceito advém de um conceito antecipado de algo que não se conhece, dessa forma, por não conhecer algo, a pessoa pode ser indelicada ou dizer algo que possa desrespeitar. Todavia, a discriminação se manifesta quando alguém está ciente da realidade de uma pessoa com deficiência visual, mas, por não aceitar e respeitar sua singularidade, age de maneira a diminuí-la ou menosprezá-la. Essa forma de discriminação contra pessoas com deficiência é conhecida como capacitismo.

Após expor essa distinção entre preconceito e discriminação, João Paulo compartilhou uma experiência comum a todas as pessoas com deficiência visual quando estão acompanhadas por alguém que enxerga. Ele lembrou de um incidente em que foi ao dentista e, durante a marcação com a atendente, esta dirigiu a pergunta sobre seu nome completo à pessoa que o acompanhava. Com um toque de humor, João Paulo respondeu: "Moça, meu problema está nos olhos, não nos ouvidos. Portanto, você pode perguntar a mim. Quando mexerem na minha boca e eu não puder falar, aí sim, pergunte à minha amiga."

Nesse episódio, João Paulo identificou três possíveis razões para o comportamento das pessoas em relação às pessoas com deficiência visual que estão acompanhadas. A primeira é o preconceito, muitas vezes resultado da falta de informação, que leva as pessoas a subestimarem

a capacidade da pessoa com deficiência visual e acreditarem que ela não sabe como se comportar na sociedade. A segunda razão é a insegurança das pessoas, que temem ofender ou serem desatenciosas na interação com a pessoa com deficiência visual. A terceira razão, que está relacionada às duas anteriores, é a falta de exposição a pessoas com deficiência visual interagindo normalmente na sociedade.

João Paulo também enfatizou que situações semelhantes ocorreram em diferentes momentos de sua vida e em diversos lugares. Ele destacou que as pessoas só podem aprender a lidar adequadamente com pessoas com deficiência visual quando têm a oportunidade de conhecê-las. Além disso, ele observou que o cinema, novelas e séries muitas vezes retratam as pessoas com deficiência visual de forma estereotipada, como incapazes, o que não reflete a realidade.

João Paulo argumenta que a falta de informação ou informações incorretas disseminadas pela mídia são problemáticas associadas a atos preconceituosos. Às vezes, as pessoas retratam indivíduos com deficiência visual de maneira equivocada, seja ao idealizá-los como heróis, como acontece com super-heróis cegos nos quadrinhos. Segundo João Paulo, "Nós não somos apresentados à sociedade como realmente somos". Ele destaca que, ao longo do tempo, as pessoas de seu convívio deixam de enxergar sua deficiência visual, já que ele interage como qualquer outra pessoa. Isso, ele observa, é uma experiência compartilhada por todas as pessoas cegas que buscam conquistar seus objetivos na vida.

A narrativa de João Paulo reflete a realidade vivenciada por pessoas com deficiência visual. Devido aos estereótipos enraizados na sociedade, as pessoas muitas vezes adotam atitudes de negação. Portanto, João Paulo considera importante que as pessoas com deficiência visual estejam constantemente envolvidas na sociedade e presentes em todos os setores. Somente assim poderemos reduzir ou eliminar os preconceitos existentes. Quanto à discriminação, João Paulo acredita que pode ser difícil erradicá-la, pois é uma atitude inerente a algumas pessoas.

Ao final do nosso primeiro encontro, perguntei a João Paulo se ele acredita que as tecnologias assistivas oferecem oportunidades para as pessoas com deficiência visual reaprenderem a viver. Ele respondeu:

Sim, elas não apenas possibilitam um processo de reaprendizado da vida, pois, falando da minha experiência, não vivi ambos os lados, o de enxergar e perder a visão, mas também permitem que todos nós vivamos, proporcionando uma vida para aqueles que nunca enxergaram e um processo de reaprendizado para aqueles que já enxergaram. (Narrativa de João Paulo Barbosa, Aracati, 2023).

Ao seguir as palavras de João Paulo, ele resumiu de maneira excepcional a relevância das tecnologias assistivas para pessoas com deficiência visual. Essas tecnologias têm o poder de possibilitar um processo de reaprendizado para aqueles que já enxergaram, uma oportunidade de viver plenamente para aqueles que nunca tiveram a capacidade de enxergar e a inclusão na sociedade para aqueles que escolhem utilizá-las em seu cotidiano.

Foi através da busca incansável por seu direito à educação que João Paulo concluiu o Ensino Médio em Aracati, em 2012. Ele continuou sua jornada acadêmica e, em 2019, obteve seu diploma de Bacharel em Direito na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. No ano seguinte, em 2020, ele conquistou sua aprovação na prova da OAB, marcando um importante avanço em sua carreira. Em 2021, João Paulo deu mais um passo em direção ao aprimoramento de seu conhecimento, ao concluir uma Pós-graduação em Direito Constitucional pela LEGALE Educacional. Atualmente, ele almeja ingressar no programa de Mestrado em Direito da Universidade Federal do Semi-Árido - UFERSA, ao mesmo tempo que se dedica aos estudos para se preparar para um concurso público. João Paulo é movido por seus sonhos de um futuro promissor, e, à medida que ele continua a escrever sua trajetória, nós, que o conhecemos, temos a certeza de que seu esforço e dedicação o levarão a alcançar seus objetivos. É apenas uma questão de tempo até que ele realize seus sonhos.

3.3 Um Baixa Visão com visão da transformação

O presente tópico discorrerá a peregrinação de Alexandre Robério Ribeiro dos Santos, pessoa com baixa visão severa. Saiu da cidade onde residia em Lauro de Freitas, no estado da Bahia, no ano de 2019, para ingressar no curso de Música na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na cidade de Mossoró. Ele saiu de sua cidade e estado, com o sonho de realizar uma graduação, e esse objetivo advém de um desejo enorme de transformação por meio de seus saberes e vivências da música, e, de seu vivenciar as tecnologias assistivas, onde tem os saberes e práticas para o seu reaprender a viver e fomentar isso a outras pessoas com deficiência visual de seu estado e do município onde se encontra no período de sua graduação.

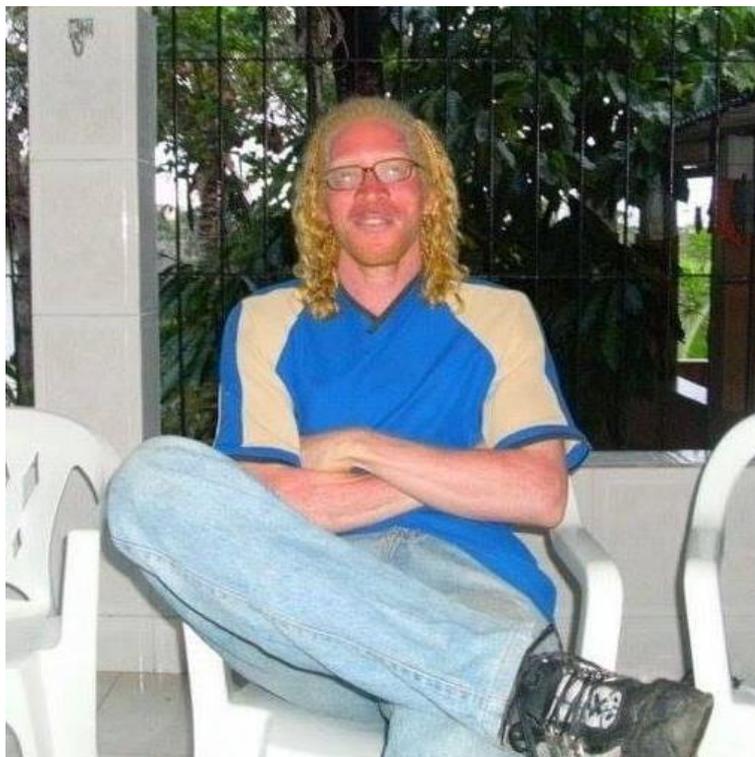
Alexandre Robério Ribeiro dos Santos, nasceu em 28 de março de 1983, na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia. No período da escrita desta dissertação, Alexandre é pessoa com visão monocular, ele é cego no olho esquerdo e com baixa visão Severa/Grave no olho direito. Sua deficiência visual é congênita, advinda por ser albino, isso ocorre pela

ausência de pigmentação da melanina, as pessoas albinas têm a tendência da hipopigmentação da íris e da retina, levando a deficiência visual.

Alexandre Robério foi escolhido como sujeito desta pesquisa por ser uma pessoa com deficiência visual com baixa visão, além de estudar na UERN é uma pessoa com o desejo de vencer na vida. Não espera o sucesso vir, mas, vai em busca dele, e além de tudo, visa auxiliar outras pessoas com deficiência visual por meio de seus conhecimentos nos saberes e práticas no uso das tecnologias assistivas.

A história de Alexandre Robério se entrelaça com a minha história, por termos saído de outro estado para estudar na UERN. Conheço-o mediante a um fato dele ter sido selecionado pelo SISU no curso de Música na UERN em 2019, e conforme o Edital, ele precisaria participar de uma junta multidisciplinar, todavia quando chegou na cidade, percebeu que seu ônibus estava atrasado, então ele ligou para uma servidora da UERN e perguntou se ele ainda daria tempo de participar da junta multiprofissional.

Foto 12 – Foto de Alexandre Robério Ribeiro dos Santos



Fonte: Arquivo Pessoal de Alexandre Robério Ribeiro dos Santos (2021).

Ela informou para ele tentar, e foi a partir desse acontecimento que a história de Alexandre se entrelaça com a minha. Esse fato que será narrado trouxe muita dor a Alexandre, assim como em outro momento a UERN havia me causado uma enorme dor, porém, eu e

Alexandre fomos como a fênix, saímos das cinzas da morte intelectual e ressurgimos para nos tornarmos protagonistas de nossas próprias histórias.

Para demonstrar como foi e o como se deu esse protagonismo de Alexandre Robério, busquei em narrativas as memórias de sua infância, adolescência e início de sua vida adulta. Por Alexandre nascer albino e com a baixa visão, seus pais não compreendiam o tipo de deficiência visual que ele tinha. Por ser algo costumeiro na vida de muitos albinos, devido a paradigmas, dizem que eles têm que usar óculos escuros no sol, porém, isso não resolvia. Com isso, ele foi levado ao oftalmologista para verificar se necessitaria de usar óculos de grau, ao qual foi identificado essa necessidade, entretanto, mesmo com os óculos com o grau correto, não era o suficiente para ele enxergar bem.

Quando Alexandre explicou aos seus pais que, apesar de usar óculos escuros e óculos de grau, ambos não estavam proporcionando um resultado satisfatório, seus pais não conseguiram compreender completamente a sua condição. Naquela época, o conhecimento sobre baixa visão era limitado, e a maioria das pessoas acreditava que ou se enxergava perfeitamente ou se era completamente cego. Quando alguém usava óculos e ainda assim não conseguia enxergar bem, era comum ouvir as pessoas dizerem: "Tente óculos novos, esses não estão te ajudando em nada." Essas expressões e concepções surgiam da falta de entendimento sobre o que realmente era a baixa visão.

Alexandre Robério compartilha que, devido à falta de conhecimento sobre sua deficiência visual, ele se sentia frequentemente confuso. Havia momentos em que relutava em usar óculos, pois acreditava que eles não atendiam às suas necessidades. Quando alguém com baixa visão não compreende completamente as especificidades de sua condição, é comum sentir que algo está errado, seja devido à ineficácia dos óculos ou a um problema grave que não consegue identificar. Além disso, as palavras de outras pessoas sugerindo que o problema estava nos óculos apenas aumentavam suas dúvidas e receios.

Alexandre Robério relata: "Na infância, minha visão era um pouco melhor, mas ao longo do tempo, fui perdendo a capacidade de enxergar. Durante a adolescência, minha visão piorou ainda mais, e aos 23 anos, sofri um descolamento de retina que me deixou cego do olho esquerdo. Aos 30 anos, perdi ainda mais visão." Ele revela que atualmente possui apenas 10% de visão no olho direito. Todas essas experiências o motivaram a aprender estratégias para melhorar sua qualidade de vida. Foi durante a época em que perdeu a visão do olho esquerdo que ele tomou conhecimento de sua condição de baixa visão, o que o ajudou a compreender melhor sua deficiência e a lidar com as barreiras existentes na sociedade.

Devido à perda precoce de seus pais, sua mãe quando ele tinha cerca de doze anos e seu pai quando tinha cerca de quatorze anos, Alexandre Robério teve poucas referências parentais durante a adolescência. Ele acredita que, se seus pais ainda estivessem vivos, suas dificuldades teriam sido menos desafiadoras. Quando entrou em contato com outras pessoas com deficiência visual, ele adotou o uso da bengala sem hesitação, ao contrário dos óculos, que relutava em usar. Ele compartilha que até hoje, usa óculos devido a uma experiência quando tinha cerca de vinte e três anos. Os membros de um coral compraram óculos para ele, tornando sua participação no coral condicionada ao uso dos óculos.

Ao aprender a viver com baixa visão, Alexandre Robério começou a explorar novas oportunidades em sua vida. Em 2018, ele se inscreveu no ENEM, e com sua pontuação, candidatou-se ao curso de Música através do SISU. Ele começou a avaliar sua probabilidade de aprovação com base na nota de corte. Durante suas pesquisas, descobriu que a UERN Campus Mossoró oferecia essa oportunidade. A partir desse momento, ele iniciou uma busca mais aprofundada sobre a cidade e procurou fazer amizades locais através de grupos no *WhatsApp*.

Em 28 de janeiro de 2019, ao receber os resultados do SISU, Alexandre percebeu que havia sido aprovado. De acordo com as informações no site da UERN, ele aguardava um novo edital com detalhes sobre a avaliação da Junta Multiprofissional, que ele precisaria passar. Durante esse período de espera, ele buscou entrar em contato com representantes da UERN para obter todas as informações necessárias. Finalmente, em 1º de março de 2019, o Edital n.º 021/2019 – PROEG/UERN foi publicado, convocando os candidatos aprovados na chamada regular do ENEM/SISU 2019, na categoria de pessoa com deficiência, para a realização da perícia pela Junta Multiprofissional da UERN.

De acordo com o Anexo Único do Edital, Alexandre Robério deveria comparecer à Junta Multiprofissional em 14 de março, a partir das 18:30h, como estipulado no item 2.4 do Edital. Com essa informação em mãos, ele se dirigiu à rodoviária mais próxima de sua casa e adquiriu passagens de ida e volta para chegar à cidade na data marcada para a avaliação e retornar ao seu estado de origem em 16 de março. No entanto, ao embarcar, ele percebeu que, devido a um pequeno atraso no ônibus, sua chegada à cidade ocorreria por volta das 17h do dia 14 de março.

Quando observou ser 21h, Alexandre liga parou uma pessoa da UERN e disse está próximo de chegar, seria provável ele está na Faculdade de Medicina por volta das 21:45h. A servidora da UERN informou ter conversado com um dos membros da Junta e ela informou não haver mais nenhum membro da Junta presente no local. Como o Edital informava apenas

o horário de início da Junta Multiprofissional que era “a partir das 18h30min” e não informava o término, seguindo a ótica do funcionamento da UERN, as atividades da instituição funcionavam até às 22h. A servidora da UERN então informou a Alexandre para ele voltar no outro dia, visto os membros da Junta Multiprofissional não estarem mais presentes.

Ao chegar na Rodoviária, Alexandre Robério pergunta onde teria uma pousada para ficar, informaram ter uma pousada perto, então, ele se dirigiu para a Pousada. No outro dia, ele foi para a ADVIM encontrar a sua amiga que conheceu pela internet. Na ADVIM, Alexandre fez muitas amizades e conheceu outros alunos com deficiência visual que passariam pela Junta Multiprofissional à noite.

Naquela noite, Alexandre Robério chegou à Faculdade de Medicina da UERN por volta das 18h para realizar a avaliação da Junta Multiprofissional, sendo o primeiro aluno a chegar. No entanto, ao entregar seus documentos, alguns minutos depois, foi informado de que seu nome não constava na lista daquele dia e, portanto, não poderia participar da avaliação. Alexandre então entrou em contato com a servidora da UERN com quem estava se comunicando, e ela pediu para falar com um dos representantes da Junta. No entanto, o membro da Junta alegou não saber como resolver a situação, alegando que não estava em sua competência tomar decisões, pois estava simplesmente seguindo as diretrizes do Edital.

Sentindo-se injustiçado, essa situação foi extremamente frustrante e dolorosa para Alexandre. Ele tentou argumentar com a equipe da Junta, mas os membros da Junta afirmaram que não tinham autoridade para resolver o problema, já que estavam seguindo as diretrizes do Edital da PROEG. Alexandre mencionou que estava programado para chegar por volta das 21:45h, mas a servidora da UERN confirmou que eles não estavam mais presentes naquele horário, como informado pelo membro da Junta.

Desolado, ele expressou sua frustração: "Estou aqui com a intenção de estudar, e quantas pessoas simplesmente não se esforçam? Eu vim de outro estado para estudar, e vocês fazem isso comigo?" O membro da Junta reiterou que não estava dentro de suas atribuições resolver essa questão e recomendou que ele entrasse com um recurso por meio do CONSEPE. Nesse momento, Alexandre ficou sem saber o que fazer e retornou à pousada, onde percebeu que só teria recursos para se manter por mais dois dias. Após esse período, não teria mais meios financeiros para se sustentar, e ainda corria o risco de perder a passagem de volta, caso decidisse tentar resolver a situação na UERN.

Por Alexandre fazer amizade com os sócios da Associação dos Deficientes Visuais (ADVIM), os representantes da associação obtiveram a ciência do fato ocorrido e o convidou a se dirigir a entidade na segunda-feira no dia 18 de março. Por coincidência, na segunda eu

havia ido ao CADV conversar com um professor, algum sócio da ADVM relatou por cima o fato que ocorrera comigo em 2015. Então pediram-me para redigir um requerimento para os órgãos colegiados da UERN, pois, eles iriam demonstrar a um advogado que apoiava e dava suporte a associação.

Após a elaboração do documento, alguns membros da diretoria da ADVM acompanharam Alexandre ao advogado, que confirmou que o requerimento estava bem elaborado e poderia ser encaminhado ao CONSEPE. Naquela semana, um professor do CADV se ofereceu para acompanhar Alexandre até o Campus Central da UERN para entregar o requerimento. Ao entregá-lo, o documento foi encaminhado ao Conselho de Ensino e Pesquisa (CONSEPE), que prometeu analisar o caso e fornecer uma resposta o mais rápido possível por e-mail.

Ele então pergunta ao representante do CONSEPE se o período da resposta iria demorar muito, o membro do CONSEPE o informou que ele seria chamado para sua defesa em uma reunião do Conselho que seria por volta do mês de maio a junho daquele ano. Alexandre perguntou se ele poderia retornar ao estado dele, visto ele não ter como ficar em Mossoró, e disse: “Vocês me informam com antecedência para eu poder vir para Mossoró?”, e o servidor garantiu que ele seria informado.

Alexandre Robério retorna ao seu estado e começa a se organizar para retornar a Mossoró em junho de 2019. Assim, ele chegou em Mossoró no dia 01 de junho com dois objetivos: buscar ingressar na UERN naquele mesmo ano por meio da decisão do CONSEPE ou então iria fazer o ENEM para assim ingressar no outro ano. Por volta do dia 03 de junho Alexandre recebe um e-mail da UERN convocando-o para sua defesa no CONSEPE, no dia 04 de junho no período matutino no Campus Central.

Quando terminou de ler o e-mail, ele fica indignado, pois, se ele estivesse em seu estado, por informarem sem um prazo médio e pré-determinado, ele não teria como chegar em sua defesa, porém, como ele já estava em Mossoró, disse que iria para a sua defesa. No dia 04 de junho pela manhã ele se dirigiu para a reunião do CONSEPE, foi dada a oportunidade de ele expor sua defesa e argumentos, e com uma enorme maioria, a decisão foi favorável a Alexandre. Quando ele estava a se dirigir a ADVM, ele recebe um e-mail do CONSEPE perguntando-o se ele poderia estar naquele dia às 14h na Faculdade de Medicina, e ele respondeu que estaria presente na hora e local determinado.

Ao chegar na Faculdade de Medicina apenas dois membros da Junta se faziam presentes, um dos membros perguntou a Alexandre se ele poderia mesmo fazer a graduação em Música, por ele não conseguir enxergar um regente. Essa pergunta deixou-o impactado,

porém, ele respondeu: “Eu toco instrumentos há muitos anos, mesmo eu não conseguindo enxergar o regente, pelo compasso dá para eu acompanhar”. O sentimento e pensamento de Alexandre era de que a Junta queria reprová-lo, todavia ele obteve êxito em sua aprovação.

Eu já participei de duas Juntas Multiprofissionais na UERN, a primeira quando ingressei na graduação de Filosofia em 2016 e a outra na graduação de Pedagogia em 2022, os membros da Junta fazem perguntas para tentar buscar ao máximo de veracidade da alegação dos alunos com deficiência, em momentos pode até aparentar ser constrangedor, contudo, essas perguntas são necessárias, pois, muitas pessoas buscam ingressar em uma graduação da UERN na vaga de pessoas com deficiência e as mesmas não têm deficiência alguma, no máximo quando ao ter é um distúrbio ou algum transtorno.

No Artigo 1 da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e no Artigo 2 do Estatuto da Pessoa com Deficiência – Lei Brasileira de Inclusão esclarece o que é pessoa com deficiência, e o § 1º diz que em alguns casos devem ser considerados os fatores biopsicossociais, e é nessa ótica que a Junta Multiprofissional atua, em principal quando a deficiência é não-aparente, como é o caso da baixa visão.

A questão é que todos esses fatos de algum modo elevaram a motivação de Alexandre Robério a se dedicar ao máximo em sua graduação. Ele diz que “eu serei um dia orgulho para a UERN, onde eu for eu levarei o nome dela e nela sempre constará meu nome como seu aluno”. É óbvio que esses fatos marcaram muito Alexandre, entretanto, ele teve a resiliência e a flexibilidade para tornar aquilo que poderia ser de muita dor e morte, e tornar em motivação para sempre dar o melhor de si.

Entendo ser pertinente narrar esse fato, visto que Alexandre só conseguiu obter o êxito em ingressar na graduação em Música na UERN porque ele tem saberes e práticas em tecnologias assistivas constituídos e construídos ao longo de sua vida. Ele fez o ENEM com o apoio de um leitor, fez a inscrição no SISU por seu computador, viajou de seu estado para a cidade de Mossoró sozinho, fez amizades com as pessoas do lugar, antes de vir a Mossoró procurou contato com servidores da UERN para obter informações claras, e em principal, quer vencer na vida.

Todas essas experiências dos saberes e práticas em tecnologias assistivas não impedem que os fatos do cotidiano sejam dolorosos e tristes, mas, ao obter esses saberes, a pessoa busca os meios necessários para vencer. Agora é importante mencionar que a sociedade não visa construir um ambiente inclusivo para as pessoas com deficiência, e isso em alguns casos propicia um sentimento de injustiça social, e quando algo simples, como um direito comum de cada pessoa é colocado alguma barreira ou obstáculo, como o caso do direito a educação, ao

haver algum empecilho, as dores da injustiça afloram, fazendo com que nossa alma sinta dores enormes com um anseio por clemência, e isso é muito natural em nós pessoas com deficiência.

Porém, como as pessoas com deficiência conquistaram e ganharam o direito a cotas no mercado de trabalho e em universidades públicas, muitas pessoas sem deficiência tentam infringir as leis com viés de levar vantagens, por esse motivo, são criados protocolos e atos de verificação se de fato a pessoa tem alguma deficiência. Pode parecer ilógico a uma pessoa com deficiência querer comprovar sua deficiência, pois, ela vivencia as marcas, entretanto, por não conhecer a pessoa e sua real situação, é necessário elaborar critérios para comprovar a deficiência, e isso precisa e necessita ser compreendido pelas pessoas com deficiência que estão em busca de vencer.

É necessário deixar o “vitimismo” e dar lugar ao protagonismo, isso para aqueles que querem vencer. As dores do preconceito e discriminação precisam ser compreendidas com um aspecto de uma herança cultural que durante séculos veriam nós pessoas com deficiência como seres incapazes, cabe a nós, mudarmos essa história, erguer-se, obter cada vez mais os saberes e práticas em tecnologias assistivas, e só assim poderemos reaprender a viver e mudar essa visão capacitista. Depois de Alexandre me informar o fato ocorrido na UERN, perguntei a ele qual a importância das tecnologias assistivas em sua vida, ele disse:

Sem o auxílio das tecnologias assistivas, é difícil alcançar qualquer objetivo. Quando você aceita quem é e busca essas ajudas, tudo se torna mais simples. Por exemplo, no meu computador, não tenho o NVDA, não porque não o queira, e no meu celular, o *Talkback* não está disponível, não porque não o deseje. A razão é que, mesmo sem esses recursos, ainda consigo enxergar no computador e no celular utilizando outras alternativas. No entanto, quando me deparo com um extenso documento em PDF, para evitar forçar a visão, recorro ao *software "DSpeech"* no computador. Sem esse recurso, como eu conseguiria ler? Como poderia realizar minhas atividades de forma independente? Seria necessário sobrecarregar a minha visão. Portanto, posso afirmar que, sem o suporte das tecnologias assistivas, é possível realizar tarefas, mesmo sendo uma pessoa com baixa visão, mas a dificuldade seria consideravelmente maior. (Narrativa de Alexandre Robério Ribeiro dos Santos, Mossoró, 2022).

Ao ele expor sua opinião acerca das tecnologias assistivas, aproveitei para perguntar quais as tecnologias assistivas que ele utilizou em sua infância e adolescência, em principal na escola. Ele então respondeu que na infância e início da sua adolescência, as escolas não ofertavam nenhuma metodologia inclusiva, e ao ingressar no Ensino Médio, chegou a ser reprovado algumas vezes. Contudo, Alexandre relata que tudo começou a mudar quando um professor percebeu a sua baixa visão.

Esse Professor ficou indignado com a equipe pedagógica da Escola, diz Alexandre que em um momento o Professor chegou a dizer: “Como pode ninguém nunca ter percebido a sua dificuldade visual? A Escola deve buscar medidas para garantir um melhor ensino para você”. Até essa época Alexandre não conhecia o que era a baixa visão, e o Professor só percebeu sua deficiência no momento de uma prova, que na hora de responder, foi preciso como muitas vezes colocar a prova bem próxima dos olhos para assim poder enxergar.

A partir dessa fala do Professor, todas as suas provas e atividades eram impressas com fontes ampliadas e adquiriram uma lupa simples para o ajudá-lo nas atividades. Conta Alexandre que a lupa não o auxiliava, porém, observava o interesse dos professores em querer promover o melhor para ele. A lupa simples, aquelas utilizadas nas escolas, não auxilia muito a pessoa com baixa, visão tendo em vista que a pessoa com baixa visão necessita de contraste entre as cores para assim conseguir enxergar, por não haver esse contraste na lupa comum, ela acaba por não ter muita serventia. Quando a escola realizou as atividades de forma inclusiva, Alexandre não repetiu mais de ano.

Ao terminar o Ensino Médio, Alexandre Robério se matriculou em uma instituição privada para fazer o curso de Informática Básica e em seguida se matriculou no SENAI para fazer o curso de Informática Avançada. Por fazer esses dois cursos, Alexandre começa a ter um maior domínio do computador e isso promoveu uma maior autonomia em seu aprendizado. Alexandre Robério informa que na época do curso no SENAI, usava o sistema de Lupa ancorada do *Windows*, a tela era dividida em duas partes, uma pequena parte em cima com a lupa e na parte maior da tela era normal, era necessário a pessoa ter muito domínio do mouse para usar esse recurso.

Alexandre relata também outros dois tipos de lupa do *Windows*, sendo uma lupa que aumenta as informações em um quadrado que segue o ponteiro do mouse, e o mais usado pelas pessoas com baixa visão na atualidade é a lupa em tela cheia. Ambos os recursos dispõem do aumento em porcentagem, inversão de cores e é necessário ter o domínio do *mouse* do computador para usá-la. A lupa do *Windows* possibilita a pessoa com baixa visão, seja ela qual o grau tenha, a preferência de ver com inversão de cores ou não, oportuniza três formatos, aquele que se adequa a cada pessoa, e isso é interessante, pois, como mesmo se aponta, cada pessoa é uma pessoa, e cada metodologia melhor se adequa a singularidade de cada sujeito.

Antes de terminar o curso de Informática Avançada no SENAI, Alexandre Robério começou a ser atendido pelo Hospital Irmã Dulce em Salvador, por ser uma instituição que oferta também um apoio especializado, Alexandre conhece diversos tipos de tecnologias

assistivas voltadas as pessoas com deficiência visual, entre elas a lupa eletrônica, os leitores de tela para computadores e ampliadores de mesa.

Alexandre Robério ampliou seus conhecimentos sobre tecnologias assistivas para pessoas com deficiência visual durante sua visita ao Instituto de Cegos da Bahia. Lá, além de familiarizar-se com as ferramentas que já conhecia, descobriu novos recursos como o *Dspeech* para computadores, o aplicativo *@Voice* e um *scanner* de texto para *smartphones*. Durante sua estada no Instituto, ele recebeu um monóculo, que, embora tenha proporcionado alguma ajuda, não era totalmente adequado às suas necessidades. Alexandre, que possui um monóculo de grau 4, na verdade precisaria de um monóculo de grau 8 para atender plenamente às suas necessidades. No entanto, ele enfatiza que o monóculo ainda lhe é útil para pegar ônibus e visualizar textos a longa distância. Ele ressalta, no entanto, que, dada a inadequação do monóculo em sua situação, ele ainda prefere confiar em sua bengala.

Diante do conhecimento de todos esses recursos, eu pergunto a Alexandre se ele em algum momento de sua vida já vivenciou o preconceito e a discriminação por ser pessoa com deficiência visual. Ele diz que na infância sofreu mais preconceito devido ao albinismo, as crianças da escola lhe davam o apelido de “Gasparzinho”, por não enxergar os textos na lousa, quando se dirigia perto da lousa para escrever, os colegas de sala diziam: “Saia da frente que você não é transparente”.

Na adolescência e na fase adulta o preconceito não impactava tanto, as pessoas diziam mensagens preconceituosas, mas, isso não o deixava triste. Porém, um fato marcou muito, e isso ocorreu na Graduação, esse fato ele não quis mencionar. Entretanto, ele apenas relatou que se ele não tivesse vivenciado todas as experiências em sua vida e o impacto que passou para estar na graduação, ele teria desistido, pois, para ele era inimaginável ter presenciado o ato discriminatório na Universidade, mas, Alexandre Robério disse que essa situação de algum modo o fortaleceu mais e que isso são “águas passadas”.

Diante de todas as narrativas apresentadas por Alexandre Robério, as pessoas com deficiência visual frequentemente enfrentam atos preconceituosos ao longo de suas vidas. No entanto, em busca de pertencer a esse ambiente social, elas adaptam-se para se sentirem aceitas. Ainda assim, as palavras e ações discriminatórias que vivenciaram são como feridas em processo de cicatrização. Qualquer novo incidente é como uma pancada na ferida, fazendo com que sangre. Algumas feridas estão mais cicatrizadas do que outras, mas, dependendo da intensidade da "pancada", ainda podem sangrar.

Mesmo que essas feridas estejam em constante processo de cicatrização, as pessoas com deficiência visual estão aprendendo a viver novamente com o auxílio das tecnologias

assistivas. Nesse processo de aprendizado, elas estão superando desafios e quebrando paradigmas, o que contribuirá para uma nova fase na história da educação para pessoas com deficiência visual. Ao se aproximar do final de suas palavras, Alexandre Robério afirmou: "Se não fossem as tecnologias assistivas, não teríamos chegado aonde estamos." Compreender esse "nada" significa entender como a sociedade costumava enxergar as pessoas com deficiência visual, frequentemente as tratando como dependentes e infantilizadas. No entanto, as tecnologias assistivas proporcionam liberdade e autonomia, o que é uma conquista significativa.

Em 2023, Alexandre Robério concluiu sua graduação em Música na UERN, e seu sucesso é, em parte, resultado do apoio oferecido pela DAIN. Regularmente, Alexandre busca suporte para realizar atividades e provas, demonstrando a importância dessa diretoria em fornecer as condições necessárias para que os alunos com deficiência alcancem seu potencial de aprendizagem. Quando se refere à DAIN, Alexandre afirma: "Graças a Deus pela existência da DAIN; sem ela, teria sido muito mais desafiador concluir minha graduação."

Após concluir sua graduação, Alexandre Robério tem planos ambiciosos para seu futuro. Ele deseja aprofundar seus conhecimentos em programação de computadores e internet, continuar aprimorando suas habilidades musicais e se tornar um instrutor em instituições de ensino. Além disso, seu objetivo é oferecer apoio e orientação a outras pessoas com deficiência visual, ajudando-as a superar desafios e alcançar o sucesso. Alexandre, apesar de sua baixa visão, assume a missão de inspirar a transformação em todos que o rodeiam. Sua determinação o capacita a atuar na sociedade como um exemplo de superação, trazendo harmonia, ritmo e melodia para o mundo à sua volta. Com seu comprometimento e paixão, ele está bem posicionado para efetuar essa transformação e inspirar outros a fazerem o mesmo.

3.4 O aprender de quem vive as tecnologias assistivas

Conforme visto pelos relatos de todos os sujeitos, eles obtiveram sucesso e protagonismo social pelo fato de não se "vitimizarem" e terem a resiliência do aprender a aprender, aprender a ser, aprender a conviver e o aprender a reaprender a viver por meio dos saberes e práticas em tecnologias assistivas. Fica evidente que todos os sujeitos dessa pesquisa sofreram e ainda sofrem com constantes barreiras, porém, o uso das tecnologias assistivas os permitem superar esses obstáculos e se tornarem o que são.

No tocante a educação, foi visto uma análise do avanço em três décadas, a começar pelas experiências de Marlos Bezerra, de João Paulo e Alexandre Robério. Marlos Fernandes

não obteve a vivência de ser um estudante do Ensino Fundamental e Médio como pessoa com deficiência visual, mas, de algum modo, suas narrativas colaboraram para o entender de como um professor desses ensinos devem proceder ao ter um aluno com deficiência visual.

Foi observado uma diferenciação de como era a educação escolar no Ensino Fundamental e Médio de João Paulo e de Alexandre Robério. Na década de 80, João Paulo e seus pais não sabiam o como proceder em seu aprendizado escolar, foi por volta de sua adolescência que ele teve a oportunidade de ser alfabetizado no Instituto de Cegos do Ceará. Já Alexandre Robério, por ter a baixa visão leve na infância, pôde ser alfabetizado no ensino comum da época, contudo, seus pais e professores não compreendiam sua deficiência visual.

Na educação dos dias atuais no Brasil, mediante as Políticas Públicas de distribuição de renda que garantem Direitos Sociais, como o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC), as crianças com deficiência precisam estar matriculadas de forma regular em uma escola, com isso, se observa mais crianças com deficiência em salas de aula, o que não era visto em outros momentos. Essas Políticas Públicas de algum modo favoreceram a inserção dessas crianças na escola, e a escola ao longo do tempo, tem buscado mecanismos que possibilitam a interação desses sujeitos com a educação.

A educação de uma pessoa com deficiência visual deve ser pautada na singularidade de cada ser, do tipo de sua deficiência visual, de suas vivências, da interação com sua família e do meio social em que vive. Uma pessoa que nasce cega não pode ser equiparada a alguém com cegueira adquirida, ou com cegueira legal. É essencial considerar as particularidades da visão limitada, incluindo a forma como a pessoa enxerga e quais contrastes são mais adequados à sua percepção visual. Da mesma forma, no caso de pessoas com visão monocular e baixa visão, é crucial analisar as singularidades e peculiaridades dessa condição. Compreendendo essas diferenças, fica claro que não é viável aplicar uma metodologia única para atender a todos esses grupos da mesma maneira. No entanto, existem abordagens que se mostram mais eficazes para promover uma educação inclusiva e equitativa para essas pessoas.

Os avanços na educação de pessoas com deficiência foram possíveis devido a diversas iniciativas ao longo das últimas três décadas. Estes progressos foram impulsionados pela Constituição Federal de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n.º 9.394/96), pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, elaborada por um Grupo de Trabalho designado pela Portaria Ministerial n.º 555 de 5 de junho de 2007 (posteriormente prorrogada pela Portaria n.º 948 de 09 de outubro de 2007), pela Convenção Nacional sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência (Decreto n.º 6.949/2009), pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência - Lei Brasileira de Inclusão (Lei n.º 13.146/2015) e pelos Planos

Nacionais de Educação, elaborados com base nas diretrizes das conferências municipais, estaduais e nacionais de Educação.

Antes do desenvolvimento destas políticas inclusivas no contexto educacional, a educação de pessoas com deficiência visual era em principal oferecida em institutos especializados. Estes incluíam o Instituto Benjamin Constant no estado do Rio de Janeiro, o Instituto de Cegos Antônio Pessoa de Queiroz no estado de Pernambuco e o Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos do Rio Grande do Norte, entre outros estabelecimentos em todo o país. Além das atividades desempenhadas por esses institutos, o Governo Federal do Brasil complementou essas iniciativas ao desenvolver o programa do Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual (CAP) e o Núcleo de Apoio Pedagógico e Produção Braille (NAPPB), visando enriquecer o ensino comum para pessoas com deficiência visual.

Os CAPs e os NAPPBs no Brasil desempenham um papel fundamental ao oferecer suporte pedagógico aos alunos com deficiência visual matriculados no ensino regular. Em resumo, eles auxiliam na criação de materiais didáticos em braille, fornecem orientação e mobilidade, bem como promovem atividades da vida diária, conhecidas como AVD. Além disso, essas entidades desempenham um papel importante na habilitação e reabilitação, capacitando os alunos com deficiência visual a utilizar diversas tecnologias e alcançar autonomia em suas atividades diárias. Em geral, os CAPs são implementados pelos estados, enquanto os NAPPBs são oferecidos pelos municípios, sendo responsabilidade de cada ente manter e garantir a realização desses trabalhos e atividades.

Um ponto a ser destacado, com base nas experiências que vivenciei enquanto era Diretor CADV, é que muitos alunos com deficiência visual e seus pais expressavam preocupação devido à falta de igualdade nas atividades promovidas pelos professores em relação aos demais estudantes. Relatos de defensores da inclusão de longa data destacam que, em alguns casos, a inclusão era interpretada por alguns professores como simplesmente acomodar esses alunos em algum canto da sala. No entanto, essa não é uma verdadeira inclusão; pelo contrário, configura-se como exclusão educacional e negligência por parte dos supervisores e coordenadores escolares.

É fundamental reavaliar essa realidade enfrentada por muitas pessoas com deficiência visual, especialmente os alunos cegos e com baixa visão severa. Em alguns casos, esses alunos são tratados como se tivessem distúrbios, transtornos ou mesmo deficiência intelectual, o que não é o caso. Mesmo alguns professores, alegando falta de conhecimento sobre como lidar com a situação, não proporcionam igualdade de condições por meio de metodologias que permitam a plena inclusão e interação desses alunos com deficiência visual.

Em algumas circunstâncias, as escolas disponibilizam profissionais de apoio para atenuar as deficiências na educação. Contudo, se houvesse uma comunicação eficaz entre o aluno, o professor, os profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e a Educação Inclusiva, com a elaboração de Planos Educacionais Individualizados (PEI) e Planos de Atendimento Individualizado (PAI), com certeza poderíamos assegurar os princípios fundamentais da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CIDPCD) e da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), como igualdade de oportunidades, dignidade e participação plena. O desafio reside no fato de que o sistema educacional brasileiro ainda adota uma abordagem positivista, centrada em conteúdo e antiquada, devido ao modelo educacional ainda em vigor. Nesse contexto, Mantoan (2004, p. 38) expressa essa realidade ao afirmar:

Os sistemas escolares também estão calcados em um pensamento que recorta a realidade, que permite subdividir os alunos em “normais” e com deficiência. A lógica dessa organização é marcada por uma visão determinista, mecanicista, formalista, reducionista, própria do pensamento científico moderno, que ignora o subjetivo, o afetivo, o criador, sem os quais não conseguimos romper com o velho modelo escolar, para produzir a reviravolta que a inclusão impõe. Essa reviravolta exige, em nível institucional, a extinção das categorizações e das oposições excludentes – iguais/diferentes, normais/deficientes – e, em nível pessoal, que busquemos articulação, flexibilidade e interdependência entre as partes que se conflitavam nos nossos pensamentos, ações, sentimentos. Essas atitudes diferem muito daquelas típicas das escolas tradicionais, em que ainda atuamos e nas quais fomos formados para ensinar.

Embora o texto de Maria Teresa Mantoan tenha quase duas décadas, continua sendo atual e relevante, pois a segregação entre alunos com deficiência e aqueles sem deficiência persiste. Em alguns casos, professores do ensino regular erroneamente consideram que os alunos com deficiência devem depender inteiramente dos professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para o ensino de conteúdos e atividades avaliativas. No entanto, os professores que atuam em salas de AEE, também conhecidas como Salas de Recursos Multifuncionais (SRM), devem focar em proporcionar atividades e recursos pedagógicos que promovam a autonomia dos alunos com deficiência na sala de aula comum. Além disso, eles devem orientar os professores do ensino regular sobre como trabalhar com alunos que possuem necessidades específicas.

Em alguns casos, professores do ensino comum alegam não saber como ensinar alunos com deficiência visual e sequer se esforçam para pesquisar as metodologias apropriadas que podem ser aplicadas. Existem diversas metodologias e tecnologias disponíveis, e a obtenção de informações está a apenas um clique de distância em mecanismos de busca na internet. Portanto, não é aceitável que professores e equipes pedagógicas se desculpem por falta de

conhecimento. Basta dedicar algum tempo para ler artigos, assistir vídeos ou entrar em contato com profissionais de institutos, Centros de Apoio Pedagógico (CAP) ou Núcleos de Apoio Pedagógico às Pessoas com Deficiência Visual (NAPPB) em qualquer parte do Brasil para esclarecer qualquer dúvida.

Diante de todas essas realidades, o que realmente buscamos é assegurar que as pessoas com deficiência visual tenham condições adequadas no processo educacional. O fato de não enxergarem, enfrentarem o preconceito familiar e social, e não terem igualdade de oportunidades nas salas de aula já representa um obstáculo significativo para o desenvolvimento desses alunos. A educação deve ser concebida para capacitar os indivíduos a atuar de forma produtiva em empreendimentos e atividades laborais.

Porém, a percepção de que as pessoas com deficiência visual não possuem as condições e habilidades necessárias para desempenhar um papel ativo no mercado de trabalho acaba, por vezes, promovendo atitudes capacitistas. Isso significa que muitos não veem as pessoas com deficiência como membros produtivos da sociedade. Esse ceticismo contribui para a construção, de maneira prejudicial, da autoimagem das pessoas com deficiência visual e para a crença de que o sucesso social é inatingível, o que, por sua vez, alimenta o autocapacitismo, quando a pessoa com deficiência deixa de acreditar em si mesma. Para discutir essa batalha no campo da educação das pessoas com deficiência, podemos recorrer ao entendimento de Mantoan (2004, p. 39), que afirma:

Nossa luta pela inclusão escolar tem uma dimensão ética crítica e transformadora. A posição é oposta à anterior, ao entender que as diferenças estão sendo constantemente feitas e refeitas; pois elas vão diferindo, infinitamente. As diferenças são produzidas e não podem ser naturalizadas, como habitualmente pensamos. Essa produção é sustentada por relações de poder e merece ser compreendida, questionada e não apenas respeitada e tolerada. Os movimentos em favor da inclusão, dentre os quais os educacionais/escolares, devem seguir outros caminhos que não os propostos por nossas políticas (equivocadas?) de inclusão, pois acreditamos nas ações que contestam as fronteiras entre o regular e o especial, o normal e o deficiente, enfim os espaços simbólicos das diferentes identidades. As ações educativas inclusivas que propomos têm como eixos o convívio com as diferenças, a aprendizagem como experiência relacional, participativa, que produz sentido para o aluno, pois contempla a sua subjetividade, embora construída no coletivo das salas de aula.

É através dessa interação na sala de aula que os paradigmas, que por séculos consideraram as pessoas com deficiência como incapazes, podem ser desfeitos. Quando a escola e os professores permitem que as pessoas com deficiência participem em igualdade de condições, explorem ao máximo seu potencial e utilizem tecnologias assistivas para aprender,

a inclusão se torna uma realidade e as barreiras anteriormente existentes se transformam em acessibilidade. O propósito das tecnologias assistivas é exatamente esse: remover barreiras e proporcionar assistência às pessoas com deficiência, permitindo que elas atendam às suas necessidades específicas e participem plenamente na vida social, como qualquer outra pessoa.

Infelizmente, a acessibilidade ainda não está plenamente implementada, e indivíduos como Marlos Fernandes, João Paulo, Alexandre Robério e eu somos frequentemente considerados como aqueles que superaram obstáculos. Somos admirados e, de certa forma, colocados em um pedestal, como se tudo o que conquistamos fosse extraordinário em comparação com o padrão "normal". No entanto, a realidade é que apenas tivemos e temos o desejo de vencer, independente de termos uma deficiência ou não. Isso decorre da determinação inerente a cada ser humano. É importante reconhecer que ainda sofremos os impactos do capacitismo na sociedade, mas, assim como qualquer pessoa que aspira ao sucesso, somos persistentes em nossos objetivos.

Para chegar onde estamos, tivemos que ignorar muitas vozes que diziam não sermos capazes, que éramos dependentes, que o mundo seria mais difícil para nós, que deveríamos depender de aposentadoria e benefícios. Fomos aconselhados a não estudar, a não trabalhar, a não casar e, às vezes, parece que até mesmo a sonhar nos é negado. São muitos os obstáculos que a vida nos impõe. No entanto, é fundamental entender que, quer tenhamos uma deficiência ou não, sempre haverá pessoas que duvidarão de nossos sonhos e objetivos. A diferença está em nossa determinação em persistir e em nossa capacidade de usar as tecnologias assistivas como uma ferramenta que nos auxilia nessa jornada.

Em meu entendimento, a inclusão para as pessoas com deficiência ocorrerá quando a educação for ofertada com igualdade, a propiciar as condições necessárias para que as pessoas com deficiência desenvolvam suas potencialidades ao ponto de elas serem preparadas para ingressarem no mercado de trabalho e não serem vistas como um ser incapacitado e infantilizado. Além de tudo, a inclusão acontecerá quando nós pessoas com deficiência deixarmos de ser vistos como sujeitos fontes de superação somente por nossa condição, e sermos vistos em igualdade aos demais.

Com relação a essa perspectiva sobre inclusão escolar e o papel fundamental das tecnologias assistivas na promoção do sucesso social das pessoas com deficiência visual, agendei uma reunião virtual para o dia 3 de março de 2023, no período da noite, com os participantes Marlos Fernandes, João Paulo e Alexandre Robério. O objetivo desta reunião é obter suas opiniões sobre como as tecnologias assistivas podem contribuir para a educação das

peças com deficiência visual na atualidade e como os professores devem agir em sala de aula para garantir uma educação mais digna e eficaz no processo de ensino e aprendizagem.

A reunião se desenrolou como uma conversa entre pessoas com deficiência visual, cada um com experiências únicas, abrangendo todas as particularidades desse tipo de deficiência. Marlos Fernandes tem cegueira adquirida em ambos os olhos; João Paulo tem cegueira congênita em ambos os olhos; Alexandre Robério enfrentou a baixa visão em graus leve, moderado e severo em ambos os olhos, e na fase adulta, tornou-se monocular, perdendo a visão no olho esquerdo, mantendo apenas dez por cento de visão no olho direito. Eu, Thiago Queiroz, também passei pela baixa visão em graus leve, moderado e severo, e atualmente tenho a cegueira legal em ambos os olhos.

Durante a conversa, que durou cerca de 1 hora e 24 minutos, abordamos questões relevantes relacionadas à educação de pessoas com deficiência visual no Brasil. Iniciei a discussão expressando minha gratidão por eles terem concordado em participar desta pesquisa e manifestando a esperança de que esta dissertação possa beneficiar professores e alunos com deficiência visual, oferecendo informações sobre como a educação é proporcionada a nós. Para aprofundar o diálogo, fiz algumas perguntas sobre suas experiências, começando com a definição de tecnologias assistivas. Foi João Paulo quem respondeu à minha pergunta inicial:

Não abordo o assunto de maneira técnica, mas sim através das minhas experiências pessoais. As tecnologias assistivas desempenham um papel fundamental ao facilitar o nosso acesso a diversos ambientes, sejam eles educacionais, profissionais, sociais ou em nossas interações com os diversos aspectos da sociedade. Elas estão presentes em nossas conversas com outras pessoas, na nossa mobilidade, como é o caso do uso da bengala, que considero uma tecnologia assistiva essencial. Para mim, as tecnologias assistivas representam uma verdadeira libertação do mundo em que vivi por muito tempo, um mundo no qual me sentia limitado. Através delas, encontrei uma sensação de liberdade e independência que antes me parecia inatingível. (Narrativa de João Paulo Barbosa, Aracati, 2023).

Marlos Fernandes explicou que as tecnologias assistivas têm evoluído ao longo do tempo. Durante sua época de estudos na UERN, ele contava apenas com dispositivos como gravadores de fita K7, o apoio de leitores, livros em braille e máquinas de escrever em braille. No entanto, atualmente, a disponibilidade de recursos avançados, como computadores e smartphones, transformou completamente a maneira como as pessoas com deficiência visual interagem com o mundo. Marlos Fernandes enfatiza que a tecnologia assistiva desempenha um papel fundamental em melhorar a qualidade de vida, o desenvolvimento e o progresso dessas pessoas. Ele destaca que, sem essas tecnologias, a vida das pessoas com deficiência visual seria muito mais limitada. Quando Marlos Fernandes afirma que, sem as tecnologias assistivas,

"seríamos cegos", ele está destacando como essas ferramentas permitem que as pessoas com deficiência visual enxerguem o mundo de uma maneira diferente e realizem tarefas equivalentes às de pessoas sem deficiência visual.

Por sua vez, Alexandre Robério argumenta que as tecnologias assistivas não são uma inovação recente, mas uma resposta contínua à necessidade de adaptação ao ambiente social. Ele ilustra isso mencionando o uso histórico de varetas de plantas ou árvores como precursoras das atuais bengalas para pessoas cegas. Ele também enfatiza como a capacidade humana de se adaptar a diversas situações adversas impulsiona o desenvolvimento de tecnologias assistivas.

Além disso, Alexandre Robério destaca a importância das inovações tecnológicas e enfatiza a necessidade de uma abordagem didática voltada para a oralidade para pessoas com deficiência visual. Ele afirma que um professor com domínio do conteúdo, habilidade argumentativa e clareza de explicação possibilita que pessoas com deficiência visual tenham acesso ao conteúdo em igualdade de condições com os demais alunos. Para ilustrar isso, ele compartilha uma experiência na qual ensinou flauta doce para alunos com deficiência visual durante a pandemia da Covid-19, utilizando métodos baseados na oralidade e a interação através do *Whatsapp*, o que permitiu que os alunos aprendessem a tocar o instrumento.

Ao apresentarem essas respostas, indaguei se as universidades estão devidamente preparando os estudantes de licenciatura, que se tornarão futuros professores, para compreender e aplicar metodologias inclusivas voltadas para pessoas com deficiência visual. João Paulo, então, iniciou uma reflexão enfatizando que, para responder a essa pergunta, é necessário traçar um panorama da evolução educacional das últimas três décadas.

Para responder a esta pergunta, é fundamental analisar o avanço das tecnologias nas últimas três décadas. Um exemplo notável desse avanço pode ser observado na história de Marlos. Há trinta anos, quando alguém cursava uma graduação em Direito e necessitava pesquisar jurisprudência, o processo envolvia uma série de desafios. Imagine o cenário hipotético: a pessoa precisava se locomover até a universidade em um veículo, e em outro veículo, teria que transportar o *Vade Mecum* em Braille [houve risos nesse momento]. Já em minha época foi totalmente diferente, eu tive mais recursos e tinha domínio em diversas tecnologias, por isso digo que evoluímos, ainda não está perfeito, porém, temos mais acesso a uma diversidade de conhecimentos que anteriormente não existia. (Narrativa de João Paulo Barbosa, Aracati, 2023).

Após concluir seu discurso, João Paulo convida Marlos Fernandes a compartilhar sua opinião e verifica se ela se alinha com a dele. Marlos Fernandes comenta:

Com efeito, a educação para pessoas com deficiência visual era muito mais desafiadora na minha época. Os recursos disponíveis eram bastante limitados, ao contrário do que temos hoje, onde os recém-formados têm a oportunidade

de adquirir novos conhecimentos e abordagens pedagógicas. Isso se deve, em grande parte, às garantias estabelecidas em nossa legislação, à atuação diligente do Ministério Público na fiscalização e ao compromisso das instituições e das famílias em assegurar o cumprimento da lei. (Narrativa de Marlos Luiz Bezerra Fernandes, Mossoró, 2023).

Marlos Fernandes esclarece que, na UERN, tanto os professores quanto os alunos desfrutaram da chance de aprofundar seu entendimento sobre educação inclusiva e das especificidades de cada deficiência, graças ao apoio e incentivo fornecidos pela DAIN, com base em suas competências e responsabilidades. Ele acrescenta:

Na minha época, a DAIN não existia, e percebo a diferença que isso faz hoje. Vocês têm acesso a um suporte mais ativo na universidade, mesmo que não tenham buscado ativamente o apoio da DAIN. Ela desempenha um papel fundamental ao disponibilizar informações e orientações para cada departamento. (Narrativa de Marlos Luiz Bezerra Fernandes, Mossoró, 2023).

Por outro lado, Alexandre Robério relata as dificuldades que enfrentou durante sua graduação em Música. Ele destaca que os professores não estavam preparados para lidar com suas necessidades e compartilha:

Fui o primeiro aluno com deficiência visual na Faculdade de Música, e, por isso, o processo de aprendizado foi uma jornada de descobertas mútuas. Foi por meio das interações e experiências cotidianas que fomos aprendendo juntos. Agora estou no último período, e embora tenha sido desafiador no início, acredito que aqueles que vierem depois de mim não enfrentarão as mesmas dificuldades. Em todos os cursos da UERN, há uma disciplina dedicada à educação e aos direitos das pessoas com deficiência, o que representa um avanço significativo. No entanto, ainda persiste um desafio relacionado a alguns professores que continuam a adotar abordagens pedagógicas antigas que consideram mais eficazes. Nesse cenário, os estudantes ainda se veem obrigados a se ajustar às metodologias dos professores, uma vez que estes demonstram relutância em realizar mudanças. Embora eu não queira criar conflitos, muitas vezes me vejo tendo que me adaptar às metodologias desses professores, todavia o ideal seja que eles também se ajustem às minhas necessidades específicas. (Narrativa de Alexandre Robério Ribeiro dos Santos, Mossoró, 2023).

Quando Alexandre Robério abordou a questão de professores que relutam em se adaptar ou adotar metodologias que facilitem a educação das pessoas com deficiência visual, João Paulo acrescentou: "É curioso e relevante, pois é uma verdade que Alexandre apresentou. Lembro-me de professores que não se atualizaram em métodos inclusivos. Dos quarenta professores que tive, apenas dois mantiveram seus métodos e não proporcionaram adaptação de recursos." Diante desse ponto, solicitei que João Paulo compartilhasse uma de suas experiências vividas, e ele prontamente relatou:

Eu costumava realizar minhas provas no computador, solicitando aos professores que disponibilizassem o exame em um *pendrive* para que eu pudesse respondê-lo no Word. No entanto, houve um professor que frequentemente esquecia de trazer a prova para mim e sugeriu que eu a realizasse em parceria com outra pessoa. Eu questionei o professor, indagando se a prova estava planejada para ser feita em dupla por todos os alunos, ao que ele argumentou que não era o caso. Eu então expressei que não desejava esse tipo de tratamento preferencial, pois não estava em busca de facilidades. Se o problema fosse esse, eu preferiria realizar a prova em outra ocasião, ou até mesmo, se o desafio residisse no uso do computador, estava disposto a fazer o exame na DAIN. Houve também uma ocasião em que o professor sugeriu que um simples resumo bastaria. É importante frisar que minha intenção não era obter vantagens ou privilégios, pois estava evidente que tais concessões eram motivadas pela minha condição de deficiência visual. (Narrativa de João Paulo Barbosa, Aracati, 2023).

Alexandre Robério acrescenta com tristeza e angústia: "É muito desolador quando você entra na sala de prova e descobre que todos os seus colegas têm acesso ao exame, exceto você, porque o professor se esqueceu de disponibilizá-lo". Alexandre continua dizendo: "Isso aconteceu no segundo período, e houve até um caso em que um professor esqueceu minha prova por três semanas, enquanto meus colegas já tinham suas notas registradas no sistema, e eu fiquei sem resposta." Em seguida, eu compartilhei uma experiência semelhante que tive:

Durante o segundo período da minha graduação em Direito, uma situação marcante ocorreu. Um professor informou que havia esquecido de entregar minha prova e sugeriu que eu dispensasse a avaliação. Ele argumentou que minha mera presença na faculdade já merecia nota máxima, chamando-me de guerreiro. No entanto, decidi que gostaria de ser avaliado da mesma forma que meus colegas. Eu estava disposto a aceitar uma possível nota baixa, desde que fosse resultado do meu esforço genuíno. O professor me aconselhou a discutir o assunto com a coordenação do curso. Ao fazer isso, a pessoa responsável expressou descontentamento com minha postura e sugeriu que eu agradecesse ao professor pela oferta. No entanto, mantive minha posição firme e expliquei que desejava fazer a prova, seja com adaptações, como o uso de um computador ou auxílio de um leitor, ou da maneira tradicional. Meu principal objetivo era aprender e ser avaliado como qualquer outro aluno, sem qualquer favorecimento. (Narrativa de Thiago Fernando de Queiroz, Mossoró, 2023).

Quando terminei de falar, em seguida, João Paulo disse em tom de risos: "você é guerreiro! Você é vencedor! Pense em um adjetivo que eu não compartilho. Quando a pessoa diz eu ser um guerreiro ou ser um herói, eu digo, herói é o Chapolim Colorado". Nesse instante rimos bastante, pois isso acontece constantemente em nossas vidas, e isso retrata a marca do capacitismo social, não somos heróis e nem mesmo queremos facilidades, o mínimo que buscamos é respeito. Contudo, quando reivindicamos respeito, é como se quiséssemos um benefício à mais, é como se nos dissessem "agradeça, você não era para estar aqui, você é

deficiente, incapacitado, você não tem direito a pedi nada, você deveria é agradecer por poder estar vivendo”.

Podem parecer duras essas palavras, porém é a realidade. Em alguns momentos, o sentimento que temos é como se vivêssemos no período da exclusão ou segregação, onde as pessoas com deficiência eram mortas ou expulsas do seio social. Para quem não tem nenhuma deficiência, dizer isso pode aparentar uma fala melancólica, mas, é a realidade. Somos desprezados por sermos quem somos e quando obtemos algum avanço social, algumas pessoas demonstram que por sermos pessoas com deficiência não merecíamos conquistar nada, apenas servir como um ser que provém recursos para a família por meio de um benefício ou aposentadoria.

Conforme continuamos nossa discussão sobre se as universidades têm preparado adequadamente seus alunos para interagirem com pessoas com deficiência visual, comparando nossas experiências na universidade, solicitei que eles compartilhassem orientações para professores de diferentes níveis de ensino - Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior - que tenham alunos com deficiência. O primeiro a abordar o tema foi João Paulo:

Não existe um guia definitivo que contenha todas as informações necessárias para ensinar uma pessoa com deficiência visual. No entanto, há ações fundamentais que um professor pode realizar para promover a equidade na educação. Em primeiro lugar, o professor deve identificar o tipo e o grau da deficiência visual do aluno. É importante reconhecer que existem diferentes categorias, como cegueira congênita, cegueira adquirida e baixa visão. Cada uma delas requer abordagens distintas. Para obter essa compreensão, o diálogo direto com o aluno é essencial. Em segundo lugar, o professor deve adaptar os recursos e estratégias de ensino para atender às necessidades específicas do aluno com deficiência visual. Mesmo que o professor não seja um especialista em acessibilidade, demonstrar interesse e empenho na adaptação dos conteúdos pode fazer uma grande diferença. Em alguns casos, a colaboração com um professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE) pode ser extremamente benéfica. Quando essas medidas são adotadas, a pessoa com deficiência visual encontrará maior motivação para aprender. (Narrativa de João Paulo Barbosa, Aracati, 2023).

João Paulo aborda que essas duas ações devem ser aplicadas por professores de todos os níveis de ensino, é preciso identificar, conhecer, conversar com os sujeitos e a partir de então elaborar recursos para atender à necessidade específica do aluno. Marlos Fernandes complementa a fala de João Paulo ao dizer: “Como o processo de inclusão escolar é bilateral, professor e o aluno com deficiência precisam dialogar, o professor tem que ter e desenvolver a empatia, bem como o professor precisa entender que ele não sabe de tudo, ele precisa ter a abertura para novas informações”.

Marlos Fernandes enfatiza que a educação inclusiva para pessoas com deficiência é construída na interação e na singularidade de cada ser, e isso ocorre dia após dia. Ele cita a DAIN e diz: “Hoje a DAIN tem tudo pronto, entretanto, mesmo assim ela pergunta a vocês qual a melhor metodologia, como vocês aprendem e passam para os departamentos. É necessário ter essa rede de comunicação, professor-aluno-escola e escola-professor-aluno”. O que Marlos Fernandes diz é que: “o professor precisa conversar e conhecer o aluno com deficiência e passar a informação para a equipe pedagógica da escola. Após isso, a escola precisa dar o suporte ao professor por meio das tecnologias assistivas para garantir os meios viáveis a aprendizagem do aluno com deficiência”.

Alexandre Robério expressa sua opinião destacando que a abordagem pedagógica varia de acordo com o nível de ensino. Ele enfatiza que a chave para o sucesso educacional reside na interação entre o professor e o aluno. De acordo com ele, o professor deve ser capaz de identificar a metodologia mais apropriada para atender às necessidades individuais de cada aluno.

Alexandre Robério compartilha uma experiência significativa que teve durante uma conversa com um profissional especializado em leitura para pessoas com deficiência visual na DAIN. Durante essa conversa, ele enfatizou a importância de adaptar a abordagem educacional às necessidades específicas dos alunos com deficiência visual. Ele ilustrou seu ponto de vista mencionando que crianças cegas que frequentam o Ensino Infantil e Fundamental podem se beneficiar do ensino do braille e do soroban. No entanto, à medida que avançam para o Ensino Médio e Superior, a utilização de recursos adicionais, como tecnologias digitais, torna-se mais apropriada. Ele enfatiza que a flexibilidade da metodologia é crucial, já que cada contexto educacional é único e requer abordagens sob medida.

Posso compreender a partir das palavras de Alexandre Robério que o processo de aprendizagem de uma pessoa cega de nascença difere substancialmente daquele de uma pessoa que adquire a cegueira ao longo da vida. Além disso, essa experiência de aprendizado também se distingue daquela de alguém com baixa visão e, ainda mais, de alguém que, ao longo da vida, transita de uma visão parcial para a cegueira total. Cada realidade é única, no entanto, para capacitar a autonomia das pessoas com deficiência visual em todos os níveis de educação, é essencial que elas adquiram habilidades como o Braille, o Soroban, noções básicas de Orientação e Mobilidade e se familiarizem com as tecnologias da informação. Devem buscar ser agentes ativos em sala de aula, em vez de apenas mais um aluno. No final do discurso de Alexandre Robério, João Paulo compartilha uma reflexão ao afirmar:

A pessoa com deficiência não pode achar que tudo em sua vida deve ser fácil pelo fato dela ter uma deficiência, achar que o mundo precisa se adaptar cem por cento a ela e ela não ter que se adaptar a nada. A pessoa com deficiência visual precisa ser responsabilizada em sua parte e não achar que o professor em sala de aula deve entregar tudo pronto e ela não precisar se esforçar em nada. A pessoa precisa chamar a responsabilidade para si e não se fazer de vítima, ela deve buscar a sua autonomia. (Narrativa de João Paulo Barbosa, Aracati, 2023).

A declaração de João Paulo me faz refletir sobre a necessidade de entender que a inclusão não se resume em apenas à sociedade adotar medidas "includentes", mas também implica que as pessoas com deficiência devem ser conscientes de sua própria responsabilidade em agir de maneira "includente". Como diz o ditado, "é uma via de mão dupla", e isso requer um esforço conjunto e uma participação ativa de ambas as partes.

O que João Paulo falou, me levou a passear pelas memórias onde presenciei pessoas com deficiência visual serem ignorantes com outras pessoas, pelo simples fato de elas perguntarem se queriam ajuda para atravessar a rua. Lembro que quando presenciei esse fato, eu me coloquei no lugar da pessoa, ela foi gentil em querer ajudar e a pessoa com deficiência visual foi ignorante, e isso demonstra o quanto algumas pessoas com deficiência são excludentes em algumas situações. Assim, João Paulo continua em suas falas:

Como disse, a pessoa com deficiência deve fazer sua parte e não achar que tudo deve vir pronto, o professor deve agir de uma forma que não atrapalhe e que dê condições para eu aprender de forma equitativa. Por exemplo, o meu caso e o de Thiago, quando o professor não queria passar a prova para nós por sermos pessoas com deficiência visual, com essa atitude o professor está atrapalhando no nosso aprender. Hoje, existem diversas tecnologias assistivas, se não houvesse, eu não teria como exigir nada de um professor, mas como existe, o professor e a escola têm a obrigação de disponibilizar os recursos necessários, e a pessoa com deficiência visual, deve trabalhar em conjunto com eles. (Narrativa de João Paulo Barbosa, Aracati, 2023).

Logo em seguida Marlos Fernandes falou: "Concordo com João Paulo, existe toda uma rede que atua na educação especial, o professor hoje não tem como dar desculpas, temos a sala do AEE; os coordenadores e supervisores devem estar em sintonia com o professor e o aluno, bem como não podemos deixar de lado a família". Marlos Fernandes destaca a importância da colaboração conjunta entre a escola, a família e a pessoa com deficiência para efetivamente promover a educação inclusiva. Isso fica evidente em sua síntese, na qual ressalta que a educação inclusiva requer o envolvimento ativo de todas as partes envolvidas, ainda mais:

Nossa abordagem educacional não pode ser estritamente "bancária", como discutido por Paulo Freire em um de seus livros. A educação não deve se limitar a transmitir conteúdo, mas sim ser moldada pelo processo de ensino e aprendizagem. Se nos restringirmos apenas ao ensino de conteúdo, estar na

sala de aula se torna uma experiência vazia e sem sentido, na qual apenas se passam informações que, na prática da vida, não terão utilidade. Isso resulta em uma perda de tempo significativa. Portanto, é crucial estabelecer uma rede de colaboração. Em Mossoró, temos instituições como o CADV, a DAIN e diversas salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Além disso, há uma hierarquia que envolve o Ministério da Educação (MEC), as Secretarias de Educação e as Escolas. O ensino deve ser capaz de refletir a realidade para que possa ter um significado genuíno, senão, perde-se o sentido do que aprender e do como aprender. (Narrativa de Marlos Luiz Bezerra Fernandes, Mossoró, 2023).

Considero altamente relevante as discussões e as experiências compartilhadas por cada um dos participantes da pesquisa. Após ouvir suas vivências, decidi abordar a questão da relevância da DAIN tanto para eles quanto para os demais estudantes com deficiência atualmente matriculados na UERN. Esta indagação surgiu em virtude de nossa experiência prévia como alunos da UERN, na qual tivemos a oportunidade de compreender o impacto significativo que a DAIN possui não apenas na nossa instituição de ensino, mas também no município, nos estados e nas instituições nacionais e internacionais que mantêm parcerias com a DAIN. Assim como nas questões anteriores, foi João Paulo quem se manifestou inicialmente:

A Professora Ana Lúcia Aguiar sempre enfatiza um princípio fundamental da Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência: "Nada sobre nós, sem nós". Isso significa que a participação ativa das pessoas com deficiência em todos os processos é de suma importância. Quando iniciei minha graduação na UERN, experimentei pessoalmente a aplicação desse princípio. A DAIN desempenhou um papel essencial no meu percurso acadêmico. Eles organizaram um processo de reconhecimento de todos os espaços da universidade, e lembro claramente da ajuda que recebi do servidor João Neto, que também era professor de Orientação e Mobilidade na DAIN. Ele me guiou por todos os locais, tornando-me familiar com as instalações da universidade. Além disso, a equipe da DAIN me apresentou aos recursos disponíveis para estudantes com deficiência. Isso foi incrivelmente reconfortante, pois me fez sentir acolhido e seguro, sabendo que havia apoio disponível para mim. Essa experiência fortaleceu minha determinação de concluir minha graduação com sucesso. (Narrativa de João Paulo Barbosa, Aracati, 2023).

Em seguida, Marlos Fernandes expôs que em sua época não havia um trabalho voltado ao apoio para a pessoa com deficiência, ele afirma: "Na época em que eu estudava na UERN era eu e o professor, não havia nenhum órgão que interagira com os professores e os departamentos. Os professores eram muito conservadores e limitados, mas por um lado, não ofereceram resistência em meus estudos". Ele destacou que, em comparação com a situação atual na UERN, o apoio disponível para pessoas com deficiência naquela época era considerado "inadequado" e carente de suporte.

Marlos Fernandes explica que essa situação começou a mudar quando a professora Maria Vera Lúcia Fernandes Lopes em conjunto com outros profissionais, trabalharam para criarem o Departamento de Apoio à Inclusão (DAIN), ao qual foi instituído no dia 18 de abril de 2008 pela Resolução n.º 2/2008 do Conselho Universitário (CONSUNI). Em 2015, pelos trabalhos da professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, a DAIN deixa de ser departamento e passa a ser uma diretoria mediante a Resolução n.º 5/2015-CD e da Resolução N.º 04/2016-CD. A denominação da DAIN na atualidade é: Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas.

A DAIN evoluiu muito com o tempo, e hoje oferta um apoio para educandos com diversos tipos de deficiências, além de fomentar a discussão em todos os Campus da universidade. Marlos, mais uma vez enfatiza: “Na minha época, sozinho, eu tinha que conversar com os professores e os departamentos, em momentos eu não era bem interpretado, hoje é a DAIN que faz essa mediação. Sei que sempre haverá a necessidade de evoluir e melhorar, mas, graças a Deus existe a DAIN na UERN”. Nesse momento informei que a DAIN atende e oferta o apoio inclusivo à mais de 200 alunos com deficiência espalhados em todos os Campus da UERN, Marlos então disse: “Olha aí a importância da DAIN”. Após essa fala de João Paulo e Marlos, Alexandre Robério diz:

Jamais esquecerei a calorosa acolhida e a hospitalidade que a UERN me proporcionou em 24 de junho de 2019. Embora tenha viajado para a Bahia e outros lugares desde então, será impossível apagar da memória aquele momento especial. No meu primeiro dia de aula, ao chegar à entrada da UERN, fui calorosamente recebido pelas professoras Érica e Karine. Na época, eu não conhecia absolutamente nada da universidade, e para minha surpresa, estava ocorrendo um evento musical chamado Samba, organizado pela PRAE para dar as boas-vindas aos novos estudantes. Embora estivesse ansioso para chegar à minha sala de aula, a Professora Érica sugeriu que eu aproveitasse o evento da DAIN naquele dia, mas mesmo assim, gentilmente me levou até o meu bloco para me familiarizar com o ambiente. Ao longo do meu curso, deparei-me com algumas dificuldades relacionadas à metodologia de alguns professores, mas a equipe da DAIN sempre se esforçou ao máximo para me oferecer o suporte necessário. Tenho absoluta certeza de que estou prestes a concluir o curso graças à dedicação da DAIN; sem esse apoio, eu teria desistido antes. (Narrativa de Alexandre Robério Ribeiro dos Santos, Mossoró, 2023).

As declarações de Alexandre Robério, João Paulo e Marlos Fernandes ressaltam a significativa contribuição da DAIN na UERN, em seu apoio e suporte às pessoas com deficiência. João Paulo enfatiza que a Professora Ana Lúcia Aguiar vai além da simples preocupação com a conclusão da graduação dos alunos; ela almeja também o progresso desses alunos com deficiência na pós-graduação.

João Paulo expressa sua percepção sobre a Professora Ana Aguiar ao mencionar que ela os incentiva a buscar especializações, tanto de nível lato senso quanto estrito senso, pois reconhece a alta competitividade do mercado atual. É inegável que, graças à atuação da DAIN sob a liderança da Professora Ana Lúcia Aguiar, vidas foram transformadas e alunos com deficiência obtiveram sucesso acadêmico e profissional, como evidenciado por sua futura aprovação em concursos.

As experiências, vivências, conhecimentos e práticas em tecnologias assistivas dos participantes desta pesquisa nos permitem compreender o aprendizado daqueles que vivenciam as tecnologias assistivas. Através desses aprendizados, aspiramos a um futuro em que a educação de pessoas com deficiência visual seja marcada por maior igualdade de oportunidades, visando explorar ao máximo o potencial de cada indivíduo e proporcionar os recursos necessários por meio das tecnologias assistivas.

A ESPERANÇA ELA RENASCE EM MEU CORAÇÃO E A CERTEZA DE QUE PERTO ESTÁS¹¹

Quando deixei minha terra natal na Baixada Santista e me mudei para o estado do Rio Grande do Norte, onde vivi por quatro anos em Serrinha dos Pintos antes de me estabelecer em Mossoró para estudar, eu jamais imaginaria estar como estou hoje. Em muitas ocasiões, enquanto caminhava, eu ecoava em meu íntimo a música "Esperança" de Diante do Trono, porque houve momentos em que eu não acreditava mais em mim, mas sempre mantive minha fé inabalável em nosso Deus Todo-Poderoso, que tem o poder de transformar vidas.

Perder a visão aos poucos, como aconteceu comigo, é difícil perceber quando se está enxergando ou não. Às vezes parecia que eu ainda tinha visão, mas quando os golpes da vida me atingiam, o sentimento de tristeza era avassalador. Confesso que minha mente estava cheia de confusão, mas eu estava determinado a lutar. No entanto, as dores que sentia em minha alma às vezes ameaçavam me sobrecarregar, e eu começava a chorar. Nessas horas de lágrimas, eu me voltava para Deus, buscando força e sabedoria, e então continuava minha jornada.

Ouvir de algumas pessoas, e até mesmo da minha própria mente, palavras como "Você nunca chegará longe", "Você é pobre" ou "Você está fadado ao fracasso por causa da sua origem humilde e da perda da visão" era doloroso. No entanto, nessas situações, eu cantava uma das passagens da música "Esperança": "Quando as feridas do meu coração não querem sarar e me atrapalham a visão, tuas promessas são tão grandes e as lutas querem me esmagar. Oh, meu Deus! Ajuda-me a avançar." Houve inúmeras situações que poderiam ter me levado a desistir. Os desafios pareciam insuperáveis, e as dores internas eram profundas, mas eu estava determinado a manter viva a chama da esperança em meu coração.

Sempre guardarei em minhas memórias as longas caminhadas de mais de vinte quilômetros que fazia em Mossoró enquanto frequentava os cursos preparatórios para o ENEM e os cursos no SENAC. Lembro-me vividamente da recusa da universidade em 2015 e do árduo esforço que empreendi para estudar Direito, participar das reuniões dos Conselhos Municipais de Saúde e da Pessoa com Deficiência, bem como meu envolvimento prévio na Comissão da Pessoa com Deficiência da OAB subseção de Mossoró. Além disso, recordo as interações nas Conferências Nacionais, as reivindicações nas Conferências Estaduais e Municipais e, por fim, a conclusão da minha graduação e especializações. Agora, ao ingressar no Mestrado em

¹¹ Parte da letra da música Esperança de Diante do Trono (Bahia, 2004).

Educação, se eu pudesse voltar atrás uma década e me reencontrar, eu certamente demoraria a acreditar em toda a trajetória que percorri.

Ao longo de todas essas batalhas e realizações, tanto as mencionadas quanto as não mencionadas, adquiri, ao longo do tempo, conhecimentos e experiência em tecnologias assistivas, o que me permitiu conquistar minha independência. As mesmas pessoas que, no passado, duvidaram do meu potencial e disseram que eu não teria sucesso são aquelas que hoje afirmam: "Eu sempre acreditei em você; você é um vencedor!". Expresso minha gratidão a Deus e às pessoas que Ele colocou em minha vida para me apoiar ao longo dessa jornada. O que conquistei até agora representa apenas uma fração do que desejo alcançar, mas, para alguém que era considerado "nada", com a ajuda de Deus, da minha família e das pessoas ao meu redor, obtive o que tenho e estou confiante de que alcançarei todos os objetivos que ainda almejo.

Durante o período em que estive em Mossoró, três instituições exerceram uma influência significativa na minha aquisição de conhecimentos e práticas em tecnologias assistivas. A ADVIM me forneceu a base para adquirir esses conhecimentos, a UERN, apesar das dificuldades, proporcionou-me as experiências práticas necessárias, e o CADV permitiu-me aplicar o que aprendi ao longo desse tempo. Agora, por meio do POSEDUC da UERN, estou tendo a oportunidade de explorar um pouco desses conhecimentos e práticas em tecnologias assistivas em minha dissertação.

Para ilustrar de forma mais eficaz o impacto positivo das tecnologias assistivas na vida das pessoas com deficiência visual, busquei extrair conhecimentos e práticas por meio de narrativas (auto) biográficas de três indivíduos com experiências e realidades distintas das minhas. Essas pessoas também aprenderam a viver com o auxílio das tecnologias assistivas. Marlos Fernandes, por exemplo, adquiriu cegueira devido a um acidente de moto, enquanto João Paulo nasceu com cegueira congênita, e Alexandre Robério começou com baixa visão leve que progrediu para baixa visão grave no olho direito e cegueira total no olho esquerdo. Por minha vez, nasci com baixa visão leve, que evoluiu para baixa visão moderada na adolescência, e, na fase adulta, atingiu a baixa visão severa, culminando na cegueira legal que tenho hoje.

As narrativas de todos os participantes desta pesquisa revelaram que a educação de pessoas com deficiência visual pode ser de alta qualidade, proporcionando igualdade de oportunidades e permitindo que eles alcancem todo o seu potencial com eficácia. Isso requer uma parceria entre a família, a escola, os professores e a própria pessoa com deficiência. Além disso, ficou claro que o uso das tecnologias assistivas pode reduzir as barreiras que existem na

sociedade. Embora o mundo seja predominantemente visual, as tecnologias assistivas oferecem maneiras alternativas de perceber e compreender o mundo.

É muito pertinente que as famílias motivem e assegurem a inclusão de seus membros com deficiência visual em todos os ambientes. É importante que compreendam que a deficiência visual não torna a pessoa frágil ou necessitada de superproteção. Pelo contrário, é fundamental permitir a interação máxima e reconhecer que, como qualquer criança, ela pode se machucar, e isso faz parte do processo natural de crescimento. A família deve entender que seu papel consiste em preparar seus filhos e familiares para a vida, em vez de superprotegê-los, o que poderia prejudicar sua capacidade de lidar com desafios na vida social.

A escola deve fornecer os recursos necessários e investir na capacitação de toda a equipe pedagógica, incluindo a gestão, os serviços gerais e a equipe de merenda, a fim de criar um ambiente mais inclusivo e eliminar as barreiras atitudinais que podem surgir devido à falta de informação. É fundamental manter uma comunicação constante entre os professores da Educação Especial e os professores do ensino regular, além de adaptar os materiais de ensino de acordo com as necessidades dos alunos com deficiência visual.

Os professores devem buscar constantemente a formação continuada, a fim de se manter atualizados em relação às inovações metodológicas na educação. É indispensável manter um contato próximo com os alunos com deficiência visual e explorar as tecnologias assistivas disponíveis para garantir que esses alunos tenham autonomia em seu aprendizado. Além disso, os professores devem adquirir conhecimento básico em audiodescrição, uma vez que a falta de acesso à informação visual pode criar barreiras de comunicação e dificultar o processo de aprendizagem.

É importante que os professores avaliem os alunos com deficiência visual da mesma forma que avaliam os demais alunos, desafiando-os a atingir todo o seu potencial. Se não o fizerem, esses alunos podem se sentir excluídos do ambiente escolar e se tornar meros espectadores. É fundamental lembrar que a educação tem como um de seus objetivos preparar os alunos para as complexidades da vida.

O aluno com deficiência visual em hipótese alguma deve se enxergar como uma vítima por ter uma deficiência, ela precisa compreender que isso faz parte da vida humana, e com isso, ela precisa aprender a aprender a conviver com as especificidades de sua deficiência. O aluno com deficiência visual precisa colaborar e trabalhar em conjunto com o professor em sala de aula, ele deve apresentar e expor qual o melhor recurso para a assistir sua necessidade específica, e sempre buscar se desafiar e não se acomodar diante as ações capacitistas. Por vivermos em um mundo competitivo, o aluno com deficiência visual de ter a noção de que ele

precisará se esforçar mais que as demais pessoas, elas acabam por ter a vantagem da visão, porém, quando ao ter o conhecimento das tecnologias assistivas, podemos enxergar mais que uma pessoa vidente.

Diante de tudo, em minhas experiências dos saberes e práticas em tecnologias assistivas, hoje posso cantar a parte da música “Esperança” que diz: “Tua presença me aquietou a alma e me faz ninar, como um bebê que não precisa se preocupar, a minha vida escondida em tuas mãos está. Oh, meu Deus! Em Ti eu posso descansar”, pois hoje eu consigo descansar no Senhor e entender a sua vontade, e como o final da música apresenta “a esperança renasce e a certeza de que perto estás, tua paz me invade, pois tudo o que sei é te adorar”.

Finalizo aqui em agradecimentos, obrigado Professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, sua luta transforma a vida de muitas pessoas, seu legado será guardado por nós, seu nome estará na história, como uma pessoa que saiu da Ilha de Fernando de Noronha para levar a inclusão ao mundo. Como a senhora mesmo diz: “O bom da viagem, é a viagem!”. E foi no bonde da viagem da vida que aprendi a reaprender a viver por meio dos conhecimentos advindos das memórias coletivas e dos saberes e práticas em tecnologias assistivas; e continuarei no bom da viagem aprendendo cada vez mais para alcançar os meus objetivos, passar em concursos públicos, me casar, ter filhos, fazer o Doutorado e um Pós-Doutorado em Educação.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: **Editora FGV**, 2005.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994, p. 15-80.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRASIL. Decreto nº 6.949. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Publicado no **Diário Oficial da União em 25 de agosto de 2009**.

BRASIL. Lei nº 9.394. Estabelece as Diretrizes e Base da Educação Nacional. Publicado no **Diário Oficial da União em 20 de dezembro de 1996**.

BRASIL. Lei no. 13.146. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Publicado no **Diário Oficial da União em 07 de julho de 2015**.

FLORIO, Elliane Cota. ASCENSÃO SOCIAL DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA NÃO PERCEPTÍVEL DE CAMADA POPULAR: DA EDUCAÇÃO BÁSICA À UNIVERSIDADE. **Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)**. Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar. MOSSORÓ/ RN, 2019. 161p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. **Tradução: Mathias Lambert**, v. 4, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Presses Universitaires de France, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. Histórias de vida e formação: Suas funcionalidades em pesquisa, pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020.

MEDEIROS, Emerson Augusto de e AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira. O método (auto) biográfico e de histórias de vida: reflexões teórico-metodológicas a partir da pesquisa em educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 27, p. 11, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. O direito de ser, sendo diferente, na escola. **Revista CEJ**, v. 8, n. 26, p. 36-44, 2004.

QUEIROZ, T. F. e AGUIAR, A. L. O. Saberes e Memórias em Histórias de mim. Evento: **II Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade - Uma Questão de Efetivação de Direitos** - Realização: Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN). 2015.

QUEIROZ, T. F. e AGUIAR, A. L. O. Saberes e Memórias em Histórias de mim: O Patriarca. Evento: **III Seminário Potiguar: Educação, Diversidade, Acessibilidade e Direitos Humanos** - Realização: Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN). 2016.